

JOHN LANGSHAW AUSTIN

e a

Visão Performativa da Linguagem Humana

Paulo Ottoni

Este exemplar é a redação final da tese
defendida por Paulo Roberto

Ottoni

e aprovada pela Comissão Julgadora em

13 / 12 / 90

Tese apresentada ao Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em Ciências.

Ot7j

13501/BC

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

a

Kanavillil Rajagopalan

Agradeço a Cláudia Lemos, Carlos Vogt e Ingedore Koch pelas observações feitas à versão preliminar deste trabalho.

A Maria Augusta B. de Mattos pela revisão do texto.

Agradeço também, por razões diversas, a Arley Moreno, Augusto B. da Silva, Eduardo Guimarães, Eunir Silva, Maria José B. da Silva, Nina Virginia Leite, Rosemary Arrojo e Valdir Girardi.

Resumo

O objetivo principal deste trabalho é discutir as idéias de John Langshaw Austin enfocando o fenômeno da performatividade. Analiso como sua abordagem da linguagem ordinária, associada aos seus procedimentos da filosofia analítica inglesa, produziu importantes reflexões que influenciaram de maneira definitiva a lingüística e a filosofia da linguagem. Austin, ao analisar a linguagem ordinária, está propondo uma "visão performativa" que questiona o tratamento do fenômeno da performatividade no interior de uma abordagem estritamente empírica; a performatividade não deve ser encarada, assim, como um objeto lingüístico a ser analisado isoladamente por um formalismo estrito. Mostro, por um lado, como a performatividade é simultaneamente o lugar das divergências e das convergências entre pensadores; por outro lado, como são utilizados de maneiras diferentes, divergentes e até mesmo contraditórias os conceitos de "performativo", "ilocucionário" e "ato de fala". Apresento a "visão performativa" de Austin como geradora, no estudo da linguagem humana, de uma reflexão sobre o Sujeito falante e a percepção humana. Discuto, entre as noções geradoras desta reflexão, a de "uptake", noção que, ao produzir um deslocamento da intencionalidade do Sujeito falante, subverte, ao mesmo tempo, o papel centralizador desse Sujeito.

Candidato: Paulo Roberto Ottoni

Orientador: Kanavillil Rajagopalan

Abstract

The basic objective of this thesis is to discuss the ideas of John Langshaw Austin, with special emphasis on the notion of performativity. It seeks to explore how his approach to ordinary language, associated with the methodological procedures of English Analytical Philosophy, has yielded highly important reflections that have decisively influenced linguistics and the philosophy of language. Austin is, in his analysis of ordinary language, proposing a "performative outlook" that consists in questioning the treatment of the phenomenon of performativity within the traditional, strictly empirical approach; performativity should, therefore, not be seen as a linguistic object to be analysed in isolation by dint of a strict formalism. I further try to show, how, on the one hand, performativity is simultaneously the place of divergencies as well as convergencies among scholars; and how, on the other hand, the concepts of "performative", "illocutionary", and "speech act" are currently being used in different, divergent and at times even contradictory ways. I interpret Austin's "performative outlook" as a generating force, in the study of human language, for reflection about the speaking Subject and human perception. This leads to a discussion of the notions that are involved in this questioning, among which that of "uptake", which, on producing a displacement of the Speaking Subject's intentionality, subverts, at the same time the centralizing rôle of this Subject.

Résumé

L'objectif principal de ce travail est discuter les idées de John Langshaw Austin, notamment la question de la performativité. J'analyse comment son approche du langage ordinaire, associée aux procédures empruntées à la philosophie analytique anglaise, ont produit d'importantes réflexions qui ont influencé de manière définitive la linguistique et la philosophie du langage. En analysant le langage ordinaire, Austin propose une "vision performative" qui questionne le traitement de la performativité à l'intérieur d'une approche strictement empirique. La performativité ne doit ainsi pas être envisagée comme un objet linguistique à être analysé isolément par un formalisme strict. Je montre, d'une part, comme la performativité est simultanément le lieu des divergences et convergences entre penseurs; d'autre part, comme sont utilisés de façon différentes, divergentes et même contradictoires les concepts de "performatif", "illocutionnaire", et "acte de parole". Je présente la "vision performative" d'Austin comme génératrice, dans l'étude du langage humain, d'une réflexion sur le Sujet parlant et la perception humaine. Parmi les notions génératrices de cette réflexion, je discute tout particulièrement celle de "uptake", notion qui, en produisant un déplacement de l'intentionnalité du Sujet parlant, subvertit en même temps le rôle centralisateur de ce Sujet.

ÍNDICE

Introdução.....	4
 Capítulo I - John Langshaw Austin e a "Virada lingüística" na filosofia.....	 9
Introdução.....	10
1. John Langshaw Austin e a filosofia da linguagem ordinária.....	11
2. Mapeamento da obra de John Langshaw Austin..	21
3. A Visão Performativa.....	28
 Capítulo II - A performatividade e suas tensões.....	 39
Introdução.....	40
1. Austin x Benveniste: uma ruptura.....	41
2. Derrida x Searle: uma confrontação.....	54
3. Descritivistas x não-descritivistas: uma polêmica.....	65
Conclusão - o dilema do performativo.....	75
 Capítulo III - John Langshaw Austin e as "teorias" dos atos de fala, do performativo e do ilocucionário....	 80
Introdução.....	81
1. John R. Searle.....	85
2. John Ross, George Lakoff e Jerrold Sadock...	90
3. Oswald Ducrot.....	94
4. François Récanati.....	98

5. Michel Foucault.....	103
6. Danilo Marcondes de Souza Filho.....	106
7. Marina Sbisa	109
8. Shoshana Felman.....	112
9. Marike Finlay.....	116
10. Stephen Levinson.....	119
Conclusão - Conflitos e divergências entre as teorias dos atos de fala....	122
 Capítulo IV - A Visão Performativa da linguagem humana.....	124
Introdução.....	125
1. O ilocucionário e o rompimento com a visão positivista da linguagem humana.....	126
2. O Eu-Sujeito e a visão performativa da linguagem humana.....	136
3. A linguagem humana e a percepção.....	146
4. A Visão Performativa e a Pós-modernidade...	153
 Conclusão	161
 Referências Bibliográficas	166

Beaucoup de gens sont persuadés que la chose la plus difficile est de résoudre l'énigme que nous pose l'Univers. Je crois qu'il y a quelque chose de bien plus difficile encore, et qui est de convaincre quelqu'un que vous l'avez résolue. C'est le cas de nos hypothèses. Il ne suffit pas d'avoir trouvé un cadre général et de croire qu'il fonctionne. Il faut encore que notre hypothèse entraîne la conviction.

John Langshaw Austin

(Royaumont, março de 1958)

Introdução

Escrever um trabalho que põe em discussão e confronto princípios filosóficos e simultaneamente princípios lingüísticos relacionados à linguagem humana é um empreendimento difícil e ambicioso. Sabendo do perigo que esta atitude acarreta, acho indispensável fazer certas observações que poderão deixar mais claros o enfoque e o campo de análise em que estou entrando. A principal preocupação deste trabalho é desvendar um pouco mais as reflexões de John Langshaw Austin sobre a linguagem humana. Mas, que reflexões de Austin pretendo desvendar? Procuro redescobrir o Austin que discute o fenômeno da performatividade. Através da leitura de alguns autores que tratam desta questão e simultaneamente a partir da leitura do próprio Austin, constato que as reflexões sobre a performatividade têm um papel fundamental nas discussões sobre a linguagem humana entre linguistas e filósofos da linguagem. Por que Austin suscita tantas interpretações e preocupações tão distintas e tão divergentes sobre a linguagem humana? Esta é então a principal preocupação que está subjacente a meu trabalho.

Na tentativa de entender melhor o porquê do grande alcance das idéias de Austin, parti da hipótese de que Austin, ao discutir a performatividade, tem, subjacente às suas reflexões, uma "visão performativa da linguagem humana" que vai proporcionar uma diversidade de interpretações e de leituras. Esta visão performativa é o lugar de conflito, é o lugar onde se rompem as fronteiras entre o lingüístico e o filosófico. Esta postura foi a do próprio Austin, que não admitiu estabelecer fronteiras entre estas duas áreas quando se analisa a linguagem ordinária.

É deste Austin da visão performativa que parto para fazer o confronto com outras leituras e interpretações de sua obra. É o Austin da visão performativa que procuro pensar como um "todo" fundindo os seus procedimentos filosóficos e suas técnicas de análise da linguagem ordinária. Este "todo" se reflete nesta visão em que subjaz uma nova concepção da linguagem humana, concepção incompatível com uma abordagem formalista, estritamente empiricista e cientificista da linguagem humana onde há uma cisão entre o Sujeito e o Objeto da linguagem.

Analiso algumas noções centrais da obra de Austin que dão forma e estão subjacentes a esta visão performativa. Não discuto a importância de se ter a linguagem ordinária como lugar de reflexão e nem o papel da filosofia analítica inglesa; mas sim o modo como a linguagem ordinária e a filosofia analítica serviram para Austin se destacar, de forma original, no interior de um processo histórico das reflexões sobre a linguagem humana. O fenômeno da performatividade, da maneira como Austin analisou, pode ser considerado um momento histórico que tem proximidades com a

pós-modernidade enquanto uma nova concepção e legitimação do saber contemporâneo; mas o fundamental deste momento é o modo como esta visão performativa subverte o papel do Sujeito falante enquanto centralizador e consciente de sua intenção.

Critico a leitura que John R. Searle fez de Austin. O papel de Searle é ambíguo: se, por um lado, ele tem o mérito de ter introduzido as idéias de Austin no interior das discussões da ciência lingüística, por outro, pode-se dizer que ele descaracterizou demasiadamente estas idéias, desvirtuando-as de maneira definitiva. Searle, enquanto filósofo da linguagem, é considerado, apesar das diferenças, o sucessor de Austin por ter desenvolvido, neste últimos vinte e cinco anos, uma "teoria dos atos de fala". Na realidade, o caráter inovador das propostas de Austin proporciona inegavelmente várias interpretações e a de Searle é apenas uma delas. Muitos estudiosos, dada a influência searliana ao tratar dos atos de fala e do ilocucionário, não percebem a diferença entre Searle e Austin, o que deve ser encarado com uma certa cautela por comprometer profundamente os estudos da linguagem humana.

Dividi este trabalho em quatro capítulos compostos da seguinte maneira: no primeiro, situo Austin no interior das discussões sobre a linguagem ordinária fazendo um mapeamento de sua obra e levantando as idéias básicas de sua visão performativa; no segundo, mostro como a performatividade é o centro de tensões que geram interpretações díspares; no terceiro, analiso doze estudiosos da linguagem que propõem leituras diferentes e divergentes e até contraditórias de Austin especificamente no que se refere às noções de "performativo", "ilocucionário" e "ato de fala"; no úl-

timo capítulo, trato da visão performativa e de suas implicações para o estudo da linguagem humana.

É importante ressaltar a quantidade de trabalhos existentes sobre a obra de Austin e as dificuldades de acesso a eles. Assim, fiz uma escolha que não me impediu nem mesmo me dificultou produzir minha argumentação. Na verdade, mesmo se tivesse partido de outras leituras para escrever este trabalho, dada a originalidade e a maneira como as reflexões austinianas influenciaram vários estudiosos da linguagem humana, acredito que chegaria às mesmas conclusões.

Capítulo I

**John Langshaw Austin e a
"virada lingüística" na filosofia**

Introdução

Neste primeiro capítulo procuro mostrar primeiramente a importância de Austin no interior das discussões da filosofia e da lingüística, destacando a originalidade e a perspicácia com que, ao tratador da linguagem ordinária através de um aprimoramento de suas técnicas frente à filosofia analítica, teve o objetivo de questionar certos problemas da filosofia tradicional. Em seguida, faço um mapeamento de sua obra, não de maneira cronológica, mas tendo em vista a hipótese que procuro desenvolver ao longo desta tese, a saber, que o conjunto de sua argumentação não discute simplesmente alguns conceitos filosóficos ou lingüísticos e nem analisa somente fatos empíricos da linguagem humana mas propõe uma nova visão, uma nova concepção da linguagem humana quando analisa o fenômeno da performatividade. Finalmente, coloco algumas idéias que estão subjacentes ao que vou chamar, ao longo de toda a tese, de visão performativa da linguagem humana. Faço, então, um levantamento de uma série de conceitos que são necessários para se avaliar a importância das reflexões e da argumentação de Austin sobre a linguagem humana.

1. John Langshaw Austin e a filosofia da linguagem ordinária

John Langshaw Austin surge no cenário da discussão sobre a linguagem num momento histórico preciso. Situar e justificar a posição de Austin neste contexto histórico não é uma tarefa fácil, mas, ao mesmo tempo, é fundamental para que se possa ter uma visão da extrema importância de suas idéias e de seus trabalhos sobre a linguagem humana. É importante dizer, ainda no início deste estudo, que Austin não surge por acaso; ele é o porta-voz de todo um processo histórico da filosofia contemporânea. Seu surgimento, como procurarei mostrar, parece planejado pela história das discussões sobre a linguagem humana para se tornar a figura mais importante de todo esse processo.

Que cenário e momento históricos são estes tão precisos? O cenário é a discussão sobre a linguagem surgida na Inglaterra pela chamada escola de Oxford; e o momento, as décadas de 40 e 50. Austin morre inesperadamente em fevereiro de 1960, com 48 anos, em pleno vigor de seu trabalho. No início dos anos 50, coincidentemente, um lingüista norte-americano está propondo a gênese do que vai ser mais tarde um dos maiores empreendimentos lingüísticos na história desta ciência: a sintaxe. Trata-se de Noam Chomsky. Nesta mesma época, desenvolvia-se, na França, liderado por Emile Benveniste, um importante trabalho sobre a linguagem humana que tinha a semântica como centro das discussões. É importante lembrar que, na França, além de Emile Benveniste, muitos pensadores, como Michel Foucault, Jacques Derrida entre outros, estavam trabalhando sobre a linguagem humana. Também neste mesmo

período, Jacques Lacan estava desenvolvendo um vigoroso trabalho de releitura da obra de Freud e, através dos seus "seminários" e "escritos", vai não só rediscutir a psicanálise, mas influenciar grande parte das áreas que estudam a linguagem humana¹.

Meu interesse principal é detectar o caráter iluminador dos trabalhos de Austin naquele momento da discussão sobre a linguagem. Quando digo "iluminador", quero dizer que Austin vai revolucionar não só a filosofia analítica naquele momento, como vai questionar postulados fundamentais da lingüística enquanto ciência autônoma, proporcionando uma gigantesca discussão em torno da filosofia da linguagem. Austin vai interromper e rediscutir o caminho e a supremacia do positivismo lógico (ou logicismo) nos estudos da linguagem. Atitude inversa à de Noam Chomsky que, para elaborar a sua "sintaxe", os seus "universais lingüísticos", procurou sustentação teórica na Lógica, na Gramática de Port-Royal. Esta Gramática, pode-se dizer, produz uma explicação racional do fenômeno lingüístico e dos princípios universais, relacionando de modo definitivo a linguagem humana à lógica.

O caminho aberto por Austin é o fortalecimento do estudo da "linguagem ordinária". Qual é o papel, quais as conseqüências deste estudo na filosofia analítica e suas implicações lingüísticas?

Para Austin, que estava inserido na discussão criada a partir das questões surgidas pela dificuldade do uso da linguagem pela e para a filosofia, o objetivo da filosofia analítica é es-

(1) As idéias de Benveniste, Foucault, Derrida e Lacan sobre a linguagem humana serão discutidas e analisadas ao longo desta tese.

tudar o funcionamento da linguagem humana antes de estabelecer modelos "lógicos", modelos ideais que dêem conta de questões filosóficas. Austin analisou a linguagem humana a partir das dificuldades que ela coloca frente a certos procedimentos filosóficos tradicionais. De fato, para muitos filósofos, a linguagem humana cria certas dificuldades para a resolução de questões filosóficas. Subjacente às reflexões de Austin na análise da linguagem ordinária, pode-se dizer que são os filósofos, e os lingüistas, que criam dificuldades para o entendimento da "linguagem ordinária". Daí o seu grande interesse em estudar este tipo de linguagem e não se dedicar ao estudo de uma "linguagem ideal". O desinteresse de Austin por uma "linguagem ideal" é um dos pontos principais que toca diretamente a um certo tipo de lingüística e de filosofia. É a partir do estudo de certas dificuldades criadas pela "linguagem ordinária" que, segundo certos filósofos ou lingüistas, uma palavra não expressa um conceito preciso ou mesmo uma frase não expressa um pensamento claro, isto é, não há uma adequação entre a palavra e o conceito e entre a frase e o pensamento. A questão do sentido, do significado e da referência, para um certo tipo de lingüística e de filosofia, cria um impasse crucial e até certo ponto, insolúvel entre algumas teorias sobre a linguagem. Austin é o filósofo da escola de Oxford que vai abordar esta questão de modo bastante original e é a sua originalidade que vai abalar, como disse acima, certas questões fundamentais da lingüística descritiva e da filosofia tradicional. Não podemos nos esquecer de que a questão do "uso" da linguagem humana foi amplamente discutida por Ludwig Wittgenstein no Philosophische Untersuchungen (Investigações Filosóficas), publicado em 1953, o

que contribuiu para fortalecer posteriormente algumas das discussões propostas por Austin. O empreendimento de Austin, entretanto, foi uma atitude única e original, independente do próprio Wittgenstein, o que pretendo demonstrar ao longo desta tese. É importante deixar claro que Austin não era o único filósofo da escola analítica de Oxford que procurava resolver questões filosóficas, discutindo a "linguagem ordinária": com ele estavam Strawson, Ryle e Hare, entre outros. Mas foi Austin quem introduziu de maneira definitiva os conceitos de "performativo", "illocucionário" e de "ato de fala", conceitos através dos quais deslança toda a sua argumentação. Estes três conceitos tanto se perpetuaram nas discussões posteriores da filosofia analítica quanto nas da lingüística.

Qual a importância destes três conceitos e de que modo Austin vai chegar ao que chamarei de "visão performativa da linguagem humana"? O conceito de "performativo", de "ato de fala" e de "illocucionário" estão vinculados na obra de Austin de modo muito especial: um conceito muitas vezes serve para a explicação do outro, havendo uma interdependência entre eles, como veremos adiante. Esta complementaridade, esta dependência de um conceito pelo outro, é fundamental no interior do seu processo de consolidação, mas o que parece inovador e criador é a maneira como Austin produz e desenvolve suas idéias. Quero dizer, desde já, que vou privilegiar a noção de "performativo" como lugar de consolidação da inovadora argumentação austiniana (tratarei disto mais detalhadamente na terceira parte deste capítulo e no capítulo IV). O procedimento "filosófico" empregado por Austin está presente e pode ser analisado a partir não só da leitura dos textos "Performatif-

Constatif"(P-C) e "Other Minds"(OM), como do livro How to do Things with Words (HTD) que é, sem dúvida, a sua obra mais conhecida, e conseqüentemente a mais discutida, e do importante Sense and Sensibilia(S&S). Seu procedimento é enriquecedor pelo fato de criar uma tensão, a partir da discussão destes conceitos no interior da filosofia e da lingüística. Esta tensão, pode-se dizer, cria uma polarização entre a filosofia analítica de Oxford e uma "filosofia construtivista" que propõe a subordinação da "linguagem ordinária", dominando-a em favor dos seus interesses teóricos. Na lingüística, esta tensão divide os lingüistas entre aqueles que vêem a lingüística como uma "ciência autônoma" que se aproxima cada vez mais dos modelos da ciência exata, e os que fazem de certo modo o caminho inverso e vão em direção à "lingüística filosófica". Aqui, evidentemente, o caráter "filosófico" é distinto do anterior, mas de qualquer modo é bem mais próximo daquele dos filósofos de Oxford.

O que estou chamando de procedimento filosófico de Austin fica evidenciado pelo tipo de análise proporcionada pela filosofia analítica de Oxford (cf. Urmson 1962, p. 19) que difere da realizada em Cambridge onde os filósofos, principalmente Wittgenstein e Russell chegaram à filosofia através de um longo estudo das ciências e da matemática. Os filósofos de Oxford, por sua vez, abordam a filosofia partindo de um profundo estudo das humanidades clássicas. O próprio Austin, ao colocar suas objeções e questões, após a apresentação do trabalho de Apostel em Royaumont (cf. Royaumont, p. 231), confirma esta posição de Urmson e a complementa:

Urmson a signalé dans son exposé qu'un des traits caractéristiques que les philosophes analytiques ont en commun, c'est qu'ils sont dans leur majorité été formés dans la tradition des humanités classiques, et que le grec et le latin, sans parler de quelques langues étrangères modernes, interviennent souvent dans leurs discussions, qui sont comme vous le savez la forme la plus concrète et la preuve la plus tangible de l'existence de ce courant philosophique. (grifo meu)

Daí, o fato de interessá-los a análise lingüística de uma língua por si só e, também, para resolver problemas clássicos da filosofia tradicional. Estes filósofos são mais aptos e mais inclinados para as distinções lingüísticas que a maioria dos outros filósofos.

Esta colocação é, sem dúvida nenhuma, uma das maiores características que define a habilidade deste procedimento filosófico de Austin que foi freqüentemente expresso em seus trabalhos de maneira muito especial. O fato de Austin falecer ainda em pleno vigor de seu trabalho fez surgir uma série de artigos comentando a maneira especial como Austin agia em suas conferências, aulas, seminários, etc. Alguns destes comentaristas (Berlin, 1973; Cavell, 1969, Hampshire 1969 a,b; Quine, 1969; Pears, 1969; Pitcher, 1973; Urmson, 1969 a,b e Warnock 1969, 1973a) que foram seus contemporâneos, seja como alunos seja como colegas, são unânimes em comentar que a personalidade original de Austin se confundia com sua originalidade filosófica, com seu procedimento filosófico. Ele foi, sem dúvida nenhuma, no entre e pós-guerra, o filósofo mais importante de Oxford, como Wittgentein o foi em Cambridge. Reconhecido e respeitado pelas suas idéias por todos aqueles que o conheceram e tiveram a oportunidade de ouvi-lo e de

discutir pessoalmente suas idéias, ele representava toda uma riqueza, uma fertilidade de idéias, fertilidade que proporcionou para a lingüística e para a filosofia um impacto único. Austin é, em si, um demolidor, um "destruidor" de uma "filosofia tradicional" e - por que não? - de uma "lingüística tradicional". Este rompimento com o passado está evidenciado pela discussão do Performativo e do Constativo, do Verdadeiro e do Falso que é o lugar onde se confundem a filosofia e a lingüística.

Dos comentaristas que procuram recuperar a perspicácia e a originalidade de sua "vida-filosófica", escolhi duas passagens, entre muitas outras, que considero especialmente curiosas.

Berlin (1973:15-16) relata que, certa vez, diante de uma conversa sobre problemas morais que, segundo ele tratava da liberdade da vontade (freedom of the will) -. Austin lhe disse, num certo momento, sotto voce, para não provocar Freddie Ayer que era naquela época um determinista convicto:

They all talk about determinism and say they believe in it. I've never met a determinist in my life, I mean a man who really did believe in it as you and I believe that men are mortal. Have you? (p. 15)

Este fato cativou muito Berlin e também a resposta que Austin deu à questão que ele fez durante um passeio. Berlin perguntou: "Suponha que uma criança expresse a vontade de encontrar Napoleão na batalha de Austerlitz", e eu digo: "Isto não pode acontecer", e a criança responde "por que não?"; e continuo: "Porque isto aconteceu no passado, e você não pode estar viva agora e também há cento e trinta anos atrás e permanecer com a mesma idade"; e a criança insistente continua dizendo "Por que não?" e eu volto a

dizer: "Porque isto não faz sentido, como usamos palavras (as we use words), para dizer que você pode estar em "dois lugares ao mesmo tempo" ou "voltar ao passado", e esta sofisticada criança diz "se é só uma questão de palavras, então não podemos simplesmente alterar nosso uso verbal? Isto me permitiria ver Napoleão na batalha de Austerlitz e também, é claro, estar onde estou agora no lugar e no tempo?" Berlin perguntou então a Austin o que dizer a esta criança, que simplesmente ela confundiu os métodos material e formal (material and formal modes) ao falar? Austin respondeu: "Do not speak so. Tell the child to try and go back into the past. Tell it there is no law against it. Let it try. Let it try, and see what happens then". Berlin comenta e conclui deste episódio que Austin, antes da segunda guerra, tinha entendido a natureza da filosofia. Mesmo considerado "over-pedantic", "over-cautions" e insistir em estar sempre "over-sure" de suas defesas antes de se expor, para ele, Austin havia entendido melhor que ninguém o que era a filosofia.

Pitcher (1973:23) relata que Austin, após ter lido seus manuscritos com cuidado, fez proveitosas críticas, dentre as quais ele nos lembra uma: no seu trabalho, Pitcher defendia que uma palavra ou uma sentença é um "universal", isto é, um certo aspecto da estrutura dos sons que é realizado ao emití-los, ou as marcas que são realizadas ao escrevê-los. A partir disso é evidente que, se uma pessoa emite sons apropriados, ela deve necessariamente estar dizendo uma palavra ou uma sentença relevante. Austin demonstrou a falsidade desta visão com um simples exemplo que é uma piada escolar inglesa muito conhecida.

Suppose I (Austin) ask you 'If cold water is iced water, what is cold ink?', and you reply 'Iced ink'. You would have uttered the sounds 'I stink', but not the words 'I stink'; rather in saying the words 'iced ink', you uttered the sounds 'I stink'.

Estes dois relatos exemplificam a sutileza, o clima de "brincadeira" (fun), em que Austin conviveu com sua filosofia analítica em contraste com toda uma abordagem filosófica tradicional². É esta filosofia da linguagem ordinária com os questionamentos e o estilo propostos por Austin que constitui uma "virada lingüística" na filosofia. Vejamos como Rorty (1967 : 23) coloca esta questão:

The linguistic turn in philosophy is a reaction against the notion of philosophy as a discipline which attempts the solution of certain traditional problems - problems (apparently) generated by certain commonsense beliefs.

Esta afirmação corrobora minha colocação acima. Austin na sua "virada lingüística" propõe uma nova abordagem da linguagem humana que está próxima de uma "visão performativa da linguagem". Quero dizer que nesta "nova visão" não há preocupação em delimitar as fronteiras entre a filosofia e a lingüística, fato este que vai estar presente na questão do performativo e que, pode-se dizer, carrega toda esta tensão da força do novo, do demolidor/construtor.

(2) Cf. Lane que faz uma importante introdução à edição francesa do HTD (Quand dire, c'est faire) que ele próprio traduziu. Situa de maneira precisa a postura de Austin frente às suas reflexões e à "filosofia" em geral. Nesta edição há no final além das "notas do tradutor", um pequeno "léxico" para auxiliar a leitura. Cf. também, "A Filosofia da Linguagem de J. L. Austin" na apresentação da edição brasileira do HTD (Quando Dizer é Fazer - palavras e ações) de Souza Filho (1990), que também é o tradutor para o português.

Concluindo, retomo o destaque que fiz no início desta parte para o momento preciso do aparecimento de Austin. Ao responder a uma pergunta feita por M.J. Wahl, no colóquio de Royaumont (cf. p. 293), a propósito de haver uma fronteira entre a "filosofia" e a "lingüística" nas suas colocações sobre a linguagem ordinária, Austin diz:

Où est la frontière? Y en a-t-il une quelque part? Vous pourriez vous poser la même question pour les quatre coins de l'horizon. Il n'y a pas de frontière. Le champ est libre pour qui veut y aller. La place est au premier occupant. Bonne chance au premier qui trouvera quelque chose.

Esta resposta, que ele retoma na discussão final de Royaumont (cf. p. 347-348) é uma das maiores contribuições de Austin e também a sua auto-localização histórica: não é possível pensar na linguagem humana de forma compartimentada, institucionalizada. Sua contribuição teórica justifica a sua própria quebra de barreiras. Diria que sua quebra de barreiras, no interior da "filosofia" e da "lingüística" e em outras disciplinas que estudam a linguagem humana, foi o que possibilitou uma abordagem do performativo que pressupõe uma "visão performativa da linguagem humana".

2 -- Mapeamento da obra de John Langshaw Austin

Com o desaparecimento repentino de Austin em fevereiro de 1960, houve uma divulgação bastante rápida de suas idéias. A repercussão, através da publicação do S&S, do HTD e de alguns dos artigos que compõem o Philosophical Papers(PhP)³, passou a ser feita através de recomposições de anotações de seus alunos e colegas. Deste modo, a complexidade de suas idéias passa a ser acrescida de um outro fator que é o da "recomposição" de seu pensamento. Esta original reflexão sobre a linguagem passa então a ser divulgada por seus colegas, não pela forma que possivelmente Austin a tivesse produzido.⁴ Os caminhos originais que suas idéias percorreram foram aqueles que, pode-se dizer, Austin consciente e inconscientemente propôs. Se antes tínhamos em Austin uma vida-filosófica original, agora podemos acrescentar que a divulgação de sua obra se deu também de maneira original.

Mapear a obra de Austin, tendo em vista a sua argumentação filosófica não é fácil principalmente quando a meta é enfocar de

(3) Um amplo estudo do PhP está publicado em Fann (1969 ed.); e, é composto pelos trabalhos de: Ferguson (1969a), Chisholm, New, Nowell-Smith, Searle, Thalberg, Wheatley e White, todos de 1969. E em Berlin (1973 ed.) cf. Pears (1973). Este conjunto de trabalhos mostra de diversas maneiras a importância e a amplitude das reflexões de Austin.

(4) Esta observação já se encontra na apresentação desses livros. Cf. no HTD o "Preface to the First Edition" de J. O. Urmson de 1962 e o "Preface to the Second Edition" de Marina Sbisa e J. O. Urmson de 1977, e também o "Appendix" desta mesma edição, todos traduzidos na edição brasileira do HTD (ver nota 2); e, no S&S o "Foreword" de G. J. Warnock de novembro de 1960. Estes quatro textos relatam a maneira cuidadosa com que foram reproduzidas as reflexões de Austin.

que modo esta obra pressupõe uma nova concepção de linguagem humana através do "fenômeno do performativo". Por outro lado, é difícil falar das "técnicas" austinianas, em torno do performativo tendo em vista a amplitude e diversidade de sua obra.

O que mostra também a originalidade de Austin ao tratar das questões da linguagem é a estreita ligação entre seus procedimentos "filosóficos" e seus procedimentos "metodológicos", que de certo modo se confundem na sua análise da linguagem ordinária. Austin não gostava da palavra "metodologia" para falar do seu trabalho.

Quand on me demande pourquoi je fais ce que je fais, je reste coi. Tout ce que je puis dire, de la façon la plus insistante, c'est que le mot "méthode" me déplaît. Je préfère de beaucoup le mot "technique", au pluriel de préférence encore: des techniques. (Royaumont, p.348)⁵

É difícil, na sua argumentação, desvincular suas "técnicas" filosóficas das suas "reflexões". A maneira aparentemente descontraída com que ele procura analisar e questionar a linguagem ordinária é seu principal valor. Suas "técnicas" são construídas juntamente com suas descobertas teóricas; quero dizer que o modo de enfrentar, discutir o funcionamento da linguagem humana é de tal forma "descompromissado" com uma qualquer teoria que o seu

(5) Austin (cf. Royaumont p. 348) exemplificou esta afirmação comentando que quando lhe colocaram as questões do porquê do que faz, do que tenta fazer, de como se comporta quando faz, ele teria dito que se sentia "um pouco na mesma situação de seus colegas, pais de família, que, cada vez que se aprontavam para punir seus filhos, se davam conta de que não se lembravam das razões que se tem para punir seus filhos". Esta é uma situação idêntica e, que segundo ele, pode ser comparada com o que disse nesta citação.

procedimento filosófico, até certo ponto comprometido com suas técnicas, vai obrigá-lo a retomar e produzir gradativamente uma nova "visão da linguagem humana", a que ele próprio está analisando.

Escolhi dois textos que refletem e recobrem de modo especial a reflexão e a "técnica austiniana" em torno da performatividade. O primeiro é o P-C, um de seus últimos trabalhos e que foi apresentado no Colóquio de Royaumont, na França, em março de 1958, seu único trabalho em francês que se conhece. O segundo é o OM⁶ publicado em Proceeding of the Aristotelian Society, em 1946, artigo que propõe a "gênese" da performatividade, que vai a partir daí ser desenvolvida até 1958 quando do aparecimento do texto de Royaumont que consolida o "processo da performatividade" como uma abordagem da linguagem humana.

Este processo que separa o OM do P-C, durante aproximadamente doze anos de consolidação da "visão performativa da linguagem", pode ser analisado a partir de dos livros HTD e S&S que, como já foi dito, foram reconstituídos e reconstruídos postumamente, ambos publicados em 1962. Diferente dos dois textos, nestes dois livros, "o leitor jamais conseguirá marcar um encontro com o filósofo inglês de quem tanto se fala" (Rajagopalan 1990c, p. 230), já que foram compostos a partir de anotações de Austin e de participantes de seus seminários e conferências, mostrando a flexibilidade do pensamento na composição de sua argumentação;

(6) O texto "Other Minds" (Outras Mentes) foi traduzido para o português por Marcelo Guimarães da Silva Lima, e editado na coleção Os Pensadores (4ª ed., São Paulo: Nova Cultural - 1989). Há também neste mesmo volume alguns dados sobre a vida e a obra de Austin organizados por Armando Mora D'Oliveira.

embora o leitor esteja frente a um texto que não foi "originalmente" composto por Austin, mas que pode ser considerado como "original", vê nele o exemplo de sua preocupação: a "não linearidade" das questões que ele propõe sobre a linguagem e, ao mesmo tempo a maneira como tudo está "ligado" de modo muito original na sua argumentação. O primeiro livro, reconstituído por M. Sbisà e J. O. Urmson, é resultado de doze palestras proferidas em Harward em 1955 e de outras durante o curso "Words and Deeds" que ele ministrou de 1952 a 1954 em Oxford e também das gravações de duas conferências: uma realizada na BBC em 1956 (ver nota 8) e a outra em Gothenberg em outubro de 1959. O segundo livro, reconstituído por G. J. Warnock (que discutirei mais detalhadamente no capítulo IV) é resultado de anotações de suas conferências em Oxford que se iniciaram em 1947, com o título de "Problems in Philosophy", e também de uma série de anotações feitas em 1948 e 1949; e, ainda, de uma outra série de anotações redigidas em 1955 e em 1958 para o curso na Universidade da Califórnia (em Berkeley), talvez as últimas do S&S, uma vez que que o curso "Sense and Sensibilia" foi ministrado pela última vez, em Oxford, no segundo trimestre de 1959.

Vejamos como Austin, de maneira ao mesmo tempo cuidadosa e descontraída, inicia os dois livros:

In these lectures I am going to discuss some current doctrines (perhaps, by now, not so current as they once were) about sense-perception. We shall not, I fear, get so far as to decide about the truth or falsity of these doctrines; but in fact that is a question that really can't be decided, since it turns out that they all bite off more than they can chew. (S&S, p. 1)

What I shall have to say here is neither difficult nor contentious; the only merit I should like to claim for it is that of being true, at least in parts. The phenomenon to be discussed is very widespread and obvious, and it cannot fail to have been already noticed, at least here and there, by others. Yet I have not found attention paid to it specifically. (HTD, p. 1)

Como vimos, esta aparente descontração que Austin coloca já no início é uma maneira engenhosa de levantar também uma polêmica e de deixar claro que nas suas discussões sobre a linguagem humana, ele não estava preocupado com as "fronteiras institucionais" de suas técnicas e reflexões. Este mapeamento procura mostrar que não há nem fronteiras nem linearidade no interior de sua própria obra, do seu pensamento; pode-se dizer que foi a "força do destino" que nos proporcionou positivamente este acontecimento.⁷

O que me levou a escolha do P-C se justifica pelo fato de ser um texto onde Austin retoma e condensa de maneira exemplar as discussões entre o verdadeiro e o falso e entre o performativo e o constativo, mais desenvolvidas ao longo das doze conferências do HTD. A diferença que gostaria de marcar é que, no texto de Royce, Austin em nenhum momento, nem como nota ou simples menção, refere-se ao "ato ilocucionário", ou à distinção ilocucioná-

.....

(7) A obra completa de Austin que se conhece até hoje, além do "Performatif-Constatif" e dos dois livros How to do Things with words e Sense and Sensibilia que já foram citados, é composta por: "Are There A Priori Concepts" (1939); "Other Minds" (1946); "Truth" (1950); "How to talk - some simple ways" (1953); "A Plea for Excuses" (1956); "Ifs and Cans" (1956) e "Pretending" (1958) "papers" que ele publicou em vida, e mais: "Agathon and Eudaimonia in the Ethics of Aristotle" (1936); "The Meaning of a Word" (1940); "Unfair to Facts" (1954); "Performative Utterances" (1956); "Three Ways of Spilling Ink" (1958) e "The Line and the Cave in Plato's

rio ilocucionário, que vai ser desenvolvida a partir do oitavo capítulo do HTD após desfeita a distinção performativo/constativo. Mesmo sem o aparecimento deste novo conceito, que vem acompanhado de dois outros atos, o locucionário e o perlocucionário, Austin demonstra sua habilidade e argumenta pela performatividade da linguagem humana⁸, enquanto que no HTD, após a introdução destes três tipos de ato, ele, no final do livro, caminha em direção contrária à do início, ao propor então uma listagem de cinco classes gerais de verbos ilocucionários, classificação geral que nem a ele satisfaz. Ora, este fato, a partir do que venho dizendo, não pode ser tomado, como muitos estudiosos o fizeram, como algo que deve ser pensado de modo tradicional, isto é, de modo linear na argumentação de Austin; ou seja, não é evidente que pa-

Republic" (incluído na edição de 1979 do PHP) - textos (reproduções, reconstituições e transcrições de Austin) que estão publicados no Philosophical Papers. E ainda a tradução para o inglês da obra de G. Frege: Die Grundlagen Der Arithmetik (Os Fundamentos da Aritmética) (1884), publicada em 1950; e mais: "Critical Notice on J. Lukasiewicz's Aristotle's Syllogistic: From the Standpoint of Modern Formal Logic", in Mind 61 (1952); "Report on Analysis Problems n^o 1: What sort of 'if' is the 'if' of 'I can if I choose'?", in Analysis n^o 12 (1952) e "Report on Analysis Problem n^o 12: 'All Swans are white or black'. Does this Refer to Swans on Canals on Mars?", in Analysis n^o 18 (1958).

- (8) No texto "Perfomative Utterances", que é a transcrição de uma apresentação que Austin fez num programa radiofônico na BBC de Londres em 1956, ele faz uma argumentação mais exemplificada para mostrar que não se pode fazer distinção entre a enunciação performativa e a constativa. Aqui também Austin não menciona uma única vez o "ato ilocucionário", ou ainda a distinção locucionário-ilocucionário como algo que possa substituir a não distinção performativo/constativo. Não me deterei neste texto já que de uma maneira geral ele não acrescenta dados significativos sobre a performatividade que possa modificar as discussões que faço ao longo desta tese.

ra o desaparecimento da distinção performativo/constativo, Austin tenha proposto, em "substituição", o ato ilocucionário. O contrário também pode ser pensado: nada garante que o texto de Royauumont represente "definitivamente" o que Austin quis dizer. Minha hipótese é a de que Austin, através da performatividade, propõe e discute uma nova "visão da linguagem humana", o que não implica numa exclusão do conceito de ilocucionário. O que pretendo discutir é o lugar deste conceito e de outros no interior desta abordagem da linguagem.⁹

Já a escolha do OM foi feita pelo fato de que, neste artigo, temos a "gênese" da performatividade. Aparecem aqui as primeiras questões sobre as "falas" declarativas, as primeiras "dúvidas" em "descrever" o mundo verdadeiro ou falso. E ainda a questão de como a "sensação", de como a percepção humana de certo modo interfere na fala. É nesse texto também que Austin levanta a questão da "falácia descritiva", (cf. p. 103) e, numa nota de rodapé observa a possível existência de uma "nova linguagem" se admitirmos os "sentimentos inconscientes" (unconscious feelings) e sentimentos que se "expressam a si mesmos de modos paradoxais como os descritos pelos psicanalistas" (cf. p. 109). Pode-se, de certo modo, fazer uma aproximação deste texto com o que se lê em S&S,

(9) Hare (1971, pp. 100-101) faz uma menção ao fato de Austin ter deixado de lado, no texto de Royauumont, o que ele chama da última doutrina de Austin, ou seja, não ter colocado a distinção locucionário-ilocucionário, preferindo manter a primeira, que Hare denomina de doutrina do performativo-constativo. Este fato, para Hare, significa que a "velha" distinção sobrevive na "nova" distinção, entre locucionário-ilocucionário. Esta conclusão terá conseqüências importantes nas interpretações de Austin. Não tratarei explicitamente desta questão, por considerá-la de certo modo não prioritária, mas ela está subjacente em alguns dos autores que veremos ao longo desta tese.

como é possível aproximar entre si argumentos do P-C e do HTD. Assim, como delimitar certos conceitos da obra, do pensamento austiniano? Em muitos casos só será possível através de uma "Linguística Descritiva", linguística esta que não incorporou as quebras de barreiras filosóficas e linguísticas proporcionadas por Austin. Daí as várias interpretações que - acredito - não conseguem delimitar e nem distinguir claramente o conceito de "performativo" dos outros conceitos relacionados: o "ilocucionário" e "ato de fala". De fato, esses dois conceitos se ligam ao performativo, o que favorece uma "visão performativa da linguagem humana".

3. A Visão Performativa

A hipótese principal deste estudo está relacionada, como já coloquei acima, com o "performativo". Não analisarei aqui o performativo nem sequer como uma "noção", "conceito", "termo", ou mesmo "teoria", uma vez que não pretendo discutir aqui os vários caminhos entre uma "noção" e uma "teoria" que o performativo percorreu nas diferentes abordagens feitas até hoje. A performatividade será considerada neste trabalho como um lugar da reflexão de uma "visão da linguagem humana".

As discussões sobre a performatividade têm sua origem em 1946 e aparecem ligadas à discussão da "certeza de se saber algo", certeza sobre a qual Austin desenvolve toda uma argumentação

que desemboca na crítica à "falácia descritiva"; já que a linguagem não é puramente descritiva mesmo quando se diz "eu sei" (cf. OM p. 103). Segundo ele, há circunstâncias nas quais não descrevemos a ação, mas a praticamos. Com isto Austin descarta a possibilidade de se ver o "performativo" como um objeto lingüístico que possa ser analisado empiricamente como qualquer objeto de natureza física. Parto do princípio de que a argumentação de Austin deve ser analisada como um "todo": ele desvinculou suas "técnicas" de qualquer fronteira entre o lingüístico e o filosófico, e proporcionou também a quebra da distinção entre performativo/constativo; a performatividade adquire, então, um estatuto único ao ser analisada no interior dos "estudos da linguagem". A partir disso, acredito que a linguagem humana não comporta mais, não proporciona mais, a cisão Sujeito/Objeto se a "fala humana" for encarada como uma "visão performativa"; esta "visão" não possibilita estabelecer uma fronteira entre o eu e o não eu no estudo da linguagem humana. O que estou chamando de "todo da argumentação" é, por um lado, o lugar de confronto que possibilita questionar, através da fusão de seus "procedimentos filosóficos" e de suas "técnicas de análise da linguagem ordinária", de modo decisivo a relação Sujeito/Objeto no estudo da linguagem humana; por outro lado, este "todo" se reflete numa "visão performativa", onde subjaz essa nova concepção da linguagem humana (discutirei mais detalhadamente este assunto no capítulo IV).

No final do OM, Austin afirma o seguinte:

It is then that we are tempted to say that we only mean by 'believing him' that we take certain vocal noises as signs of certain impending behaviour and that

'other minds' are no more really real than unconscious desires.

This, however, is distortion. It seems, rather, that believing in other persons, in authority and testimony, is an essential part of the act of communicating, an act which we all constantly perform. It is as much an irreducible part of our experience as, say, giving promises, or playing competitive games, or even sensing coloured patches. We can state certain advantages of such performances, and we can elaborate rules of a kind for their 'rational' conduct (as the Law Courts and historians and psychologists work out the rules for accepting testimony). But there is no 'justification' for our doing them as such. (p. 115)

Ora, esta colocação esclarece em grande parte a argumentação em torno do que estou chamando de "visão performativa", já que "fazer promessas", "competir", "perceber cores" faz parte irredutível de nossa experiência tanto quanto "acreditar em outra pessoa". Quero dizer que a separação Sujeito/Objeto que é característica fundamental de uma ciência (da linguagem) logocêntrica foi, de certo modo, combatida por Austin, uma vez que "regras" de certo tipo para a conduta "racional" não expressam a própria realidade humana. "But there is no 'justification' for our doing them as such" - diria que esta afirmação pode ser estendida para "a performatividade" enquanto uma atitude humana e por isso não vai proporcionar uma análise de "tipo tradicional": o Sujeito de um lado e o Objeto de outro.

Pode-se dizer que, na "visão performativa", há inevitavelmente uma fusão do Sujeito e do seu Objeto, a fala; por isso, como disse parágrafos acima, as dificuldades de uma análise empírica em torno do performativo; além disso, conceber o performativo como um Objeto de análise lingüística independente de uma concep-

ção de Sujeito está fadado, neste caso, ao fracasso.

Esta preocupação Austin procurou mostrar ao longo de sua obra: a relação da fala com seu uso por um sujeito. Minha hipótese é de que esta fusão Sujeito/Objeto na análise da linguagem humana, e conseqüentemente da linguagem ordinária, pode ser verificada também a partir da análise que Austin fez sobre a sensação, sobre a percepção humana (discutirei mais detalhadamente no capítulo IV).

Um outro momento fundamental que consolida a "visão performativa" é, como já foi dito, o abandono da distinção Performativo/Constativo, e o fato de Austin continuar a empregar o "Performativo" para denominar toda "fala" humana. É neste momento que há uma tensão que chega ao seu limite máximo: na argumentação austiniana, não há mais separação entre Sujeito/Objeto, não há mais volta, não há mais possibilidade de acordo com seus antecessores, e opositores, que analisam a linguagem humana através somente de certas marcas lingüísticas¹⁰. Esta atitude, da grande maioria dos estudiosos da linguagem, se reflete de maneira estanque na análise dos "atos de fala", do "ilocucionário" e do "performativo" enquanto "teorias" independentes. Há uma relação entre estes três "conceitos" no interior da argumentação de Austin; mas não se pode dizer que há de fato uma relação de complementaridade no sentido de um estar ligado ao outro de modo linear, ou de um se definir pelo outro. O que há é um desdobramento destes conceitos no interior da argumentação austiniana que justifica a "visão per-

(10) Confirme mais a frente no capítulo II a posição de Emile Benveniste com relação a "Subjetividade" na linguagem.

formativa". Há toda uma força histórica no interior das discussões sobre a linguagem que justifica a análise e o aparecimento da performatividade num determinado momento¹¹.

Esse momento pode ser analisado através de um trabalho de Austin sobre a linguagem ordinária, que questiona um postulado, um monumento filosófico pouco combatido antes dos primeiros trabalhos dos filósofos analíticos: as noções de verdade/falsidade. Vejamos como Austin, em 1950, no seu artigo "Truth", colocava esta questão:

(...) it has come to be realized that many utterances which have been taken to be statements (...) are not in fact descriptive, nor susceptible of being true or false. When is a statement not a statement? When it is a formula in a calculus: when it is a performatory utterance: when it is a value-judgement: when it is a definition: when it is a part of a work of fiction there are many such suggested answers. (...) It is a matter for decision how far we should continue to call such masqueraders 'statements' at all, and how widely we should be prepared to extend the use of 'true' and 'false' in 'different senses'. (p. 131)

Curiosamente, ao questionar a categoria 'statement', Austin também questiona o emprego das noções da verdade e de falsidade. Esta atitude vai ser fundamental mais tarde ao afirmar no início do P-C (cf. p. 271) que:

.....
 (11) Lyotard (1979, p. 21, nota 30) associa a performatividade a Austin e a precisão de sentido que esta passa a ter depois dele. A questão da performatividade vai de certo modo estar presente em algumas partes do seu livro contribuindo para a discussão de uma nova legitimação do saber pós-moderno. (voltarei a esta questão no capítulo IV.

On peut très bien se faire une idée de l'énoncé performatif, terme, je le sais bien, qui n'existe pas dans la langue française, ni d'ailleurs autre part. Cette idée a été introduite pour faire contraste avec celle de l'énoncé déclaratif ou plutôt, comme je vais l'appeler, constatif. Et voilà déjà ce que je veux mettre en question. Cette antithèse performatif-constatif, devons-nous l'accepter? (grifo meu)

L'énoncé constatif a, sous le nom d'assertion (statement) si chère au philosophes, la propriété d'être vrai ou faux. Au contraire, l'énoncé performatif ne peut jamais être ni l'un ni l'autre: il a sa propre fonction à lui, il sert à effectuer une action.

Ora, à medida que Austin opõe, num primeiro momento, o enunciado constativo ao performativo fazendo uma distinção entre o verdadeiro e o falso, questão já levantada anteriormente, ele já tinha em mente todo o ataque que faria ao enunciado constativo, ao "statement"¹².

Na citação acima, Austin assume que nas asserções é possível encontrar as propriedades verdadeiro ou falso, e que estas propriedades não serão encontradas nos enunciados performativos. É interessante observar de que modo a questão da referência, da relação linguagem-mundo, está presente na sua afirmação. Nos enunciados constativos há, "filosoficamente", um tipo de referência; já nos enunciados performativos, esta noção "filosófica" não pode ser aplicada, porque estes últimos, segundo ele, realizam uma

(12) Austin emprega na maioria das vezes o termo utterance (enunciação) para o performativo e constativo e não statement (enunciado). Não discutirei e não me deterei sistematicamente nesta distinção, apesar de considerá-la fundamental. É bom lembrar que Austin no P-C utiliza o termo em francês énoncé para o performativo e o constativo.

ação, e aqui a referência é de outro tipo. Neste momento, o "performativo" deve ser pensado de outro modo, já que a argumentação de Austin vai se encandeando ao longo do texto P-C a ponto de deslocar a questão tradicional da referência ligada ao sentido e ao significado das palavras para o contexto, o "momento da performatividade". Este "performativo" poderá ser feliz se for realizada a ação pretendida, será infeliz se esta ação não se realizar. As infelicidades mais específicas do performativo são: (a) a nulidade (ou sem efeito) quando o autor não está em posição de efetuar tal ato, quando não consegue, formulando seu enunciado, completar o ato pretendido; (b) o abuso da fórmula (falta de sinceridade) quando se diz: eu "prometo", por exemplo, sem ter a intenção de realizar a ação prometida; (c) a quebra de compromisso quando se diz "eu te desejo boas vindas", por exemplo, tratando no entanto o indivíduo como estranho.

Como ligar esta questão a seus procedimentos filosóficos, a sua maneira de abordar a linguagem ordinária? é bom lembrar mais uma vez que o procedimento da filosofia analítica de Austin no tratamento da questão da referência não pode ser confundido com aquele dos "lingüistas descritivistas".

Austin cria o "ato de fala" e o desdobra em três partes, em três atos simultâneos: um ato locucionário, que produz tanto os sons pertencentes a um vocabulário quanto a articulação entre a sintaxe e a semântica, lugar onde se dá a "significação" no sentido tradicional; um ato ilocucionário, que é o ato de realização de uma ação através de um enunciado, por exemplo, o "ato de promessa", que pode ser realizado por um enunciado que se inicie por "eu prometo...", ou por outra realização lingüística (sendo o ato

ilocucionário o que possibilita fazer a distinção entre o dizer e o dito e sendo convencional por definição); por último, um ato perlocucionário, que é o ato que produz efeito sobre o interlocutor. Através destes três atos, Austin faz a distinção entre sentido e força, já que o ato locucionário é a produção de sentido que se opõe à força do ato ilocucionário; estes dois se distinguem do ato perlocucionário, que é a produção de um efeito sobre o interlocutor. Neste breve resumo das distinções no interior do "ato de fala", podemos perceber que a questão da "referência" é tratada de modo bastante diferente da noção mais tradicional que produz uma relação biunívoca entre linguagem e mundo¹³. Posso dizer "eu prometo..." e produzir, consciente ou inconsciente, por exemplo, uma ameaça; ou seja, não há mais lugar para fazer uma distinção entre sentido e significado das palavras quando se trata da performatividade (discutirei alguns exemplos disso nos dois capítulos seguintes).

Retomando a questão da originalidade do pensamento de Austin, um outro conceito é fundamental para a sua compreensão, o de ação. Ação, para Austin, tem um significado muito preciso pelo fato de ser um dos elementos constitutivos da performatividade. Para ele, a ação é uma atitude independente de uma forma linguística: o performativo é o próprio ato de realização da fala-ação. Ferguson (1969a, p.141) analisa esta questão da ação em

 (13) Cerf (1969), Cohen (1969) e Fulberg (1969) discutem longamente esta divisão proposta por Austin no interior do "ato de fala", (cf. também nota 23, p. 130). Esta questão não será tratada aqui de maneira sistemática por não fazer parte da reflexão central desta tese.

Austin lembrando que na discussão envolvendo a realização de uma ação, Austin chamava-a de "the complicated internal machinery", o que justifica não só a complexidade deste conceito na argumentação de Austin como também a sua importância¹⁴.

Se o performativo efetua uma ação através de um enunciado, que é a realização de um "ato de fala", como chega Austin a desfazer a distinção, proposta inicialmente, entre o performativo e o constativo? Antes de responder a esta pergunta, é importante analisar como ele discute a possibilidade de haver critérios formais para identificar o performativo (cf. Roycaumont, pp. 273-274). Segundo Austin, há duas "formas normais" para a expressão do performativo: 1 - no início do enunciado há um verbo na primeira pessoa do singular, no presente do indicativo, na voz ativa, por exemplo, "Je vous promets que..." (Eu te prometo que...); 2 - há um verbo na voz passiva, na segunda ou terceira pessoa do presente do indicativo; esta é a forma encontrada sobretudo nos enunciados emitidos por escrito; por exemplo "les voyageurs sont priés d'emprunter la passerelle pour traverser les voies" (os passageiros estão convidados a pegar a passarela para atravessar as pistas). Ele chega à conclusão de que há outros performativos que não são expressos nestas "formas normais", como "Fermez la porte" (Feche a porta) ou a palavra "chien" (cão) ou "bull" (búfalo); podendo ser explicitados, por exemplo, como "Je vous ordonne de la fermer" (Eu te ordeno que feche a porta) e

(14) As reflexões sobre a ação estão desenvolvidas no texto "A Plea for Excuses" (1956) de maneira exemplar. (cf. pp. 179-181 e p. 191). Ver também sobre esta questão Felman (1980b).

"Je vous avertis que le chien va nous attaquer" (Previno-o que o cachorro vai atacar); ou ainda "You are hereby warned that this bull is dangerous" (Informo que este búfalo é perigoso).

Para tentar responder à pergunta acima, da quebra da distinção inicial entre o performativo e o constativo, devemos voltar e rever o desdobramento dos "atos de fala". Os atos ilocucionários, que são convencionais, possibilitam a existência de enunciados performativos sem que seja possível identificar uma forma gramatical para eles; ou seja: são regras convencionais que dão condições para que tal enunciado em tal situação seja ou não performativo, realize ou não uma ação. Daí, Austin concluir que uma afirmação pode ser um performativo. Pode-se dizer que por detrás de cada afirmação há uma forma não explicitada de um performativo, um "performativo mascarado". A explicitação desta forma gramatical será sempre a utilização da primeira pessoa do singular e do verbo no presente do indicativo. Por exemplo, se digo: "ele é um péssimo indivíduo" isso pode, dependendo do lugar em que está sendo dito, ser interpretado de várias maneiras, ter vários "implícitos performativos". Pode, por exemplo, ser explicitado como: "eu declaro que ele é um péssimo indivíduo" ou "eu afirmo que ele é um péssimo indivíduo". Um fato interessante de se observar é que, para dar as condições de performatividade de um enunciado, Austin identifica um enunciado com um "sujeito falante" para que possa praticar uma ação. (Tratarei desta questão no capítulo IV). Neste momento temos a asserção, o constativo. "ele é um péssimo indivíduo", por exemplo, no mesmo nível dos performativos e, por isso, podendo ser feliz ou infeliz. As asserções agora não só dizem sobre o mundo como fazem algo no mundo. Não descevem a ação,

praticam-na.

Este salto, que desfaz a distinção entre Performativo/Constativo cria uma nova "visão da linguagem humana", como vimos acima; por isso, esta "visão performativa" não é mais idêntica à utilizada na distinção anterior entre o performativo e o constativo. Esta "nova visão performativa" produz, como já foi dito, uma virada brutal na questão da referência; ou seja, verdade e falsidade são conceitos que não terão mais um papel relevante nem prioritário nesta nova abordagem da linguagem. A partir deste momento pode-se falar de uma "visão performativa" que pressupõe necessariamente uma nova concepção, uma nova abordagem da linguagem humana, onde o Sujeito não pode se desvincular de seu Objeto fala e, conseqüentemente, onde não é possível analisar este Objeto fala desvinculado do Sujeito.

Capítulo II

A performatividade e suas tensões

Introdução

"Il n'y a pas de frontière" filosófica ou lingüística quando se estuda a linguagem ordinária - esta afirmação de Austin é fundamental para compreender suas reflexões sobre a linguagem de um modo geral, e especificamente sobre a performatividade. Muitas "fronteiras" são estabelecidas no interior da "lingüística" e da "filosofia" para tratar das idéias de Austin fugindo totalmente à sua proposta inicial. Muitos estudiosos da linguagem, como veremos ao longo deste capítulo e do seguinte, começaram a utilizar-se da performatividade sem se dar conta das implicações, das dimensões que este fenômeno tem na linguagem humana. Antes de prosseguir, gostaria de lembrar mais uma vez que a obra de Austin deve ser encarada como um "todo", pois, dadas as características particulares das suas publicações, não é possível discutir qualquer um dos seus conceitos sem localizá-lo no interior da sua argumentação. Este é um dos procedimentos que procuro desenvolver ao longo desta tese.

Parto da hipótese de que o fenômeno da performatividade organiza e é centralizador deste "todo"; entretanto, é também a partir dele que aparecem as maiores dificuldades quando estudado

de modo compartimentado. Por isso, as tensões são um dos lugares privilegiados para se poder discutir certas abordagens que estão presentes nas diferentes interpretações do pensamento austiniano.

Discuto, inicialmente, a tensão provocada por Benveniste, tensão que gera uma ruptura por negar definitivamente qualquer tentativa de acordo com o pensamento austiniano. Dois outros momentos de tensão serão analisados ainda neste capítulo: a confrontação entre Derrida e Searle em 1977, e a polêmica entre "descritivistas" e "não-descritivistas" que tem início em 1978, envolvendo Harris, Edmondson, Wachtel, Spielman, Taylor, Wolf e Rajagopalan e que tem seu final em 1984. A discussão Austin-Benveniste é diferente das duas outras: nela não se instala nem uma confrontação nem polêmica entre os autores.

1. Austin x Benveniste: uma ruptura

Austin iniciou uma discussão que provoca, até hoje, um incômodo para muitos pesquisadores da linguagem. Esta situação incômoda foi explicitada, já em 1963, pelo francês Benveniste, um dos maiores lingüistas contemporâneos. Benveniste (1963), no seu texto "A Filosofia Analítica e a Linguagem", reivindica uma posição, isto é, delimita à sua maneira as "fronteiras" entre a lingüística e a filosofia:

La délimitation exacte du phénomène de langue importe autant à l'analyse philosophique qu'à la description linguistique,

car les problèmes du contenu, auxquels s'intéresse plus particulièrement le philosophe, mais que le linguiste ne néglige pas non plus, gagnent en clarté à être traités dans des cadres formels. (p. 276)

Sua atitude frente ao fenômeno da linguagem é oposta a de Austin. E são justamente a tentativa e a necessidade de delimitar as fronteiras que criam uma tensão, presente até hoje para muitos estudiosos da linguagem. A performatividade, deste modo, permanece centro de visões distintas da linguagem humana.

As divergências entre Benveniste e Austin foram e são objeto de discussões para alguns estudiosos da linguagem, já que as colocações, tanto de um quanto de outro estão fundadas em princípios teóricos que sustentam teorias divergentes sobre a linguagem. Antes de entrar na discussão destas divergências propriamente ditas, é importante lembrar que Felman (1980) faz uma aproximação original entre Don Juan de Molière e a Teoria de Austin. Vejamos o que ela diz na introdução do seu livro:

La question que cette étude se posera sera donc une question en deux temps: de quelle façon les recherches sur le performatif jettent-elles une lumière sur le mythe de Don Juan? Mais aussi, d'autre part, de quelle façon le mythe de don Juan jette-t-il une lumière sur les théories du performatif? Une lecture du Don Juan de Molière éclairée, en particulier, par les réflexions de J. L. Austin et d'Emile Benveniste sera suivie, doublée, débordée, par une lecture de la polémique Austin/Benveniste, éclairée elle-même par le texte du Don Juan. Je voudrais engager ainsi, à partir d'une triple lecture - d'un texte littéraire, d'un texte linguistique et d'un texte philosophique -, une méditation sur la promesse, de telle sorte que le lieu littéraire deviendra le lieu de rencontre, le lieu d'épreuve et de questionnement - mais aussi de débordement - du linguistique et du philosophique.

Or, c'est au moment précis de ce débordement que la chose littéraire, produisant des effets analytiques et

déclenchent donc la nécessité - et la possibilité - d'une articulation théorique entre psychanalyse et performatif (...) (p.12)

O empreendimento de Felman, num primeiro momento, parece totalmente ilusório, fantasioso; mas ela levanta uma questão importante, a do "débordement". Mesmo elegendo a literatura como o lugar do questionamento entre a filosofia e a lingüística, este "débordement" possibilita, segundo a autora, uma aproximação entre a psicanálise e o performativo, como veremos no capítulo III. Assim, este transbordamento, esta explosão, será utilizada, por Felman em favor da teoria psicanalítica, da teoria lacaniana. Pretendo utilizar este "débordement" de maneira diferente, ou seja, em favor do próprio Austin, de uma "visão performativa da linguagem humana".

Benveniste (1958ab, e 1963) analisa principalmente a questão do "homem na língua", isto é, da "Subjetividade na Linguagem". Benveniste (1969, cf. pp. 63-66) faz uma distinção entre linguagem e discurso, entre Semiótica e Semântica, de modo que a linguagem está associada à Semiótica enquanto um sistema estruturado e formal, e o discurso à Semântica, que é a linguagem posta em ação, em funcionamento. Não precisamos definir melhor nem nos aprofundar na discussão destes termos para perceber que Benveniste está discutindo a questão da linguagem humana, da "Subjetividade", de modo totalmente distinto daquele praticado por Austin. Ora, se as visões da linguagem humana são tão distintas, por que Benveniste vai se "incomodar" tanto com as colocações de Austin sobre a performatividade?

Benveniste (1963) faz, no início do seu texto, um breve resumo do que ele afirma ser a definição de Austin do enunciado performativo. O mais interessante é perceber como Benveniste é categórico e resistente à proposta global de Austin sobre a performatividade. Vejamos o que ele diz:

Nous n'avons retenu de cet article que les points les plus saillants dans le raisonnements et, dans la démonstration, les arguments qui touchent au fais proprement linguistiques. Nous n'examinerons donc pas les considerations sur "malheurs" logiques qui peuvent atteindre et rendre inopérants l'un et l'autre type d'énoncé (constativo/performativo), non plus que la conclusion où mènent M. Austin (p.270) (grifo meu).

Ora, fazer uma crítica dos "fatos propriamente lingüísticos" das questões levantadas no P-C é reduzir demasiadamente a sua leitura. Mesmo tendo explicitado o lugar de sua crítica, Benveniste não critica só estes "fatos lingüísticos", como também questiona os procedimentos filosóficos de Austin.

O enunciado performativo, para Benveniste (1963), é constituído de um verbo jussivo na primeira pessoa do presente do indicativo mais um dictum. Vejamos um exemplo utilizado por Benveniste (cf. pp. 271-272): "J'ordonne (ou je commande, je décrète, etc) que la population soit mobilisée" (Eu ordeno que a população é mobilizada); segundo ele, "la population est mobilisée" (a população seja mobilizada) é um dictum, enquanto que "eu ordeno" é um verbo que tem qualidade de performativo. Nos exemplos seguintes: "Je vois que la maison est fermée" (Eu vejo que a casa está fechada) e "Je sais que Pierre est arrivé" (Eu sei que Pedro che-

gou), segundo Benveniste, os verbos savoir (saber) e voir (ver) não são verbos de categoria performativa. Pode-se dizer que para ele é o verbo, enquanto critério formal e gramatical, que predomina e denomina um enunciado performativo. A "função performativa" para Benveniste não é uma propriedade enunciativa como um "todo", como propõe Austin. Para este não é possível definir um enunciado performativo através de critérios formais.

Maintenant que cette idée du performatif, nous la possédons, il est bien naturel d'espérer qu'on va trouver quelque critère, soit de grammaire soit de vocabulaire, qui nous permettra de résoudre dans chaque cas, la question de savoir si tel ou tel énoncé est performatif ou non. Espoir, hélas, exagéré et en grande partie vain. (P-C p. 273) (...) Donc, nous ne pouvons attendre aucun critère verbal du performatif. (P-C p. 274) (grifo meu).

Entretanto, Benveniste insiste em caracterizar formalmente o performativo e faz três afirmações a partir dos dois exemplos que expôs acima: a) saber e ver não são verbos de categoria performativa; b) as proposições "Pierre est arrivé"; "la maison est fermée" (Pedro chegou; a casa está fechada) não enunciam um dictum mas um factum; c) o enunciado inteiro no seu emprego efetivo não preenche a função performativa (cf. p. 272). Podemos facilmente deduzir então que, para Benveniste, a performatividade é uma função e está subordinada a critérios formais.

Há, contudo, dois estudiosos da linguagem humana, Ducrot e Récanati (que analisarei mais detalhadamente no cap. III) entre outros, que partem da hipótese de que Benveniste, independentemente, já havia utilizado a "noção de performativo" próxima à em-

pregada por Austin, sem ao menos ter conhecimento de seus trabalhos¹⁵.

Ducrot (1972b), logo no início de sua discussão sobre a noção de pressuposição (cf. pp. 69-70), que tem origem na noção de performativo, afirma que há uma ligação muito forte entre a expressão performativa e o ato realizado quando a empregamos e que, entretanto, se pode estimar que este ato é a simples consequência da significação particular daquelas expressões. E continua:

On peut donc proposer pour elles une description sémantique qui ne se réfère pas à leur utilisation - à charge cependant qu'elle permette de comprendre cette utilisation. (p. 70)

Parece, segundo Ducrot, ser esta a solução preferida por Benveniste (1958a)

qui, sans utiliser le terme "performatif", avait présenté la notion, indépendamment de Austin, dès 1958. Selon lui, en effet, l'existence d'énoncés à valeur performative n'est qu'une manifestation parmi d'autres du phénomène plus général qu'il décrit comme la présence de la "subjectivité" dans le langage. (p. 70) (grifo meu).

Récanati (1979), por sua vez, ao discutir a crítica do representacionalismo feita por Austin (cf. pp. 95-102), vai se deter na questão da Ilusão Descritiva, que Austin analisa em 1946

.....
 (15) Cf. Caussat (1985, p. 46) que ao discutir, entre outras, questões relacionadas à performatividade e à subjetividade, lembra também o fato de "*Lorsque Emile Benveniste prend connaissance des recherches d'Austin, il peut y reconnaître l'écho des ses propres découvertes*". É bom lembrar que, como Felman (1980a), Caussat também discute neste texto certas divergências e semelhanças entre Benveniste e Austin.

no "OM", e que consiste de um modo geral, segundo Récanati (cf. p. 96), em fazer da representação a função essencial da linguagem; em particular, ela consiste em triturar os fatos lingüísticos de modo a tornar possível a interpretação em termos de "representação" e ou de "descrição". E ele conclui:

*Selon Austin, il y a un nombre important d'expressions linguistiques qui sont utilisées à d'autres fins que simplement décrire la réalité, mais l'analyse de ces expressions a été faussée dès le départ par la prégnance du modèle représentationnel et de l'illusion descriptive; il est donc urgent de se débarrasser de ce vieux working-model (cf. "The Meaning of a Word" dans *Philosophical Papers*, p. 67); et pour cela, une critique en règle s'impose. (p. 96)*

Parágrafos abaixo (cf. p. 98), após a análise do enunciado "je vous félicite", ainda discutindo a questão da concepção representacionalista, ele afirma:

Dans le cas de ("je vous félicite") ou des énoncés analogues ("je jure", etc.), la dualité du représenté et du représentant est inexistante. C'est ce qu'a souligné Benveniste avant même d'avoir connaissance des travaux d'Austin (grifo meu): "jurer" consiste précisément en l'énonciation "je jure"... L'énonciation "je jure" est l'acte même qui m'engage, non la description de l'acte que j'accomplis" (Benveniste 1958a). Un énoncé de ce type, dira-t-il plus tard, a "une propriété singulière, celle d'être auto-référentiel, de référer à une réalité qu'il constitue lui-même" (Benveniste 1963).

As "possíveis coincidências" apontadas pelos dois autores, que afirmam que Benveniste estaria, no "continente", utilizando de maneira parecida a noção que vinha sendo elaborado por Austin desde 1946, parecem ter pouco fundamento se analisarmos as conse-

quências e os desdobramentos que esta noção vai sofrer nas mãos de Benveniste, gerando um distanciamento cada vez maior das propostas austinianas apresentadas em Royaumont.

A primeira noção decorrente desta "subjetividade", da qual segundo Ducrot a "performatividade" faz parte, já foi apontada por Récanati: é a de sui-referencialidade; a outra é a de delocutividade. Não cabe aqui fazer uma análise detalhada destes dois conceitos, mas gostaria de mostrar rapidamente quais são suas implicações, e no que elas diferem da "performatividade austiniana", identificando-se mais com a "subjetividade benvenistiana".

É fundamental esta posição de Benveniste (1958a, pp. 259-260) quando ele afirma:

C'est dans et par le langage que l'homme se constitue comme sujet; parce que le langage seul fonde en réalité, dans sa réalité qui est celle de l'être, le concept d'"ego".

La "subjectivité" donc nous traitons ici est la capacité du locuteur à se poser comme "sujet" (...) Nous trouvons là le fondement de la "subjectivité", qui se détermine par le statut linguistique (grifo meu) de la "personne". (...) Cette manifestation de la subjectivité ne prend son relief qu'à la première personne.

Ora, para Benveniste (cf. Ottoni, 1988), o "sujeito" tem que se apropriar da estrutura (do semiótico) para se identificar como "sujeito" no discurso (no semântico); por isso, o pronome pessoal é o primeiro ponto de apoio da "subjetividade na linguagem", seguido, segundo ele, por dêixis, demonstrativos, advérbios, adjetivos.

Ora, a possível identidade com as propostas de Austin, através do pronome pessoal da primeira pessoa e do tempo presente, que, para Benveniste, é fundamental para o "aparelho linguístico revelar a subjetividade inerente ao próprio exercício da linguagem", é colocada em xeque quando Benveniste (cf. 1958a p. 264) afirma que há uma diferença entre: "eu sinto (que o tempo vai mudar)" onde descrevo uma impressão que me afeta; e "eu creio (que o tempo vai mudar)". Será que me descrevo crendo quando digo eu creio (que)? -- pergunta Benveniste. Sua resposta é seguramente não; e conclui:

L'opération de pensée n'est nullement l'objet de l'énoncé; je crois (que...) équivaut à une assertion mitigée. En disant je crois (que...), je convertis en une énonciation subjective le fait asserté impersonnellement, à savoir le temps va changer, qui est la véritable proposition. (p. 264).

Através desta colocação de Benveniste, seria impossível pensar numa enunciação sem sujeito; entretanto, esta divisão em duas partes do enunciado ("subjetivo"?) é composta de uma enunciação subjetiva e de um fato impessoal, "a verdadeira proposição", que faz parte do enunciado "subjetivo". Esta divisão do "enunciado" em duas partes é um dos pontos centrais de discordância com as colocações de Austin que de maneira nenhuma tinha este "fato linguístico" como preocupação.

Alguns anos mais tarde, em 1963, Benveniste, apoiando-se em seu trabalho de 1958a, vai criticar duramente a posição de Austin e redefinir o "performativo" à sua maneira, acrescentando um componente que vem reforçar e justificar seu espírito descritivista e sua postura "propriamente linguística".

L'énoncé performatif, étant un acte, a cette propriété d'être unique (...) Cela conduit à reconnaître au performatif une propriété singulière, celle d'être sui-référentiel, de se référer à une réalité qu'il constitue lui-même (...). Le signifié est identique au référent. (...) L'énoncé qui se prend lui-même pour référence est bien sui-référentiel. (pp. 273-4)

Felman (1980a, p. 107) comenta parte deste parágrafo, e afirma que, segundo Benveniste, sendo a referencialidade do performativo perfeitamente especulativa ou auto-referencial, o performativo produz uma simetria perfeita entre sentido e referência como entre o enunciado e a enunciação (questão a que voltarei no capítulo IV).

Em relação à delocutividade, gostaria de ressaltar que este "fenômeno" reforça também a postura "estritamente lingüística" que caracteriza as propostas de Benveniste. Por exemplo (cf. 1958b, p. 285):

Le délocutif se définit non par le contenu intentionnel, mais par la relation formelle entre une locution et un verbe dénotant l'énoncé de cette locution.

Ora, Ducrot (1972a) defende esta "idéia" de Benveniste e chega a dizer o seguinte:

La proposition que nous faisons d'intégrer à la description des énoncés la valeur pragmatique de leur énonciation pourrait d'ailleurs se réclamer de certains travaux de Benveniste, qui vont plus loin, à notre avis, que sa réflexion sur les performatifs. C'est le cas par exemple, de son étude des verbes "délocutifs". (p. 24).

Ducrot, após esta afirmação, mesmo fazendo restrições às reflexões de Benveniste sobre os performativos, coloca uma nota de rodapé que, como aquela sua que vimos anteriormente, procura desfazer certas "coincidências", mas de qualquer modo procurando eliminar qualquer "contaminação" da filosofia analítica inglesa na obra de Benveniste. Ducrot diz na nota:

Cette étude, publiée pour la première fois en 1958, est antérieure à l'article sur les performatifs, et a été écrite à une époque où la philosophie analytique anglaise était presque inconnue en France.

Esta afirmação vem corroborar minha posição de que não basta somente estabelecer "possíveis coincidências" entre Benveniste e Austin em relação à "noção de performatividade" uma vez que elas não coincidem nem sequer frente à abordagem da linguagem humana.

Assim, é inegável a existência de uma distância, de uma ruptura entre Benveniste e Austin já que é impossível uma interpretação/compreensão de Austin se forem levados em conta somente os fatos "propriamente lingüísticos" da sua teoria, como fez Benveniste. É impossível desvincular estes fatos dos procedimentos filosóficos de Austin. Estas duas "atitudes" estão de tal modo ligadas uma à outra, que o simples fato de tentar separá-las provoca não só uma dificuldade ou até uma confusão muito grande para a compreensão do pensamento austiniano, como também a total perda da sua originalidade enquanto uma abordagem da linguagem humana.

As críticas de Benveniste a Austin, e a sua posição frente à linguagem, apesar de estarem ligadas somente a questões lingüísticas, produzem implicações filosóficas; é verdade que não aquelas levantadas por Austin, mas implicações que estão presentes no

próprio ato de tentar separar o lingüístico do filosófico. Benveniste (1963) não explicita, no início do seu texto, o que entende por "interpretações filosóficas". Vejamos o que ele diz:

Les interprétations philosophiques du langage suscitent en général chez le linguiste une certaine appréhension. Comme il est peu informé du mouvement des idées, le linguiste est porté à penser que les problèmes propres du langage, qui sont d'abord des problèmes formels, ne peuvent retenir le philosophique et, inversement, que celui-ci s'intéresse surtout dans le langage à des notions dont lui linguiste ne peut tirer parti. Il entre peut-être dans cette attitude quelque timidité devant les idées générales. Mais l'aversion du linguiste pour tout ce qu'il qualifie, sommairement, de "métaphysique" procède avant tout d'une conscience toujours plus vive de la spécificité formelle des faits linguistiques, à laquelle les philosophes ne sont pas assez sensibles. (p. 267).

Ora, Benveniste sabia que as "preocupações formais" de Austin, se assim podemos dizer, estavam vinculadas às suas preocupações filosóficas. O fato de Austin utilizar como exemplos enunciados, pronomes, verbos, etc. é uma atitude absolutamente necessária para a sua argumentação.

Em Benveniste há uma distinção muito marcada, até certo ponto "bastante tradicional", entre filósofos e lingüistas quando trata da linguagem humana (1967, pp. 215-238), posição que insiste em manter. Quando convidado em 1966 para inaugurar o congresso das "Sociétés de Philosophie de langue française", diz:

De mon côté, ayant commis l'imprudence d'accepter cette invitation à parler ici, il ne me restait plus pour la justifier qu'à l'aggraver d'une autre imprudence, plus sérieuse encore, celle de choisir un sujet dont l'énoncé semble convenir à un philosophe plutôt qu'à un

linguiste: la forme et le sens dans le langage.

J'aborde évidemment ce sujet en linguiste et non en philosophie. (p. 215)

Esta mesma atitude ele já havia tomado, concluindo seu texto de 1963, ao dizer

Nous ne voyons donc pas de raison pour abandonner la distinction entre performatif et constatif (...) Si l'on ne se tient pas à des critères précis d'ordre linguistique et formel, et en particulier si l'on ne veille pas à distinguer sens et référence, on met en danger l'objet même de la philosophie analytique, qui est la spécificité du langage dans les circonstances où valent les formes linguistiques qu'on choisit d'étudier. (p. 276).

Fica um pouco mais explícita, nestas duas afirmações, a posição que toma Benveniste. O artigo apresentado por Austin em Royaumont é uma cuidadosa e engenhosa argumentação para demonstrar justamente o que Benveniste não acha razão para que aconteça: que é necessário desfazer a distinção Performativo/Constativo; ou seja, ele não percebe que o abandono desta distinção, a "sea-change" (passagem ou transição radical) significa uma mudança de eixo e não de grau. Os fatos lingüísticos escolhidos e analisados por Austin são parte integrante de sua argumentação e não podem ser deslocados e destacados isoladamente.

Portanto, estas afirmações de Benveniste são uma tentativa de produzir um desfecho feliz a seu favor: de um lado os filósofos e de outro os lingüistas, desde que se mantenha a distinção Performativo/Constativo, não se abandonem critérios lingüísticos e formais e que se faça a distinção entre sentido e referência, deste modo, segundo ele, não se porá em perigo o "próprio objeto da filosofia analítica".

2. Derrida x Searle: uma confrontação

A discussão entre Derrida e Searle constitui um segundo momento de tensão e levanta questões diferentes daquelas analisadas anteriormente, possibilitando assim compreender ainda mais o pensamento austiniano.

Anteriormente, as críticas feitas por Benveniste estavam centralizadas no texto P-C. Aqui, o centro da discussão é o livro HTD, a obra mais conhecida de Austin, que possibilitou duas leituras/interpretações bastante distintas. Esta discussão é composta de três textos: o primeiro, "Signature Événement Contexte" de Derrida (1972); o segundo, "Reiterating the differences: a reply to Derrida" de Searle (1977) e o terceiro, "Limited Inc a b c..." de Derrida (1977) que é uma sofisticada resposta ao texto de Searle.

Antes de iniciar a discussão propriamente dita, gostaria de lembrar que Felman (1980 pp. 116-126) faz uma observação sobre esta discussão entre Derrida e Searle¹⁶. A autora identifica, num primeiro momento, a existência de uma "não confrontação" ("non-confrontation"), de um "encontro frustrado" ("rencontre manquée") entre as línguas, o francês e o inglês, já no colóquio de Royaumont:

(16) Há outros trabalhos que citam esta polêmica; ver por exemplo: Culler (1982, pp. 110-134), Fish, (1982, p. 712) e Norris (1984, p. 172).

Si les objections françaises articulent de la sorte la discordance des mentalités linguistiques, la mésentente ou le malentendu - en quelque sorte philosophique - entre langues, les réponses d'Austin - par leur humor typiquement anglais - tout à la fois engagement et évitent la rencontre ou la confrontation avec le questionnement français, et articulent donc à leur tour, à leur façon don-juanesque, la béance ou la non-confrontation - voire la rencontre manquée - entre l'anglais et le français (121)

Esta "não confrontação" vai se dar, novamente, entre o pensamento francês e o anglo-saxão, tendo a teoria austiniana como centro, ou seja:

Que Searle, dans la suite, manque effectivement nombre d'arguments derridiens, ne fait que confirmer davantage la non-confrontation foncière, la rencontre essentiellement manquée ou le malentendu inhérent entre langues. Si, de la sorte, la confrontation n'a pas eu lieu réellement entre l'anglais et le français, le non-rapport inhérent entre langues, la non-confrontation - tout au moins au sujet du performatif - a réellement eu lieu, comme événement, dans l'histoire des idées. (p. 123-4)

Ora, estas colocações de Felman, de certo modo, deixam claro que discutir as reflexões de Austin sobre a performatividade é tarefa delicada, dadas as diferentes e divergentes interpretações que esta questão proporciona.

O texto de Derrida (1972) foi apresentado, no Congrès International des Sociétés de philosophie de langue française, em Montréal em agosto de 1971, cujo tema central foi comunicação. Levantarei somente algumas questões relacionadas diretamente com a obra de Austin. Na primeira metade do texto, Derrida faz uma análise da escritura e da comunicação que vai fundamentar a segunda

parte, "Les Parasites. Iter, de l'Écriture: Qu'elle n'existe peut-être pas", onde analisará as questões da escritura e da comunicação no pensamento austiniano, através da problemática do performativo.

Derrida (cf. pp. 382-3), partindo da performatividade para melhor analisar a comunicação humana, enumera então quatro pontos importantes e críticos da proposta austiniana. No primeiro, ele afirma que Austin considera os "actes de discours" apenas enquanto atos de comunicação. Derrida mostra que tanto a enunciação constativa quanto a performativa são atos de discursos produzidos na situação total em que se encontram os interlocutores, e por isso destinados a comunicar. No segundo, o que está em jogo é o fato de que tanto a ilocução quanto a perlocução, em Austin, são operações que produzem um efeito, e não o transporte ou a passagem de um conteúdo de sentido. Por isso, afirma Derrida que comunicar através de um enunciado performativo é comunicar uma força por impulsão de uma marca. No terceiro, Derrida reproduz, de certo modo, uma afirmação próxima de Austin: o performativo é caracterizado como um enunciado sem referente fora de si ou, em todo caso, antes de si e face a si; o performativo não descreve qualquer coisa que existe fora da linguagem e antes de si. Os constativos deste modo também transformam sempre uma situação. O quarto e último ponto está também próximo das propostas austinianas: para Derrida, Austin retirou da análise do performativo a autoridade do valor de verdade, a oposição verdade/falsidade; e substituiu-lhe por vezes o valor de força, de diferença de força. Partindo destes quatro pontos, Derrida redefine o performativo e chega à seguinte afirmação, não muito distinta da de Austin. "Le

performatif est une 'communication' qui ne se limite pas essentiellement à transporter un contenu sémantique déjà constitué et surveillé par une visée de vérité" (p.383). Derrida critica a posição de Austin mesmo sabendo de todas as dificuldades encontradas por ele, lembrando que:

Austin n'a pas pris en compte ce qui, dans sons analyse patiente, ouverte, aporétique, en constante transformation, souvent plus féconde en la reconnaissance de ses impasses que dans ses positions, me paraissent avoir une racine commune. Celle-ci: Austin n'a pas pris en compte ce qui, dans la structure de la locution (donc avant toute détermination illocutoire ou perlocutoire), comporte déjà ce système de prédicats que j'appelle graphématiques en général et brouille de ce fait toutes les oppositions ultérieures dont Austin a en vain cherché à fixer la pertinence, la pureté, la rigueur. (p. 383)

Dra, esta afirmação de Derrida que "detecta o ponto crucial" das reflexões de Austin reflete a posição característica da sua abordagem "desconstrutivista"; ou seja, Derrida procura mostrar o momento da "crise" do pensamento austiniano, o lugar de "tensão" de seu raciocínio (discussão a que retornarei no capítulo IV).

Entretanto, a continuação desta afirmação tem pontos de discordância com as reflexões de Austin, uma vez que os "atos de fala" requerem permanentemente, segundo Derrida, um valor de contexto, um contexto tal que determina a presença consciente da intenção do sujeito falante perante a totalidade do seu ato ilocucionário; deste modo, a comunicação performativa torna-se comunicação de um sentido intencional, mesmo se este sentido não possui referente na forma de uma coisa ou de um estado de coisas anterior ou exterior.

A posição de Derrida evidencia-se mais quando ele afirma que:

Cette présence consciente des locuteurs ou récepteurs participant à l'effectuation d'un performatif, leur présence consciente et intentionnelle à la totalité de l'opération implique téléologiquement qu'aucun reste n'échappe à la totalisation présente. Aucun reste, ni dans la définition des conventions requises, ni dans le contexte interne et linguistique, ni dans la forme grammaticale ni dans la détermination sémantique des mots employés; aucune polysémie irréductible, c'est-à-dire aucune "dissémination" échappant à l'horizon de l'unité du sens. (p. 384)

Derrida parece fazer uma leitura de Austin sem questionar ou assumir a flexibilidade que ele admite no pensamento austiniano. Talvez seja justamente este empreendimento que Derrida quer mostrar; isto é para ele o que importa: detectar esta contradição, inerente e necessária a todo pensamento humano, e não compartilhar com ela. No nosso caso, a contradição fundamental do HTD está, como vimos acima, no fato de Austin não ter levado em conta que a estrutura do locucionário já comporta esse sistema de predicados que Derrida chama de grafemáticos em geral e com isso, "tornando incoerente todas as oposições posteriores de que Austin em vão procurou fixar a pertinência, a pureza e o rigor". Derrida tem como texto central o HTD, um trabalho que, como já é sabido, foi reconstituído; mas que, mesmo assim, estamos considerando como "original". Entretanto, é bom lembrar que se a leitura de Derrida fosse centrada no texto de Royauumont, as "tensões", o "ponto crucial" seriam evidentemente outros, uma vez que o texto P-C, "assinado" por Austin, de certo modo sintetiza as suas propostas.

Neste texto Austin não propõe, por exemplo, um substituto, o ato ilocucionário, para preencher a quebra da distinção Performativo/Constativo. A estratégia argumentativo-filosófica empregada por Austin é um dos elementos constitutivos e preciosos da sua "visão performativa" e que está cuidadosamente desenvolvida ao longo do HTD e do P-C. Quero dizer que o "movimento" do pensamento de Austin e da sua argumentação sintetiza e reflete de maneira exemplar simultaneamente os procedimentos de análise da linguagem humana e as "técnicas" da filosofia analítica.

As análises de Austin em torno do performativo, segundo Derrida (cf. p. 383): "requièrent en permanence une valeur de contexte, et même de contexte exhaustivement déterminable(...): o performativo necessita sempre de um elemento que Austin chama de contexto total. Continuando, Derrida diz então que a comunicação performativa "redevient communication d'un sens intentionnel" e que deve ser iterável. Seguindo o raciocínio de Derrida, o contexto deve ser um todo, deve ser controlado e finito; entretanto se não houver nada de essencial no ato de fala, nem mesmo a marca lingüística, nem a intenção do sujeito falante, como então identificá-lo? Como assegurar a comunicação? Austin, segundo Derrida, vai então à fonte da enunciação e faz a seguinte diferenciação: na oralidade o enunciado está na primeira pessoa do presente do indicativo, na voz ativa; e na escrita o autor (enunciador) põe sua assinatura (equivalente a "pelo presente" dos protocolos oficiais).

Pour fonctionner, c'est-à-dire pour être lisible, une signature doit avoir une forme répétable, itérable, imitable; elle doit pouvoir se détacher de l'intention présente et singulière de sa production. (p. 392)

Ou seja, deve haver uma marca iterável para que haja performatividade e, conseqüentemente, comunicação.

Antes de concluir a discussão da posição de Derrida frente às idéias austinianas, gostaria de citar duas passagens em Derrida define sua posição, sua estratégia frente aos textos em geral, e, em particular, ao texto de Austin que está analisando.

La déconstruction ne peut se limiter au passer immédiatement à une neutralisation: elle doit par un double geste, une double science, une double écriture, pratiquer un renversement de l'opposition classique et un déplacement général du système. C'est à cette seule condition que la déconstruction se donnera les moysens d'intervenir dans le champ oppositions qu'elle critique et qui est aussi un champ de forces non-discursives.
(p. 392)

E mais à frente continua:

La déconstruction ne consiste pas à passer d'un concept à un autre mais à renverser et à déplacer un ordre conceptuel aussi bien que l'ordre non conceptuel auquel il s'articule. (grifo meu, p. 393)

Todo o empreendimento que coloca a visão logocêntrica em xeque, isto é, a racionalidade da fala, do discurso enquanto universal, como faz Derrida, é bastante parecido com o que fez Austin ao longo de sua vida. Austin possibilitou uma reviravolta, um deslocamento inegável no interior da filosofia e da lingüística, reconhecido pelo próprio Derrida. Entretanto, a posição, o momento histórico no qual se insere Austin, pode-se dizer, de "transição" permite uma aproximação com a proposta desconstrutivista (e também com a pós-moderna), uma vez que o próprio Derrida (cf. p. 383) reconhece que:

(C'est ce qui, dans cette pensée (de Austin) qui n'est rien moins que nietzschéenne, me paraît faire signe vers Nietzsche; celui-ci s'est souvent reconnu une certaine affinité avec une veine de la pensée anglaise).

Ora, esta veia do pensamento inglês é sem dúvida o que Derrida reconhece em Austin, proporcionando assim uma confrontação (confrontation) e um encontro (rencontre) entre os dois pensadores. E, neste caso, partindo das observações de Felman pode-se dizer que entre Austin e Derrida o encontro não foi frustrado; diferentemente do que ocorreu entre Derrida e Searle, que veremos a seguir.

Searle (1977) ao discutir as interpretações austinianas de Derrida parte de uma outra perspectiva. Para Searle, Derrida faz uma leitura equivocada, errada, da obra de Austin. Searle não assume e parece ignorar e não questionar a proposta "desconstrutivista" de Derrida, uma vez que Searle parte do princípio de que sua leitura de Austin é indiscutivelmente a correta. Esta confrontação vai corroborar e ilustrar, sem dúvida nenhuma, a afirmação de Felman de que houve um encontro frustrado (rencontre manquée) entre os dois pensadores. Vejamos, a seguir, alguns pontos relevantes desta confrontação.

Para Searle não há distinção, enquanto ato intencional ou constituído de uma ação, entre o ato de fala escrito e o falado.

Speaking and writing are indeed conscious intentional activities, but the intentional aspect of illocutionary acts does not imply that there is a separate set of conscious states apart from simply writing and speaking. (p. 202)

Para Searle, falar e escrever comportam uma intenção e é o caráter convencional do enunciado performativo e do ato ilocucionário que possibilitará a interação; ou seja, é irrelevante, para Searle, que o ato ilocucionário seja falado ou escrito, é relevante o fato de ser este ato intencional e convencional. Na verdade,

Austin's insistence on the conventional character of the performative utterance in particular and the illocutionary act in general commits him precisely to the view that performatives must be iterable, in the sense that any conventional act involves the notion of the repetition of the same.

A performatividade, segundo Derrida, é um "ato de comunicação"; para Searle, o "ato de comunicação" é uma das várias possibilidades do performativo, do ato de fala. Deste modo, o caráter iterável do performativo e do ato ilocucionário é diferente para ambos. A questão da iteração é o ponto central desta discussão.

Searle (cf. pp. 204-208) observa, então, cinco momentos em Derrida que constituem uma interpretação não correta de Austin. Vejamos resumidamente cada um deles: 1) Derrida se enganou completamente com relação ao status da expulsão das formas parasitárias (parasitic) do discurso feita por Austin nas suas investigações do ato de fala; 2) Derrida supõe que o termo "parasitic" envolve algum tipo de julgamento moral: este parasitismo, segundo Searle, é uma relação de dependência lógica; 3) Derrida, na sua argumentação crítica, confunde três fenômenos distintos: iterabilidade, "citationality" e parasitismo; 4) Derrida associa a escrita que pode ser parasítica da língua falada no mesmo sentido que a ficção é parasítica da não-ficção ou do discurso padrão; 5) Derrida é contrário à idéia de que a intenção seja o coração do

sentido e da comunicação e que na verdade uma interpretação da intenção mostra a "essential absence of intention to the actuality of the utterance" (aspas de Searle).

Como vimos parágrafos acima, para Derrida um ato para ser iterável - e ele deve sê-lo - tem que se separar da sua intenção, da sua produção. Searle reproduz este postulado da seguinte maneira:

According to Derrida (and contrary to what he supposes is Austin's view) a performative can succeed only if its formulation repeats a coded or iterable utterance, only if it is identifiable in some way as a citation. Once we have a typology of such forms of interaction we can see that there is 'an essential absence of intention to the actuality of the utterance' (p. 204)

A partir desta citação, é de se esperar que Searle vá numa outra direção. Entretanto, Searle redefine a iterabilidade afirmando que não se deve encará-la somente como a repetição da mesma palavra em diferentes contextos, mas também incluir, no caráter iterável do ato de fala, a aplicação de regras sintáticas. Conclui seu texto afirmando:

Thus the particular features of the intentionality that we find in speech acts require an iterability that includes not only the type we have been discussing, the repetition of the same word in different contexts but also includes an iterability of the application of syntactical rules. Iterability - both as exemplified by the repeated use of the same word type and as exemplified by the recursive character of syntactical rules - is not as Derrida seems to think something in conflict with the intentionality of linguistic acts, spoken or written, it is the necessary presupposition of the forms which that intentionality takes. (p. 208)

O fundamental desta discussão é que tanto Derrida quanto Searle estão fazendo "leituras" da performatividade enquanto encarada como um "objeto" de análise da linguagem humana, profundamente diferentes e divergentes. Para o primeiro, a iteração é fundamental para a constituição da performatividade enquanto comunicação; conforme ele, esta iteração se perderia através do caráter intencional do performativo, já que neste caso a iteração proporciona a condição de existência da performatividade. Para o segundo, a iteração é uma pressuposição necessária para as formas através das quais a intencionalidade se configura; neste caso, a iteração é uma condição constitutiva da performatividade. Ora, o fato da iteração ser condição exterior ou constitutiva da performatividade é, até certo ponto, neste caso, pouco importante. Austin, no processo de elaboração da performatividade, a partir da análise da linguagem ordinária e de procedimentos da filosofia analítica, segue um caminho que o leva a uma "visão performativa da linguagem" que (como veremos no capítulo IV) está mais próxima às colocações de Derrida do que às de Searle, que procurou consolidar e desenvolver nestes últimos vinte e cinco anos os aspectos empíricos e lógicos da performatividade, dificultando e distanciando-se cada dia mais da obra de Austin e correndo sempre o perigo de ficar no meio do caminho do pensamento austiniano.

Derrida (1977), em resposta a Searle, retoma a discussão num texto onde não só analisa, mas também "desconstrói" minuciosamente as objeções e críticas à sua leitura de Austin levantadas por Searle, e ainda questiona a posição de Searle enquanto "construtor" de uma "teoria dos atos de fala". A posição de Derrida, neste texto, com relação às reflexões de Austin sobre a per-

formatividade, não sofre modificações significativas.

Por isso, diria como Felman que a não-confrontação Derrida x Searle - ao menos em relação ao performativo - aconteceu como evento na história.

3. Descritivistas x Não-descritivistas: uma polêmica

Entre 1978 e 1984, a revista Journal of Linguistics publicou sete artigos que constituíram uma polêmica em torno dos enunciados performativos. A análise destes artigos aponta para duas interpretações distintas desta questão: a descritivista e a não-descritivista. Esta polêmica, que envolveu sete estudiosos da língua natural, exemplifica de maneira original como a discussão da performatividade, partindo das colocações de Austin, possibilitou um "diálogo" vigoroso sobre a linguagem humana.

Este terceiro momento de tensão, apesar de apresentar características distintas das duas discussões anteriores, chega a colocar impasses, em relação ao pensamento austiniano, bastante semelhantes. Quero dizer que a polêmica entre estas duas posições exemplifica mais uma vez a necessidade de se analisar a performatividade, não nos seus aspectos pontuais que geram constantes conflitos, mas como um "todo", uma abordagem da linguagem humana.

Harris (1978) inicia seu texto, o primeiro desta polêmica, partindo do pressuposto de que os enunciados performativos, do tipo I apologize, I promise, etc., possibilitam duas interpreta-

ções conflitantes as quais podem, por conveniência, ser denominadas de "descritiva e não-descritiva".

According to the latter, the speaker is not making any assertion about what he is doing, but just doing it. According to the former, on the contrary, performative utterances of this type are assertions, and they are assertions which, uttered in the appropriate circumstances, are instrumental in implementing the performance of the act in question. Consequently, they are to be judged true or false in just the same way as other assertions. (p. 309)

A principal virtude e eficácia da posição descritivista, segundo Harris, é o fato de que esta responde facilmente à questão: O que um enunciado performativo descreve? Este enunciado descreve o que o falante, ao enunciar as palavras I apologize, I promise, etc., nessas circunstâncias, faz. Portanto, "if the speaker (S) correctly describes what he does, what S says is true: otherwise not" (p. 309). Ora, para os não-descritivistas, continua Harris, esta resposta é inaceitável e oculta, porque esconde uma contradição. Esta contradição existe à medida que se faz necessário distinguir o uso não-performativo do uso performativo de determinados verbos. O uso não-performativo é constituído da terceira pessoa do singular mais o verbo no imperfeito; o uso performativo, pela primeira pessoa do singular mais o presente do indicativo. Por outro lado, esta diferença formal não deve ser relevante para os descritivistas, já que o uso performativo pode ser uma afirmação que descreve o ato em questão, isto é, o que se faz, o que se realiza pode ser descrito também enquanto uma afirmação não-performativa. O que deve ser relevante é o fato de que tanto na descrição não-performativa quanto na afirmação performativa, aplica-

do o critério de veracidade, o resultado deve ser o mesmo nos dois casos, não podendo haver contradição.

Se o que diz S é verdadeiro, pressupõe-se que o ato performativo foi efetuado, realizado; isto é, pode-se dizer que He apologized é equivalente ao ato performativo I apologize. Entretanto, Harris afirma que se pode dizer que He apologized é verdadeiro sem que o ato tenha sido realizado, ou tenha falhado, assim como pode ocorrer o contrário. No exemplo de Harris, 'S apologized to the lamp-post, and even the police sergeant laughed', o enunciado descritivo é verdadeiro, enquanto que o performativo descrito pelo enunciado não o é. O enunciado performativo não tem condições, regras, segundo Harris, para se realizar. Pode-se dizer que os descritivistas fundem o sentido de um verbo performativo com o nome do ato realizado através do verbo. Para os não-descritivistas, esta contradição não existe, porque não se aplica o critério de veracidade nos enunciados performativos.

Criticando a posição de Harris, Edmondson (1979) recoloca a questão da performatividade propondo duas saídas para o dilema dos descritivistas ao afirmar que o problema principal com respeito aos enunciados performativos é o fato de distinguir Semântica de Pragmática (cf. p. 331). Se, por um lado, é a Teoria Semântica que dá condições para aplicar o critério de veracidade nos enunciados performativos, por outro, a Pragmática proporciona uma visão voltada para as convenções sociais e para a posição privilegiada do falante frente a sua intenção ilocucionária. O exemplo de Harris, citado acima, é analisado dentro de um outro contexto por Edmondson: as condições e as regras para se estabelecer a performatividade, o ato de fala, vão depender de quem o

enuncia, por isso os exemplos: "I apologize - No you don't. That's a lamp-post you're talking to", e, "He apologized - No he didn't. He was talking to a lamp-post", só podem ser possíveis se o segundo falante for um filósofo ou um lingüista. Neste caso, a primeira enunciação é uma "descrição correta".

In other words, in setting up a theory of speech acts, we need to distinguish between a technical term such as 'promise' or 'apology', and the lexical items PROMISE and APOLOGIZE, which may or may not occur in utterances which count as instances of these speech acts. (p. 332)

Esta afirmação de Edmondson é importante na medida em que distingue o item lexical da denominação do ato que se realiza, posição diferente da de Harris que, segundo ele, ignora neste caso a distinção entre Semântica e Pragmática.

Concluída a sua crítica, Edmondson levanta dois problemas para os não-descritivistas. O primeiro está no estabelecimento de uma linha divisória entre o uso performativo e o não-performativo dos verbos performativos. Por exemplo, o uso de WARN em 'I warn you, there's going to be trouble' é descritivo ou performativo? O segundo problema se dá com relação ao uso não-literal do performativo: qual é a relação entre 'promising' e 'advising' no enunciado, 'If you do that again, there'll be trouble, I promise you'?

Ora, não são as respostas às questões levantadas para os descritivistas e para os não-descritivistas que se colocam como um dilema. O "dilema do performativo" é o fato de se colocar questões deste tipo, já que o problema central é não se partir, de uma definição mais ou menos próxima do que se entende por per-

formativo. Desta polêmica, até o momento, pode-se dizer resumidamente que: a) o performativo é um enunciado que descreve um ato através de um verbo performativo na primeira pessoa do singular do presente do indicativo, e pode, para os descritivistas, ser verdadeiro ou falso; b) o verbo performativo tem também um uso não-performativo, que pode ser verdadeiro ou falso, e descreve, na terceira pessoa do singular do imperfeito, o ato realizado, c) não há uma relação direta entre o nome do ato realizado e o verbo empregado para a realização deste ato; d) o verbo performativo pode ter um uso literal e não literal. Na continuação desta discussão, outros elementos serão incorporados na tentativa de resolver essa polêmica.

Wachtel (1980) vai acrescentar a esta discussão o conceito de going through the motion que ele define, inspirado em Austin, da seguinte maneira:

To go through the motions of an act is to perform a set of actions which, if the felicity conditions for that act are met, constitute an act of that type (...) If the going through of the motions is linguistic, then the act is a speech act. (p. 86)

Wachtel propõe uma solução para o dilema descritivista, já proposto por Harris, afirmando que um enunciado performativo é uma asserção que descreve going through the motion de um ato de fala, e não a felicidade em si do ato de fala, isto é, "the assertion I apologize does not describe an act of apologizing, but only the activity of going through the motion of apologizing. (p. 86)"

A solução de Wachtel, para o dilema dos descritivistas levantado por Harris, é a seguinte: a asserção I apologize não des-

creve o ato apologizing mas somente a atividade de going through the motion of apologizing. Neste caso, a condição de felicidade para apologizing deve ser satisfeita; se (não) for satisfeita, (não) houve um ato de fala feliz. Assim, o going through the motion pode ser descrito por He apologized. Desfaz-se a distinção entre I apologize e He apologized, ambas as fórmulas descrevem, segundo Wachtel

the going through of the motions of apologizing, rather than the apology. Harris's dilemma is removed by noting that it is not the felicity of the speech act that determines the truth value of either assertion, but whether or not the motions were gone through. (pp. 86-7)

O objetivo maior de Watchel é resolver o dilema levantado por Harris redimensionando a visão dos descritivistas. Ele não se preocupa muito em discutir explicitamente o performativo; não é este seu objetivo nesta polêmica. Entretanto, apesar de acrescentar a essa discussão um conceito parecido ao going through a form of de Austin, que é fundamental na argumentação austiniana para a compreensão do performativo, permanece o "dilema do performativo".

Spielmann (1980), da mesma maneira que Edmondson (1979) e Wachtel (1980), procura mostrar a inconsistência da argumentação de Harris com relação à posição dos descritivistas. A sua contribuição, nesta polêmica, foi aproximar o conceito de indicação (indexicality) ao de performativo. Para tanto,

it is imperative to recall that Austin (1962 HTD), a non-descriptivist, argues for two conditions which delimit the force of a performative utterance: a) there must exist an accepted conventional procedure having a certain conventional effect, the procedure to include the uttering of certain words by certain persons in certain circumstances (1962:26) b) The particular persons and circumstances in a given case must be appropriate for the invocation of the particular procedure involved (1962:34) (pp. 89-90).

Apoiando-se em Bar-Hillel, Spielmann caracteriza os enunciados conversacionais como indiciais; para o primeiro, alguns enunciados e palavras são expressões indiciais, ou seja, a indiciacão é caracterizada pelo tempo e lugar da enunciação e pela maneira pela qual o sujeito falante se relaciona com o enunciado. Para Spielmann as expressões indiciais são idênticas aos performativos, ou a qualquer outra enunciação, já que diferentes enunciações supõem diferentes contextos. Por isso, "according to the notion of indexicality, the true-ness or false-ness of (S)'s activity (apologizing) is context bound" (p. 91). Assim, o dilema surge, segundo Spielmann, no momento em que Harris não leva em conta que há uma diferenciação no critério de veracidade para os enunciados performativos como para os não-performativos, isto é, para julgar falso ou verdadeiro um enunciado não se pode utilizar o mesmo critério contextual.

Spielmann, apesar de partir de uma afirmação de Austin, cai também na mesma ilusão, ou seja, resolve a contradição dos descriptivistas apoiando-se no conceito de "expressão indicial". O "dilema do performativo" continua e se fortalece.

O texto de Taylor e Wolf (1981) faz, basicamente, uma dura crítica à posição de Edmondson (1979); as críticas a Wachtel

(1980) e a Spielmann (1980) são secundárias. Para Taylor e Wolf toda a argumentação levantada pelos três autores é irrelevante e demonstra uma incompreensão do dilema descritivista. A crítica fundamental é com relação à distinção entre Semântica e Pragmática.

Edmondson's appeal to an obscurely drawn distinction between semantics and pragmatics is simply irrelevant to this issue. The semantic theory with which Edmondson saddles the unfortunate descriptivist makes his position, if anything, worse. (p. 329)

As duas outras observações são com relação à divisão entre enunciados performativos e não-performativos, e o uso literal e não-literal dos verbos performativos na primeira pessoa do indicativo. Taylor e Wolf criticam estas divisões, que são supostamente questões para os não-descritivistas, afirmando que o fato de se estabelecer essa linha divisória entre enunciados performativos e não-performativos ou entre o uso literal e não-literal dos verbos performativos não se constitui em questões para os não-descritivistas, mas,

in fact, the descriptivist, by his postulation of a uniform type of semanticity for all utterances - independent of pragmatics - who is forcing the account of communication by language into too uniform an explanatory system, thereby placing himself in the inescapable dilemma perceived by Harris. (p. 332)

Dra, esta afirmação é muito apropriada neste momento. Se, por um lado, Taylor e Wolf colocam que não há solução para os descritivistas, por outro, eles, supostamente defendendo a posição contrária, também estão num impasse frente a esta questão. Não há

solução para este impasse, seja de que lado for: a questão da performatividade, como foi colocada desde o início, não pode ser encarada deste modo.

Edmondson (1983), continuando a polêmica, não aceita as críticas de Taylor e Wolf (1981); como era de se esperar, ele insiste e recoloca suas posições frente ao dilema, acrescentando um novo problema:

I (...) would like to add another problem for the nondescriptivist (...) I find this problem to be a further and rather powerful indirect argument for the descriptivist position, through it had not occurred to me before.

The problem is this: how will a non-descriptivist handle data such as the following: (i) I beseech you in the name of the Lord Jesus Christ to follow the paths of peace.

The dilemma is clear: assume whatever conditions are necessary in order to make (i) a classic case of the fully achieved over performative utterance; now ask: is the act performed one of 'beseeching' or one of 'beseeching in the name of the Lord Jesus Christ'? (p. 184)

Estas duas últimas citações, a de Taylor e Wolf e a de Edmondson, exemplificam claramente que esta discussão, partindo destes pressupostos sobre a linguagem, chegaria inevitavelmente até hoje, e supostamente não acabaria nunca; estaria criando cada vez mais impasses e ela própria, um grande dilema.

Com Rajagopalan (1984) esta discussão tem um fim, mas o "dilema do performativo" permanece. O texto de Rajagopalan "The Harris-Edmondson dispute: identifying the strawmen", tem uma posição mais lúcida frente a esse dilema. O autor, inicialmente, já se posiciona do lado dos não-descritivistas e faz duas observações:

a) that no brusque argument of the sort originally advanced by Harris or subsequently marshalled by the others can help settle the dispute either way, and b) that the controversy so far has been riddled with a good deal of futile cross-talk which has blinded the participants in the intellectual free-for-all to some of the real issues at hand. (p. 251)

Rajagopalan, basicamente, na análise elaborada que faz das duas posições, discute a questão da teoria dos atos de fala e concorda com Edmondson que não se deve confundir Semântica e Pragmática. Sua posição, ao longo do texto, é a de trazer as colocações de Austin relacionadas ao ato de fala e, através delas, rediscutir e recolocar certas questões.

Austin's fundamental thesis concerning the distinctive role of speech acts is a pragmatic one which has, strictly speaking, no semantic analogue (...) indeed, the semantic concept of truth (and falsity) has no place in the realm of pragmatics, where the only negotiable currency is the concept of felicity or happiness (and infelicity or unhappiness). (p. 252)

Num outro momento, ainda apoiado na teoria austiniana, o autor faz a distinção entre performativos explícitos e primários, fundamental na discussão sobre a performatividade. Não havia anteriormente sido feita essa distinção já que

what Edmondson is at pains to elucidate by appealing to the semantics/pragmatics dichotomy are in fact two TYPES of performative utterances - explicit performatives like I promise I'll do P and primary performatives like He promises he'll do P. (p. 253)

Outra observação fundamental no interior desta discussão é a distinção entre metalinguagem e linguagem-objeto que Rajagopalan

faz ao comentar a diferença feita por Edmondson, entre o termo técnico 'promise' e 'apology' e o item lexical promise e apology. Esta distinção, lembra o autor, é feita por muitos através dos conceitos de uso e menção.

Este acréscimo de elementos na discussão levantada por Rajagopalan de certo modo amplia em muito a visão da polêmica, mas deixa a questão em aberto e sem solução, porque, segundo ele (cf. p. 255), a disputa entre Harris e Edmondson é insolúvel: a tese descritivista é uma tese semântica enquanto a tese não-descritivista está basicamente voltada para questões pragmáticas.

A identificação das teses descritivistas com as teses semanticistas e das não-descritivistas com as questões da Pragmática dá uma saída possível ao impasse que se criou entre estas duas visões dos enunciados performativos. No entanto, se reforça com isso a existência do "dilema do performativo".

Conclusão - o dilema do performativo

Ao longo deste capítulo, procurei mostrar como certas discussões das reflexões austinianas sobre a performatividade geram tensões e impasses, que denominei de "dilema". Sob a denominação "performatividade" englobo de maneira geral toda a discussão sobre o "fenômeno do performativo". Quero dizer que há uma questão fundamental envolvendo a performatividade à qual "teorias dos atos de fala", que sustentam muitas das discussões que vimos até

agora, não proporcionaram um melhor entendimento, já que estas teorias pressupõem e defendem concepções de linguagem diferentes daquela subjacente às idéias de Austin.

Gostaria de dizer que o "dilema do performativo" aparece também no interior da tensão entre o que podemos chamar de "lingüística" e de "filosofia"; por isso, acho importante relembrar, mais uma vez, a resposta dada por Austin a M. J. Wahl, em Royau-
mont, ao dizer: "Où est la frontière?... Il n'y a pas de frontière". Não há fronteira lingüística ou filosófica quando se trata de analisar a linguagem ordinária. E foi inspirado nesta afirmação que procurei discutir os três momentos, que chamei de tensões, envolvendo a proposta austiniana. Vejamos, a seguir, cada um destes momentos, resumidamente, e como cada um, a seu modo, discute a questão da performatividade.

A primeira tensão tem uma especificidade muito clara, a de evidenciar a dura reação de Benveniste às propostas, à argumentação de Austin. Para Benveniste há uma divisão muito nítida entre a filosofia analítica e a lingüística quanto à questão da performatividade. O fenômeno da performatividade, segundo Benveniste, pode favorecer um bom relacionamento entre estas duas áreas que estudam a linguagem humana, se cada uma delimitar claramente o que pretende analisar deste fenômeno. Ora, esta é justamente a proposta que a performatividade austiniana não proporciona. A performatividade está acima desta proposta de compartimentação da linguagem humana. Benveniste julga necessário manter a distinção Performativo/Constativo; segundo ele, há critérios formais que legitimam esta divisão. Esta tensão coloca um impasse insolúvel. Mas é a performatividade que serve tanto como fator de aproxima-

ção para Benveniste criticar Austin, quanto de distanciamento, de discordância entre os dois, e, por isso, como fator gerador de tensão. Que fatores envolvem o fenômeno da performatividade, que põem em confronto duas visões tão distintas da linguagem humana?

Outro fato característico da análise da performatividade, neste primeiro momento de tensão, é que a performatividade serve como uma espécie de espelho através do qual Benveniste procura refletir sua própria concepção de linguagem humana, que está presente na sua concepção de "subjetividade na linguagem" e que cuja abordagem teórica é bastante distinta daquela utilizada na performatividade austiniana. Benveniste não percebe que por detrás das reflexões sobre a performatividade de Austin há uma "visão da linguagem humana". Quero dizer que Benveniste fica no nível do enunciado, "do lingüístico", e não faz referências ao processo de elaboração da performatividade no interior de um "todo argumentativo"; sua abordagem se utiliza da performatividade de maneira compartimentada. Austin utiliza-se de enunciados performativos da linguagem ordinária para argumentar, para elaborar uma nova visão da linguagem humana, enquanto que Benveniste se utiliza de enunciados performativos como exemplos, como dados empíricos para fortalecer uma abordagem específica da linguagem, neste caso, a da subjetividade.

A especificidade do segundo momento de tensão é uma elaborada discussão, entre Derrida e Searle, do ato de fala e da performatividade. A partir do texto de Derrida, que critica a concepção da performatividade austiniana, Searle faz uma crítica à interpretação dada por Derrida ao performativo. O que considero fundamental, nesta discussão, é como ela exemplifica a possibilidade

de se fazer análises tão diferenciadas sobre a performatividade.

Para Derrida, o enunciado performativo é necessariamente um ato de comunicação enquanto que, para Searle, o ato de comunicar é uma das várias possibilidades do ato de fala do performativo. O primeiro discute a supremacia da escritura em relação à performatividade, supremacia que possibilita melhor entendimento uma vez que a performatividade estaria mais próxima à fala proporcionando o caráter intencional e convencional do ato, o que não é totalmente evidente para a escritura que se caracteriza pela sua iterabilidade. Searle, por sua vez, não vê justificativa em fazer a distinção entre fala e escrita. Tanto a fala quanto a escrita comportam um caráter intencional e convencional e por isso iteráveis. A discordância maior está relacionada à questão da iterabilidade da performatividade: para Derrida, a iteração é uma condição exterior à performatividade, enquanto que, para Searle, a iteração é uma condição constitutiva da performatividade.

A performatividade é, para Searle enquanto um dos precursores de uma teoria específica do ato de fala, um dos elementos desta teoria. Derrida não encara a performatividade como uma abordagem da linguagem humana. Parte de uma abordagem inversa, ou seja, a performatividade pode se constituir numa abordagem que possibilita uma discussão da linguagem humana de modo distinto das "teorias do ato de fala". Por isso, essa discussão analisa de maneiras completamente distintas o conceito de performativo, não levando em conta que há, na proposta de Austin, uma "visão performativa da linguagem".

Finalmente, a terceira tensão: há uma distinção entre descritivistas e não-descritivistas. Nesta discussão sobre enuncia-

dos performativos há, de um lado, os adeptos da Semântica e, de outro, os da Pragmática, que criam conflitos e impasses, ao longo da discussão. Estes impasses são produzidos na medida em que uma série de explicitações e de acréscimos de conceitos são empregados para explicar o enunciado performativo. Mais uma vez, o fenômeno do performativo ao mesmo tempo possibilita a concordância e a discordância sobre a sua natureza. Este fato produz um impasse: quanto mais se procura uma saída, maior é o dilema. O "dilema do performativo" aparece porque não se parte de uma abordagem do performativo enquanto uma proposta sobre a linguagem humana, mas simultaneamente de um conceito no interior de uma reflexão sobre a linguagem.

Por que uma "teoria dos atos de fala", já exaustivamente discutida no momento que surge esta polêmica, não possibilita uma solução mais adequada para os impasses criados pelo performativo? Esta teoria, ao contrário, gerou uma polêmica muito apaixonada e conclusões que se distanciaram da proposta de Austin. Por que "teorias dos atos da fala", enquanto abordagens das reflexões austinianas, produzem tantos "desentendimentos?"

No capítulo III mostrarei as diversas maneiras de encarar estas reflexões e como são constantemente redefinidas para dar conta de teorias tão diferentes e divergentes da linguagem humana.

Capítulo III

**Austin e as "teorias" dos atos de fala,
do performativo e do ilocucionário**

Introdução

Os conceitos de "ato de fala", "performativo" e "ilocucionário" podem ser analisados de maneiras tão diferentes e divergentes quantas são as "teorias" que estudam a linguagem humana. Estes conceitos sofrem constantes redefinições, e a flexibilidade "teórica", para muitos estudiosos que trabalham com a linguagem humana, serve mais para eles explorarem suas próprias áreas de trabalho do que discutir as reflexões de Austin.

Dito de outro modo, a possibilidade de, com esses conceitos, se discutir questões ligadas às várias teorias que estudam a linguagem humana é profundamente enriquecedora; mas, esta atitude deve ser vista com uma certa cautela porque pode fugir demasiadamente da proposta austiniana. Acredito que a riqueza contida nos conceitos de "ato de fala", "performativo" e "ilocucionário" é originária das discussões que Austin desenvolveu sobretudo com relação à performatividade. Por isso, parto do princípio de que: a) as "teorias" baseadas nestes conceitos não devem deixar de lado a performatividade, já que é em torno deste fenômeno que se produzem divergências marcantes (como procurei mostrar no capítu-

lo II); b) Austin não formalizou estes conceitos a ponto de se poder identificá-los no interior de uma "teoria", uma vez que, como afirma Rajagopalan (1990d), as obras de Austin "são idéias e sugestões de grande valor e originalidade que nem sempre estão de acordo entre si, graças a fluidez, a movimentação constante, do seu pensamento" (p. 12).

Uma das contribuições, ou talvez a maior contribuição de Austin, foi discutir o caráter performativo da linguagem humana. Depois de fazer a distinção Performativo/Constativo, ele introduziu o conceito de "ato ilocucionário" e passou em seguida a descrevê-lo. Mas, isso não quer dizer que o caráter performativo da linguagem possa ser deixado de lado quando se estudam os atos de fala, especificamente o ilocucionário (que veremos no capítulo IV). Procurarei mostrar mais adiante que a maioria dos seus seguidores não tem se preocupado com o que considero a maior contribuição de Austin.

É necessário questionar o início de suas reflexões, o porquê da utilização, por Austin, do termo performativo após ter deixado de lado a dicotomia Performativo/Constativo. Rajagopalan (1990c) faz uma colocação importante e que esclarece muito a "visão performativa" da linguagem: "o constativo, cuja existência era a única certeza que havia no início das reflexões [de Austin], nada mais é do que um performativo que conseguiu se disfarçar muito bem e enganar muita gente durante muito tempo" (p. 238). Rajagopalan (1989) observa que os pesquisadores que não prestam atenção a esta questão prejudicam muito a reflexão posterior do pensamento austiniano, uma vez que:

o termo "enunciado performativo" que sobrevive ao desmoronamento da dicotomia "constativo/performativo", designa um novo conceito que difere do seu antecessor e homônimo de modo radical (...) Em outras palavras, o termo "performativo" que Austin continua a empregar passa a designar algo que define todo e qualquer enunciado e conseqüentemente, passa a definir a própria linguagem. (pp. 524-525)

Esta posição é a que tenho defendido ao longo desta tese, e neste momento gostaria de retomar a pergunta que deixei sem resposta no final do capítulo anterior: Por que a "teoria dos atos de fala" produz tantos desentendimentos com relação à performatividade? Ora, uma resposta breve e simples seria dizer que as "teorias" do "atos de fala", "performativo" e "ilocucionário" não levam em conta a visão performativo da linguagem humana, que é a hipótese da qual estou partindo. Mas, as coisas não são tão simples assim. Esta rápida resposta justifica que ao longo destes anos uma quantidade enorme de trabalhos tenha sido produzida e divergências tão profundas tenham aparecido e apareçam, a cada dia, na discussão dos "atos de fala" do "performativo" e do "ilocucionário". Mas, o importante está no fato de se verificar por que muitos estudiosos deixam de lado esta visão performativa da linguagem em detrimento de outros "interesses teóricos".

Austin, seja no texto de Roycaumont onde não faz uma única menção ao ilocucionário, seja no HTD onde introduz a noção de ilocucionário, explicita em ambos a necessidade de se produzir uma doutrina, uma teoria geral que dê conta do "que se faz ao dizer alguma coisa", ou ainda que englobe os atos de fala na sua totalidade. Pode-se dizer, mais uma vez, que este empreendimento Austin iniciou a partir da discussão da performatividade e foi o

que lhe possibilitou chegar a uma "visão performativa da linguagem". Mas foi com a introdução do conceito de "ato ilocucionário" que este empreendimento passou a ser desenvolvido.

Entretanto, a ligação entre "ato ilocucionário" e a "visão performativa da linguagem humana" é um procedimento intrínseco e fundamental na construção de qualquer teoria ou doutrina dos atos de fala, como pretendia Austin. Rajagopalan (1989), deixa bem claro como se dá esta ligação:

O conceito de "ato ilocucionário" emergiu das cinzas que sobraram da queima que Austin provocou (...) da distinção entre "enunciado constativo" e "enunciado performativo" (...) Ou seja, quando propôs a distinção "constativo" vs. "performativo" Austin já sabia muito bem que estava construindo algo para ser derrubado em momento oportuno - isto é, com a data e a hora marcada para sua derrubada. (p. 523)

Ora, deste modo, qualquer discussão sobre as "teorias" dos "atos de fala", do "performativo" e do "ilocucionário" que não leve em conta esta posição põe em risco a maior contribuição austiniana, isto é, a sua "visão performativa da linguagem humana". Parto, assim, do princípio de que as teorias que não discutem esta questão de certo modo "imobilizam" o pensamento austiniano. É o que chamei de "dilema do performativo".

Farei, em seguida, uma discussão de algumas destas teorias, por um lado sempre voltado para a inter-relação existente entre os conceitos de "ato de fala", "performativo" e "ilocucionário"; e, por outro, fundamentando a "visão performativa da linguagem".

Antes de analisar estas teorias, gostaria de deixar claro que meu objetivo aqui é discutir o ato de fala, o ato ilocucioná-

rio e a performatividade como fenômenos centrais na questão da linguagem humana, e não as suas "incorporações" enquanto "propostas lingüísticas". Por isso, não estou levando em conta os possíveis rótulos institucionais que possam ser colocados em cada um dos pesquisadores da linguagem cujas teorias analiso a seguir. Assim, procurei me deter ao máximo em algumas afirmações destes autores independente dos seus compromissos institucionais com os estudos da linguagem humana. Se uso rótulos é para questioná-los. Se determinado conceito pertence ou não a determinada área institucional da "ciência lingüística", este fato para mim não é o mais importante. O que considero absolutamente necessário é não deixar de lado o papel histórico que têm as posições de Austin, através destes conceitos, no interior dos estudos da linguagem humana. Meu objetivo é - lembrando mais uma vez Austin - desfazer as "fronteiras" que são colocadas para delimitar estes conceitos, já que estas "fronteiras" são facilmente questionáveis pela própria argumentação austiniana.

1. John R. Searle

Um dos maiores investidores nas propostas austinianas é, sem dúvida, John Searle; por isso muitos pesquisadores associam de maneira apressada Austin a Searle e vice-versa quando tratam da questão dos "atos de fala". O trabalho desenvolvido por Searle sobre os atos de fala difere do pensamento austiniano, como vere-

mos a seguir. O seu clássico texto "What is a speech act?" (1965) deveria, segundo ele, se chamar "What is an illocutionary act?" (cf. p. 40), já que sua proposta é discutir o ato ilocucionário. Nele, Searle afirma:

I intend therefore to explicate the notion of an illocutionary act by stating a set of necessary and sufficient conditions for the performance of a particular kind of illocutionary act, and extracting from it a set of semantical rules for the use of the expression (or syntactic device) which marks the utterance as an illocutionary act of that kind. (p. 40)

Searle (1970 p. 16) justifica a necessidade de se estudar os atos de fala da seguinte maneira:

The reason for concentrating on the study of speech acts is simply this: all linguistic communication involves linguistic acts. The unit of linguistic communication is not, as has generally been supposed, the symbol, word or sentence, or even the token of the symbol, word or sentence, but rather the production or insuance of the symbol or word or sentence in the performance of the speech act.

Partindo destes princípios, Searle vai analisar a unidade mínima da comunicação humana que são os atos de fala chamados de atos ilocucionários. Representa este "ato ilocucionário" com uma fórmula básica, a função $F(p)$, onde "F" representa a "força ilocucionária" e "p" a "proposição". Segundo ele, há idênticos "p" associados a diferentes "F"; e ao contrário, um único "F" pode estar associado a diferentes "p". Esta fórmula do ato ilocucionário servirá de base para que mais tarde Searle e Vanderveken (1985) elaborem uma "sofisticada" lógica ilocucionária que é definida como uma "teoria", isto é, "essentially a theory of illocutionary

commitment as determined by illocutionary force" (p. 6). Não pretendo ir mais além neste empreendimento que Searle desenvolveu ao longo destes anos. Seus axiomas, regras, fórmulas, etc. possibilitam, para o meu propósito, fazer duas observações, relacionadas, basicamente, ao "ato ilocucionário".

A primeira diz respeito à divisão do ato ilocucionário representado pela função $F(p)$. Estas duas partes que compõem o ato ilocucionário reforçam o dilema do performativo, ou seja, este dilema é fruto desta tradição. Conforme Rajagopalan (1989, p. 526), "a performatividade reside em como se aborda o enunciado e não em algo inerente ao enunciado enquanto objeto lingüístico". Esta divisão inerente do ato ilocucionário que propôs Searle foi facilmente apropriada pela ciência lingüística. Quero dizer que Searle é considerado pelos "lingüistas" como um "filósofo da linguagem", aliás também sua auto denominação institucional; deste modo, Searle está autorizado a falar em nome de Austin, por sua vez também institucionalmente "filósofo". Daí, sua grande penetração nos meios lingüísticos. Austin, assim, foi de certo modo "deixado de lado" e pouco questionado em algumas áreas da lingüística, dada a legitimação das propostas searlianais na filosofia da linguagem. Ora, sua abordagem, na qual ele isola "um conceito" e o divide em duas partes, está muito longe da argumentação austiniana. Uma vez que parto do princípio de que há uma abordagem da linguagem humana por detrás da performatividade, e que o "ato ilocucionário" é um "estágio", um momento de reflexão no interior desta visão, sustento que, ao isolar somente este momento da bem montada e precisa argumentação de Austin, Searle deixa de lado uma proposta filosófica que seria útil para muitos

lingüistas, no sentido de abrir um campo de reflexão não centrado apenas numa abordagem "formalista" e "positiva" da linguagem.

A segunda observação, que é uma decorrência inevitável da primeira, põe em xeque, se partimos das propostas austinianas como um todo, a posição comprometedora de Searle de formalização do ato ilocucionário. Rajagopalan (1989, p. 529), ao analisar este mesmo "ato ilocucionário" no interior das reflexões austinianas, critica aqueles que quiseram fazer destas reflexões uma teoria rigorosa da linguagem:

o pensamento austiniano não é suscetível de uma formalização nos moldes conhecidos. Isso porque, o conceito central desse pensamento, o conceito de ato ilocucionário, é como um jogo tal qual Wittgenstein o concebe: não há nada que sirva de critério infalível, quer necessário, quer suficiente, para que se possa precisar o que é um jogo - a não ser uma certa semelhança indefinível entre os jogos já identificados e um novo caso sobre o qual surge a dúvida.

Searle, ao imaginar a fórmula $F(p)$, que, segundo ele, representa o "ato ilocucionário", reintroduz no interior deste ato, algo que Austin já havia abandonado há muito tempo, as tradicionais noções filosóficas de verdade e falsidade.

Searle (1989) trata, desta vez, da questão da performatividade e restringe seus objetivos, partindo do desdobramento feito por Austin. Faz uma diferenciação entre "performance" e "performatives" ao afirmar de maneira clara:

On my usage, the only performatives are what Austin called 'explicit performatives'. Thus, though every utterance is indeed a performance, only a very restricted class are performatives. (p. 536)

Após esta restrição, o autor vai produzir, à sua maneira, um desdobramento do "conceito de performativo", associando este conceito a categorias gramaticais como: sentence, utterance, verb e use.

As I shall use these expressions a performative sentence is a sentence whose literal utterance in appropriate circumstances constitutes the performance of an illocutionary act named by an expression in that very sentence in virtue of the occurrence of that expression. A performative utterance is an utterance of a performative sentence token, such that the utterance constitutes the performance of the act named by the performative expression in the sentence. A performative verb is simply a verb that can occur as the main verb in performative sentences. When such a verb occurs in such a sentence in a performative utterance I shall speak of the performative use of the sentence and the verb. (p. 537)

Neste caso, a "multiplicação" do performativo é uma tentativa de dar conta de um "objeto lingüístico", nos moldes tradicionais "à la Searle", e que deverá ser, necessariamente, susceptível de uma análise empírica. Assim, Searle, mais uma vez, e agora analisando a performatividade, distancia-se da reflexão austiniana.

Resumindo a posição de Searle, Rajagopalan (1990b, pp. 5-6) afirma que ele fez uma apropriação indevida das reflexões austinianas a respeito da linguagem: e que essa

apropriação se deu na re-introdução de um núcleo de inspiração platônica na teoria dos atos de fala (...) a apropriação da teoria austiniana facilitou seu acoplamento à teoria gerativista, graças a visão platônica do mundo que sustenta a lingüística contemporânea.

Vejamos a seguir de que maneira a teoria gerativista se apropriou das reflexões sobre o ato de fala divulgados na sua grande maioria por Searle.

2. John Ross, George Lakoff e Jerrold Sadock

Ross (1970) produz um fato surpreendente e interessante no interior da lingüística gerativa: introduz, bem à maneira da sintaxe gerativa, a questão da performatividade e dos enunciados performativos a partir das colocações de Austin. Vejamos alguns pontos importantes desta abordagem do performativo em dois dos seus seguidores, Lakoff (1972) e Sadock (1974). Lakoff (cf. p. 561), quando analisa os verbos performativos, diz que nas sentenças onde há um verbo performativo claro como dizer ou declarar, o conteúdo proposicional que é verdadeiro ou falso não é dado pela sentença como um todo, mas pelo objeto direto deste verbo performativo. Em: "I state that I am innocent", o objeto direto contém uma sentença embutida - "I am innocent" - que é o conteúdo proposicional. Deste modo, até mesmo nas afirmações, isto não é surpreendente, já que a força ilocucionária da afirmação está representada na forma lógica pela presença do verbo performativo.

Ora, o enunciado performativo é visto por Lakoff da mesma maneira que por Benveniste: dividido em duas partes. Este tipo de divisão difere do que Austin propõe, mesmo quando analisa os ver-

bos performativos e chega à distinção entre performativo explícito e performativo primário. O que Austin está discutindo é diferente: o fato de haver uma explicitação da performatividade, que não é realizada apenas através de um verbo, não justifica a existência de um "conteúdo proposicional" que poderá ser verdadeiro ou falso. Ao contrário, a explicitação da performatividade é um procedimento filosófico para que Austin justifique, mais uma vez, a não existência de uma "forma gramatical" determinante da performatividade e que esta é "convencional" e, por isso, passível de explicitação. A análise austiniana ultrapassa os limites da frase, que é o objeto privilegiado da lingüística gerativa. Tanto Lakoff quanto Benveniste discutem a performatividade através de uma função que está centralizada num verbo com características performativas. Lakoff não faz referência explícita a Austin, o que significa que a performatividade, a força ilocucionária, etc, já eram conceitos de domínio comum na lingüística gerativa em 1972. Esta "apropriação" dos conceitos está apoiada no fato de Ross já os ter introduzido e, deste modo, já estarem sendo compartilhados e utilizados pela e para a gramática gerativo-transformativa.

Vejamos, ainda, dois procedimentos que resumem a abordagem gerativista da performatividade. O primeiro é o surgimento de uma regra de "apagamento do performativo" ("Performative Deletion"), que Ross (1970) conceitua do seguinte modo:

I will for the present assume that the only deep structure for (1a) is (7), or, more generally, that every declarative sentence has one and only one performative sentence as its highest clause, and that

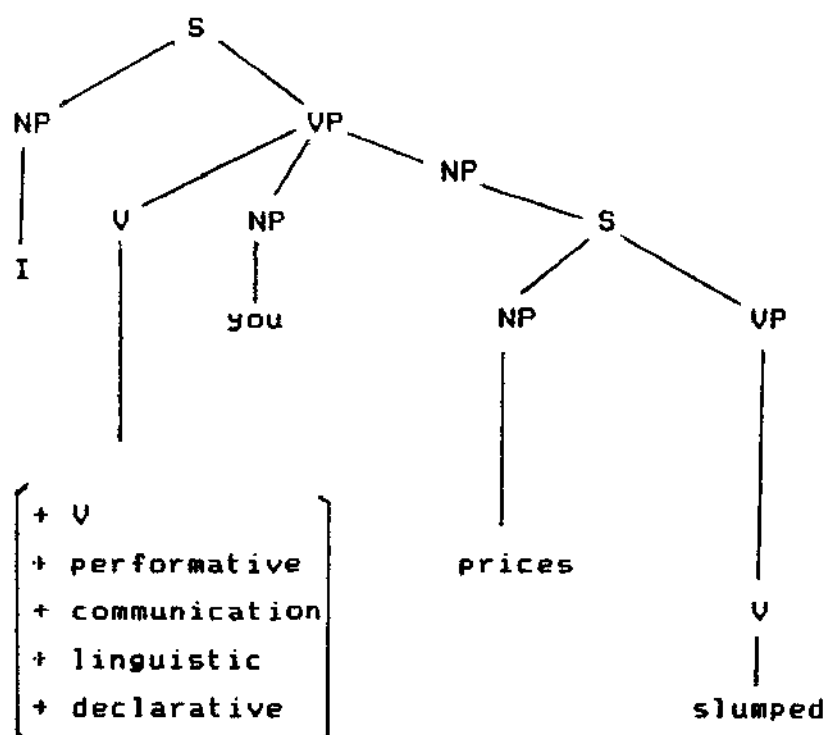
this highest clause is deleted by the rule of performative deletion (p. 252)¹⁷.

O segundo é a hipótese de Sadock da "teoria dos performativos abstratos" que acarreta duas suposições (cf. p. 19):

- 1 - Há restrições nas "well-formedness" das representações semânticas; em consequência, nas "highest" proposições semânticas, (a) o sujeito refere-se ao falante da sentença; (b) o objeto indireto refere-se ao destinatário (addresses); e (c) o verbo é um verbo performativo da comunicação linguística.
- 2 - Há uma regra (ou "set" de regras) que apagam a "highest" cláusula semântica em algum estágio da derivação sob certas circunstâncias.

(17) (1a) Prices slumped (Os preços despencaram)

(7)



Vejamos também a afirmação que está em Sadock (1974) já no prefácio do livro e que mostra sua posição muito clara:

On the one hand, I have used the theory of generative semantics to investigate speech acts, but, on the other, I have used the rich data that speech acts provide in order to test the theory of generative semantics (p. ix).

Não é preciso mais detalhes para concluir que, por um lado, a discussão de Ross, Lakoff e Sadock, que vimos acima, está claramente legitimando os pressupostos teóricos da teoria gerativa e não discutindo as reflexões sobre a performatividade como colocou Austin. Por outro lado, falar destes trabalhos é importante para verificar a distância que se produziu do pensamento austiniano. Entretanto, é bom lembrar que é com o surgimento da Hipótese Performativa (cf. Rajagopalan 1990d, p. 7) que a "teoria dos atos de fala" foi incorporada, mesmo que se diferenciando da proposta inicial de Austin, no interior de uma área específica da lingüística e do seu arcabouço teórico então vigente.

Searle (1981, p. 172), que contribuiu de certo modo para que nos anos setenta a questão dos "atos de fala" chegasse à, então, "lingüística oficial" daquele momento, ao analisar o trabalho de Ross afirma que este fez uma abordagem "inadequada" do performativo conforme a "teoria dos atos de fala". Searle comenta desta análise que,

when I say that prices slumped, I am not also saying that I am saying it. It is an intuitively implausible result to suppose that I can only perform an illocutionary act by using a sentence with an explicit performative verb in its deep structure, and the arguments that might incline one to this result are

easily accounted for by a theory of speech acts which we already have some reason to believe is true.

Num outro texto, Searle (1976) comenta o trabalho de Sadock, e faz a seguinte afirmação:

The contemporary inclination to pack all sorts of things into phrase-structure trees, even when they don't belong there, does not arise simply from a fascination with a new analytical tool; rather the formalism itself makes it necessary to put this information in the trees, because the notation provides no other way to represent it. (p. 969)

Estas duas passagens de Searle criticam os trabalhos não só de Ross e de Sadock, mas dos gerativistas em geral, mostrando a fragilidade da ligação desta teoria com o fenômeno da performatividade proposto por Austin.

3. Oswald Ducrot

A importância do prefácio à edição francesa do livro Speech Acts (Les Acts de Langage) de Searle escrito por Oswald Ducrot (1972 a) é inegável, não só pela sua originalidade ao abordar as questões austinianas, dando uma visão histórica que vai de Saussure à filosofia da linguagem, passando por Benveniste; mas também pela maneira pela qual relaciona a abordagem saussuriana com as propostas de Austin. Ducrot, neste texto, não difere muito das abordagens que vêem a performatividade pertencendo à filosofia da

linguagem e, deste modo, influenciando e contribuindo para o desenvolvimento da lingüística, ou seja, separando assim, a lingüística da filosofia da linguagem quando se trata do fenômeno da performatividade.

A posição de Ducrot, após discutir a diferença da significação locucionária e da força ilocucionária na proposta de Searle, é a seguinte:

De la signification locutionnaire définie par Austin, Searle essaie de sauver ce qu'il appelle des "actes propositionnels". Mais la description qu'il donne d'eux, on s'en apercevra, efface presque la différence avec les actes illocutionnaires: dans les deux cas la valeur de l'acte, loin d'être le produit d'une signification préalable, est directement constituée par les règles qui le régissent. Certes, dans les pages consacrées à l'acte de signifier, Searle est obligé, pour définir cet acte, de s'appuyer sur l'idée que les phrases elles-mêmes possèdent une signification, qui est peut-être justement celle dont Austin a fait usage dans sa définition du locutionnaire. Mais on remarquera que Searle dit peu de choses de cette signification, qui reste pour ainsi dire à l'horizon de sa recherche, comme l'objet dans certaines philosophies idéalistes. (pp. 32-33).

Nesta afirmação, Ducrot resume engenhosamente o achatamento que Searle fez da proposta austiniana de diferenciação dos atos locucionários e ilocucionários.

Para manter a distinção entre "lingüística" e "filosofia da linguagem", Ducrot faz uma aproximação entre Austin e Saussure:

Avec les énoncés performatifs on assiste donc au renversement du rapport admis par les saussuriens entre le sens d'un énoncé et la valeur de son énonciation. Pour comprendre ces énoncés, il faut donner à l'énonciation une certaine priorité. (p. 14) (grifo meu).

No final do artigo, ele afirma (cf. p. 34) que se mantivermos a crença saussuriana de que o arbitrário é o critério do lingüístico, não é mais a relação entre o significante e o significado que é arbitrária e então lingüística, mas a relação entre o significante e certos efeitos de sua enunciação. Ducrot continua:

L'analogie établie par Saussure entre la langue et le jeu des échecs prend alors une force nouvelle (...) Y-a-t-il, dans la langue, un noyau de signification irréductible à l'activité illocutionnaire, tel est le problème commun devant lequel se trouvent, actuellement, linguistique et philosophie du langage. (p. 34).

Ducrot, apesar de toda a sua postura frente à performatividade, não a encara como uma abordagem da linguagem humana que tem um certo poder de romper ou, ao menos, de colocar em discussão as fronteiras entre o lingüístico e o filosófico, uma vez que sustenta que o surgimento do performativo tenha feito emergir a fraqueza da dicotomia saussuriana.

Por outro lado, Ducrot (1972b) toma emprestada a questão da performatividade e principalmente do ilocucionário para definir e legitimar sua noção de pressuposição (cf. pp. 69-101):

L'étude des performatifs introduit donc à une étude plus vaste, qui aurait pour objet l'activité illocutoire, l'ensemble des actes qui s'accomplissent, immédiatement et spécifiquement, par l'exercice de la parole. C'est permis ces actes que nous allons essayer de situer la présupposition. (p. 76) (grifo meu).

Mais à frente (cf. p. 91), Ducrot se compromete ainda mais com a proposta austiniana:

Présupposer un certain contenu, c'est placer l'acceptation de ce contenu comme condition du dialogue ultérieur. On voit alors pourquoi les choix des pré-supposés nous apparaît comme un acte de parole particulier (que nous appelons actes de pré-supposer), acte à valeur juridique, et donc illocutoire, au sens que nous avons donné à ce terme: en l'accomplissant, on transforme du même coup les possibilités de parole de l'interlocuteur. (...) Lorsqu'on introduit des pré-supposés dans un énoncé, on fixe, pour ainsi dire, le prix à payer pour que la conversation puisse continuer. (grifo meu)

O que procurei mostrar com esta citação é a maneira como Ducrot associa as propostas austinianas em prol da "pressuposição" que é, sem dúvida, sua maior contribuição para a linguística moderna.

Entretanto, Ducrot (1984) põe em discussão o próprio conceito de performativo; afirmando que a base de sua crítica será a tese da "ilusão performativa" que "m'avait d'abord semblé une explication de la performativité, m'apparaît maintenant comme une mise en cause du concept lui-même" (p. 117). Espera-se com isso que o próprio Ducrot faça sua auto-crítica, já que ele quer diferenciar e levantar a questão entre a linguagem que se estuda e a metalinguagem utilizada para estudá-la. Mas Ducrot, ao tratar da performatividade, está distante das preocupações de Austin. Ducrot faz uma observação muito interessante ao afirmar que o linguísta

se laisse prendre au jeu qu'il devrait dénoncer. C'est qu'il est parfois un peu trop à l'aise dans le langage, le linguiste, et trop vite satisfait des mots de la tribu. (p. 143).

Ducrot, após desconfiar da própria noção de performativo, procura reconhecer evidentemente sua importância.

Non seulement parce que la "decouverte" des performatifs a, par son caractère spectaculaire, lancé la réflexion contemporaine sur les actes de langage. Mais surtout parce qu'elle ouvre au linguiste un champ de recherches empiriques qui subsiste même si l'on conteste la notion. (pp. 143-4) (grifo meu).

Fazer a distinção entre a noção de performativo e a sua aplicação empírica nas pesquisas (procedimento que ao longo desta tese estou questionando) foi importante para Ducrot afirmar (cf. p. 142) que a noção de performativo pode ser contestada. Entretanto, ele não levanta a possibilidade de se discutir a performatividade austiniana como uma abordagem da linguagem humana, apesar de observar muito bem o conflito entre a "noção teórica" e a sua "aplicação empírica".

Apesar das diferenças entre Ducrot, Searle e os gerativistas acima, pode-se dizer que a performatividade enquanto procedimento empírico não passa de mais um conceito entre muitos outros no interior de suas propostas de estudo da linguagem humana, atitude que contraria a proposta austiniana.

4. François Récanati

A familiaridade com que François Récanati (1979 e 1981) trata as questões da performatividade é exemplar. O primeiro (1979)

reproduz uma versão modificada de um curso sobre pragmática centrado nas posições dos filósofos da linguagem, cabendo a Austin o papel central desta discussão. O segundo (1981) analisa com profundidade os enunciados performativos, tendo como objeto os performativos explícitos. Minha discussão sobre esses dois textos se centralizará na relação entre o performativo primário e o performativo explícito e na distinção Performativo/Constativo.

Récanati (1979), logo no prefácio, faz uma restrição ao fato dos gerativistas colocarem na estrutura profunda um verbo performativo, como já discutimos acima.

Je mentionne en passant l'hypothèse des sémanticiens générativistes selon laquelle toute phrase est introduite, en "structure profonde", par un préfixe performatif: prise au pied de la lettre, cette hypothèse est difficilement défendable, et elle a fait l'objet de critiques sévères dans les années soixante-dix; mais je la mentionne simplement parce que, comme la théorie austinienne des "performatifs primaires", elle signifie que la structure des performatifs explicites, manifestant exemplairement la complémentarité du modus et du dictum, est révélatrice de celle de tous les énoncés (p. 9).

Esta atitude é um tanto ambígua uma vez que, sabendo das dificuldades deste procedimento dos gerativistas, o autor vai utilizá-lo para comprovar que há uma divisão inerente - modus e dictum - em todos os enunciados; postura que vai influenciar, como veremos abaixo, sua análise da performatividade.

Quando discute (cf. pp. 113-4) o fato de Austin desfazer a distinção Performativo/Constativo a partir da generalização da performatividade, indo além do performativo explícito, o autor afirma que, em decorrência desta hipótese, duas coisas podem

ocorrer:

soit l'on tient à conserver la catégorie des performatifs, et alors on doit refuser de l'étendre et d'y inclure les prétendus "performatifs primaires"; soit l'on procède à une telle extension, et à ce moment-là on ruine la distinction performatif/constatif, de sorte que la notion de performativité en se généralisant s'autodétruit. (p. 114)

O que Récanati parece não perceber é o fato de que Austin não está mais preocupado estritamente com uma análise empírica dos dados e fatos lingüísticos: Austin está procurando ultrapassar a barreira dos dados e propor uma nova visão da linguagem humana. A noção de performatividade não está se auto-destruindo, ao contrário, ao se generalizar, ela passa a abranger toda a linguagem humana. Récanati insiste em manter a distinção performativo primário e explícito afirmando que:

La position d'Austin sur ces points est la suivante: la distinction performatif primaire/performatif explicite n'est pas une hypothèse arbitraire, mais elle est justifiée par un certain nombre de faits. On doit donc la maintenir autant qu'il est possible. Si elle se révèle incompatible avec la distinction originale du performatif et du constatif, c'est que celle-ci n'était pas adéquate. (p. 114).

Entretanto, o abandono da distinção, da diferenciação entre Performativo/Constativo está num outro plano, fora dos fatos estritamente lingüísticos, empíricos, o que Récanati, mesmo reconhecendo, parece não levar em conta nas suas análises.

Récanati (1981), mesmo caracterizando este trabalho numa outra direção, uma espécie de auto-crítica frente ao anterior, não modifica sua posição nem com relação à discussão do enunciado

performativo explícito e primário nem do sentido descritivo e pragmático. Faz, assim, uma tentativa de incorporar a questão da performatividade semelhante àquela da lingüística gerativista. As reflexões de Austin sobre o performativo são utilizadas para exemplificar uma teoria ou uma disciplina da lingüística. Pode-se dizer que os exemplos lingüísticos empregados por Austin são re-empregados pela lingüística gerativa e pela pragmática de Récanati como um corpus, como dados. Por exemplo, a distinção entre os enunciados performativos primário e os explícitos, que é uma das distinções analisadas por Récanati (1981) e que foi mantida por Austin até o final das suas doze conferências, terá seus termos redefinidos por Récanati em favor de sua própria argumentação. Mas, o curioso é que, nas propostas austinianas, os dados não constituem um corpus; são elementos constitutivos da sua argumentação, não podendo ser deslocados sozinhos do seu contexto, do mesmo modo que os conceitos produzidos por Austin devem ser analisados no seu contexto.

A posição um pouco hesitante de Récanati (cf. pp. 84-7) permanece, mesmo fazendo uma crítica da postura argumentativa de Austin, por não deixar clara sua intenção de não aceitar a eliminação da oposição Performativo/Constativo em favor de uma nova visão da linguagem.

Cependant, l'opposition performatif/constatif et la thèse selon laquelle les énoncés constatifs servent à accomplir un acte de parole ne sont incompatibles que moyennant une interprétation particulière de la notion de performativité. C'est cette interprétation que donne Austin de sa "première" théorie quand, à la fin de How to Do Things with Words, il fait son autocritique, mais il n'est pas certain qu'elle soit bonne: peut-être

Austin a-t-il par perdre de vue, ou feint de perdre de vue, l'intention qui animait, à l'origine, l'opposition performatif/constatif. Quoi qu'il en soit, d'autres interprétations sont possibles, qui permettent de préserver cette distinction tout en accordant une dimension pragmatique aux énoncés constatifs. Selon ces interprétations, il ne suffit pas, pour qu'un énoncé soit performatif, qu'il serve à accomplir un acte de parole. (pp. 84-5).

Esta crítica a Austin carece de fundamento; entretanto, Récanati a faz para mostrar que há uma dimensão pragmática (cf. p. 87) dos atos de fala, que vai além do enunciado constativo ou performativo. Austin certamente não perdeu de vista sua abordagem inicial: como já dissemos mais de uma vez; a segunda noção de performativo, depois de desfeita a distinção Performativo/Constativo, não pode ser relacionada com a primeira; é neste momento da sua argumentação que Austin levanta também a "idéia de que há famílias mais gerais de atos de fala". Trataremos desta questão no capítulo IV. Neste mesmo trecho, Austin propõe a manutenção da distinção performativo explícito e performativo primário. Entretanto Récanati ao longo do seu livro critica a posição de que:

les performatifs explicites seraient des énoncés dont la signification linguistique absorbe intégralement la force illocutionnaire, et les performatifs primaires des énoncés dont la force excède la signification linguistique; dans ce dernier cas, la force illocutionnaire ferait partie du sens de l'énoncé, et non de la signification de la phrase. (p. 224)

Récanati discute a oposição "sentido"¹⁸ (locucionário) e "força"

(18) Sentido é usado aqui como na Semântica da Enunciação, englobando "modus" + "dictum". Ver citação acima p. 99 onde Récanati claramente identifica a associação modus e dictum na estrutura dos performativos explícitos.

(ilocucionária) na tentativa de assegurar esta distinção mesmo que de maneira diferente da que propõe Austin para justificar a existência de uma possível "forma" linguística tanto para os performativos primários quanto para os explícitos.

5. Michel Foucault

Michel Foucault, (1969 pp. 105-115) no capítulo em que "define o enunciado" no interior da sua Arqueologia do Saber, faz um breve apanhado de três "tradições teóricas" que abordam o enunciado e propõe as seguintes questões:

si l'énoncé est bien l'unité élémentaire du discours, en quoi consiste-t-il? Quels sont ses traits distinctifs? Quelles limites doit-on lui reconnaître? Cette unité est-elle ou non identique à celle que les logiciens ont désignée par le terme de proposition, à celle que les grammairiens caractérisent comme phrase, ou à celle encore que les "analystes" essaient de repérer sous le titre de speech act? (p. 107).

Foucault, é bom lembrar, ao longo do capítulo, não faz referência explícita à obra de Austin; emprega somente o termo genérico de "analystes" para identificar a origem do conceito de "speech act".

Foucault não faz opção, ao definir o seu enunciado, por nenhuma das três "teorias" que ele utilizou como exemplo. Muitas das suas observações sobre o "enunciado" são bem próximas das

questões austinianas sobre a performatividade, o que comentarei no capítulo IV. É muito particular a maneira como Foucault discute a relação entre o "enunciado" e o "ato de fala", que segundo ele (cf. p. 110) é, das três "teorias", a possibilidade "à primeira vista, a mais verossímil de todas".

Fazer uma simples observação sobre as propostas de Foucault acerca da linguagem humana requer uma discussão profunda e cuidadosa da sua complexa Arqueologia do saber¹⁹. Mesmo assim, discuto a sua posição com relação ao ato de fala e ao ato ilocucionário, que é fundamental para minha análise, apesar de Foucault não dar maior destaque aos "analystes anglais" e conseqüentemente "iguallando-os" aos "lógicos" e aos "gramáticos" na abordagem do enunciado.

O "ato ilocucionário" para Austin aparece, como já foi colocado, após desfeita a distinção entre enunciados performativos e enunciados constativos e não há critérios formais que possam diferenciar uns dos outros. Segundo Foucault, o ato ilocucionário "s'est produit par le fait même qu'il a eu énoncé - et cet énoncé précisément (nul autre que lui) dans des circonstances bien déterminées". (p. 110) Há uma correspondência entre o "enunciado" e o "ato", existe um pelo outro na exata reciprocidade - Foucault critica esta posição nos "analystes". Ora, à medida que não há mais condições de diferenciar um enunciado performativo de

(19) Não devemos nos esquecer que a questão do enunciado e da função enunciativa que Foucault analisa no seu livro, de certo modo, auxilia a discussão da "visão performativa da linguagem". Tratarei um pouco mais desta possível relação no capítulo IV.

um constativo, quais seriam então os critérios para identificar um "ato ilocucionário"? Os "analystes" restituíram, segundo Foucault, um certo tipo de biunivocidade que se dá entre "enunciado-ato ilocucionário". Se partirmos do pressuposto de que o ato ilocucionário se comporta como um jogo, compartilho com Rajagopalan (cf. p. 88 desta tese) que, "não há nada que sirva de critério (...) para que se possa precisar o que é um jogo - a não ser uma certa semelhança indefinível entre os jogos". Neste caso, a "exata reciprocidade enunciado - ato ilocucionário" não é mais possível, o que me parece muito próximo de duas observações de Foucault quando afirma que é difícil identificar o estatuto de enunciado já que vários "enunciados" separados podem produzir um só e mesmo ato ilocucionário: assim, - "l'act de formulation ne servirait plus à définir l'énoncé, mais devrait être, au contraire, défini par celui-ci ..." e ainda,

- certains actes illocutoires ne peuvent être considérés comme achevés en leur unité singulière que si plusieurs énoncés ont été articulés, chacun à la place qui lui convient (p. 111);

deste modo, não é possível, segundo Foucault, estabelecer uma relação biunívoca entre o "conjunto dos enunciados" e o "conjunto dos atos ilocucionários".

Esta breve discussão abre uma série de hipóteses para que se possa analisar melhor o que venho chamando de "visão performativa da linguagem", já que esta posição de Foucault tem, sem dúvida, guardadas as diferenças entre os dois pensadores, algumas idéias próximas àquelas desenvolvidas por Austin e não pelos "analys-

tes", ao questionar os critérios formais e estruturais da performatividade.²⁰

6. Danilo Marcondes de Souza Filho

Souza Filho (1984a) faz uma abordagem da "teoria dos atos de fala" que, partindo, segundo ele, da proposta austiniana, constitui-se num método de análise filosófica

capaz de dar conta do problema da ideologia; enquanto análise da força ilocucionária dos atos de fala, isto é, de sua possibilidade de gerar diferentes tipos de relação interpessoal, e enquanto exame das condições necessárias para o sucesso de um ato de fala, investigando, segundo Austin indica, o modo como um ato ilocucionário é reconhecido ou compreendido (secures uptake), efetua-se enquanto ato e produz determinadas consequências ou efeitos convencionais. (p. 29) (grifo meu).

A complexidade e a originalidade desta afirmação exemplificam muito bem a riqueza contida nas abordagens da linguagem humana a partir dos atos de fala. Sua definição de ideologia surge no interior da teoria dos atos de fala e se serve dela como metodologia de investigação. Esta abordagem que o autor faz implica, sem dúvida, numa visão da linguagem humana enquanto ação e realização de atos, próxima, por uma lado, às colocações austinianas; mas

(20) Deleuze (1986) no texto "Un nouvel archiviste" retoma magistralmente as colocações de Foucault sobre o enunciado, principalmente em relação ao seu questionamento "formal", ponto que destaco brevemente no capítulo IV.

por outro, supervalorizando o caráter extralingüístico desta visão da linguagem. Ao definir novamente ideologia, Souza Filho (1984b, p. 155) diz: "Ideology is not so much a property of certain forms of discourse or language games, but rather a special relation between language and its conditions of use".

Austin, ao discutir a ação, está necessariamente referindo-se à ação da linguagem humana; a sua realização é um dos elementos constitutivos do performativo; a ação é o próprio ato de realização da fala. (Esta questão já foi levantada no capítulo I). A atitude de Souza Filho (1984a) parece ser um pouco distinta: para ele, o uso da linguagem numa comunidade é determinado, em grande parte, pelo modo como a sociedade está estruturada. E continua:

Isto significa que a organização da sociedade é responsável por certas restrições no uso da linguagem que tem um efeito distorsivo na comunicação e em sua natureza cooperativa. (p. 39)

Vincula, deste modo, definitivamente os atos de fala à ideologia ao afirmar que a análise crítica da linguagem "deve proceder, portanto, à explicitação das condições de realização dos atos de fala, como forma de expor e desmascarar sua função ideológica" (p. 40). Esta crítica que pode incidir sobre a teoria dos atos de fala, como vislumbra o autor, no desvendamento e no desmascaramento do "ideológico", é uma posição bastante complexa. Neste caso, teríamos que identificar o ato de fala com um contexto social bastante determinado, e, ao identificar um contexto, desvendaríamos o ato de fala. Souza Filho (1984a, p. 83) faz uma distinção entre convenções especificamente lingüísticas, isto é, o uso concreto de determinada língua, e convenções extralingüís-

ticas, que não se referem especificamente à língua, mas a posições e funções de indivíduos em determinadas instituições. Em seguida, diz que:

as convenções extralingüísticas não se encontram desvinculadas da linguagem. Estas convenções não são independentes da linguagem, elas se expressam na linguagem, ou melhor, a linguagem as expressa, as realiza.

Austin, ao abandonar a distinção entre enunciados performativos e constativos e propor, como lembra o autor (1984b, pp. 30-32), o "ato de fala" como o conceito básico da sua teoria - o uso da linguagem em termos de ação - , põe em discussão a relação entre o lingüístico e o extralingüístico. Com a introdução do ato ilocucionário e do caráter convencional, ele estabelece uma nova dimensão na abordagem da linguagem humana. Se a linguagem é ato-ação, há uma incompatibilidade, em afirmar que a "linguagem expressa as convenções", ou ainda que a "organização da sociedade é responsável por certas restrições no uso da linguagem". Ao contrário, a linguagem, encarada como ato-ação tem um papel, não restritivo, mas constitutivo na organização social.

A posição do autor é, sem dúvida nenhuma, bastante original, mas diria que compromete a proposta austiniana ao vincular fortemente e de modo definitivo o "ato de fala" à "interação comunicativa". Souza Filho (1990) na apresentação do HTD (edição brasileira) diz o seguinte:

Neste tipo de análise encontramos o germe de uma de suas concepções mais originais, desenvolvidas no presente livro, segundo a qual 'minha palavra é meu pe-nhor', o que faz com que se considere o ato de fala, a interação comunicativa propriamente dita, como tendo um

caráter contratual ou de compromisso entre partes. (p. 9) (grifo meu)

Mais à frente ele afirma que:

quando analisamos a linguagem nossa finalidade não é apenas analisar a linguagem enquanto tal, mas investigar o contexto social e cultural no qual é usada, as práticas sociais, os paradigmas e valores, a 'racionalidade', enfim, desta comunidade, elementos estes dos quais a linguagem é indissociável. A linguagem é uma prática social concreta e como tal deve ser analisada. Não há mais uma separação radical entre 'linguagem' e 'mundo', porque o que consideramos a 'realidade' é constituído exactamente pela linguagem que adquirimos e empregamos. (p. 10)

Esta última colocação de Souza Filho, por outro lado, é extremamente categórica e resume toda sua proposta de análise da "teoria dos atos de fala" ao associar "linguagem" e "mundo" e propor uma "racionalidade" que é resultado desta associação e a possibilidade desta "racionalidade" ser detectada e analisada. Se não há uma separação radical entre "linguagem" e "mundo", como afirma Souza Filho, deve-se manter a distinção Performativo/Constativo e conseqüentemente não há mais necessidade de questionar os critérios de veracidade.

7. Marina Sbisa

Uma contribuição muito importante, dentro do quadro de questionamento que venho desenvolvendo, foi dada sem dúvida, pelo

trabalho de Marina Sbisa (1983). A autora compara de modo bastante engenhoso a teoria dos "atos de fala" e a "teoria da enunciação" que têm, segundo ela, práticas e origens diferenciadas no panorama da lingüística atual; os atos de fala pertencem à filosofia analítica e a teoria da enunciação surge a partir de um desdobramento do estruturalismo. Esta diferenciação de origem dos conceitos corrobora sua finalidade que é a de relacionar estas duas teorias; mas, sempre a partir de uma posição filosófica, "car l'un des aspects communs des actes de langage et de l'énonciation, le renvoi au sujet, a représenté un problème traditionnel de la philosophie", (p. 99). A tomada de posição de Sbisa é em favor da filosofia de Wittgenstein; segundo ela, a filosofia wittgensteiniana é uma atividade de classificação que se desenvolve no interior dos discursos técnicos e cotidianos. Não pretendo discutir a tomada de posição de Sbisa frente à sua posição filosófica ou à sua visão da semiótica, nem procuro discutir a supremacia ou não da pragmática, e de seus aspectos metodológicos, como o lugar do discurso da linguagem como ação, ou interação. O fundamental é a maneira e a possibilidade de se discutir como o ato de enunciação "se aproxima" do ato de fala.

Sbisa, após algumas considerações teóricas sobre a pragmática, a semiótica, e a noção de ato, coloca a seguinte questão:

Est-ce qu'il y a un espace, parmi les divers niveaux de descriptions qui entrent déjà dans les concepts austinien (acte locutionnaire, acte illocutionnaire, etc.), où un "acte d'énonciation" défini par ses effets puisse être inséré? (p. 104)

Na resposta, a esta questão, levanta a hipótese

d'une identification de l'énonciation avec l'acte illocutionnaire austinien. Une hypothèse analogue a été proposée par Searle, qui a affirmé que l'acte de langage dans son ensemble correspond à un acte illocutionnaire avec son contenu propositionnel. (p. 104)

O importante destas colocações é a maneira pela qual as possibilidades de uma aproximação devem ser pensadas quando se faz descrições. Sbisà afirma (p. 105) que fazer uma descrição pertinente não será, na maioria dos casos, puramente formal:

la description des effets de l'acte d'énonciation, grâce à laquelle il peut être envisagé comme un acte, inclura la description, ou mieux la paraphrase, du sens que l'énonciation a "fait être".

Ora, deste modo, chega-se, então, segundo a autora, a uma identificação entre ato(s) de fala e ato(s) de enunciação, já que o ato de fala tem dificuldades, na sua descrição, semelhantes às do ato de enunciação.

Le "total speech act in total speech situation" est, selon Austin (HID p. 148), le véritable objet de la théorie des actes de langage; mais on ne peut en donner une description totalisante. (p. 105)

O texto de Sbisà possibilita analisar muitos outros dados desta comparação atos de fala - atos de enunciação; escolhi somente duas características, que estão relacionadas à questão do "sujeito" e à da "descrição". Estas duas questões são centrais para discutir o que estou chamando de visão performativa da linguagem. Sbisà soube exemplarmente chamar a atenção para este fato.

8. Shoshana Felman

Felman (1980) faz uma das incursões mais espetaculares no interior das propostas austinianas. A autora não só identifica Austin, um filósofo inglês moderno, com uma figura mítica do teatro clássico francês, Don Juan, como encontra semelhanças teóricas entre Austin e Jacques Lacan, e entre a teoria do performativo e a da psicanálise.

Gostaria de lembrar que, no capítulo II, chamei atenção para duas colocações de Felman: a primeira quando discuti as divergências entre Benveniste e Austin e a segunda, ligada à questão da particularidade das línguas - o francês e o inglês - com relação às controvérsias Benveniste-Austin e Derrida-Searle.

O mito de Don Juan serve para que a autora nos conte a aventura, entre Austin (Don Juan) e Benveniste (Sganarelle), da linguística moderna e a sua confrontação com a filosofia da linguagem, que, segundo ela, se revela uma sedução subversiva. Por isso,

Benveniste, en tant que linguiste, pose une limite pour la respecter, c'est-à-dire pour dé-finir: pour classer, opposer, construire. En revanche, Austin, comme Don Juan ne pose une limite que pour la transgresser, c'est-à-dire pour in-finir: dé-classer, dés-articuler, dé-construire. (p. 94)

Se há uma divergência marcante e definitiva entre Benveniste e Austin, por outro lado há convergência e coincidências teóricas

entre Austin e Lacan:

En effet, si Lacan et Austin - avec de même goût du paradoxe et la même conscience auto-subversive de rupture, à chaque moment, du savoir - sont concernés par la même chose, ils n'explorent celle-ci qu'à l'intérieur du génie respectif - divergent - de leur langue: le génie (ironiquement empirique et pragmatique) de l'anglais, ou le génie (sophistiqué, allusif, spéculatif) du français. (p. 124)

Estas duas citações corroboram a maneira como a autora aproxima a teoria de Austin e a versão lacaniana da psicanálise (ver Ottoni, 1990). Ressaltarei três momentos desta aproximação.

O primeiro está relacionado à noção de referência; tanto para uma, quanto para outra teoria

le référent ne se laisse pas atteindre directement; il ne peut s'aborder ou se viser que par l'intermédiaire de la langue, qui elle seule véhicule - au sein même de son fonctionnement matériel - une sorte de savoir qui touche au réel. (p. 103)

Por isso, contrariando a concepção tradicional do referente, o saber referencial da língua não é concebido, neste caso, como um saber constativo. E a autora continua:

ni pour la psychanalyse ni pour l'analyse du performatif, la langue n'est pas un constat du réel (...) le référent est lui même produit par la langue comme son effet. (p. 104)

E conclui: "Le référent n'est plus simplement une substance préexistante, mais un acte, c'est-à-dire un mouvement dynamique de modification du réel". (p. 104) Isto, de certo modo, possibilita analisar o ato em função de sua intenção, ou seja, a intenciona-

lidade como uma descontinuidade ou uma ruptura da intenção. Tratarei mais detalhadamente desta questão no capítulo IV.

No segundo momento da abordagem, o ato de fala é visto como um outro elemento da aproximação entre a psicanálise e a teoria do performativo, já que cada um explora, segundo a autora, de modo específico o ato enquanto efeito de linguagem:

Alors qu'Austin étudie, directement, les actes de parole, la psychanalyse étudie (dans le transfert, par exemple) la parole elle-même comme passage à l'acte; et, bien entendu, les "passages à l'acte" en tant qu'effets de parole ou effets de signifiant. (p. 128)

O terceiro momento analisa o conceito de inconsciente, inerente à teoria psicanalítica. Voltarei aqui um pouco à relação Benveniste-Austin. Para Felman, impõe-se para Benveniste, por um lado, a intervenção da regra, da lei, como pré-condição da linguagem - da legitimidade do ato; por outro lado, a sua não aceitação da indecisão austiniana com relação a demarcação precisa entre constativo e performativo, e sua exigência - legítima - de decidir a distinção, de marcar a oposição para fazer lei, estabelecida como lei gramatical.

Benveniste se trouve, de la sorte, du côté du domaine de la Loi et de l'enseignement de la décision, alors que Austin est plutôt (ou, tout au moins, est en même temps) du côté de la "psychologie" par son enseignement de l'indécision. (p. 134)

Esta indecisão, mais o fato da teoria do ilocucionário, segundo a autora, possibilitam pensar a questão do "inconsciente" em Austin. Como exemplo, Felman cita (cf. p. 140) de Austin

(1958, p. 284) o seguinte trecho do texto "Three ways of spilling ink".

Although we have this notion of my idea of what I'm doing - and indeed we have as a general rule such an idea, as it were a miner's lamp on our forehead which illuminates always just so far ahead as we go along-it is not to be supposed that there are any precise rules about the extent and degree of illumination it sheds. The only general rule is that the illumination is always limited, and that in several ways. It will never extend indefinitely far ahead. Of course, all that is to follow, or to be done thereafter, is not what I am intending to do, but perhaps consequences or results or effects thereof.

A partir desta colocação, ela afirma: "On peut dire que dans ce fragment Austin pose, théoriquement, l'inconscient".

A maneira como Felman interpreta e analisa as reflexões austinianas através da questão do referente, do ato de fala e do inconsciente é uma maneira muito especial de encarar as reflexões sobre a performatividade da linguagem humana e associá-las à versão lacaniana da psicanálise²¹.

(21) Como Felman, Johnson (1985) faz também uma abordagem da "questão literária" partindo das propostas de Austin e analisa o poema La Déclaration foraine de Mallarmé. Fish (1980, cf. pp. 200-231) também analisa a peça Coriolano; segundo ele, esta é uma "speech act play, - that is, a play about speech act".

9. Marike Finlay

Marike Finlay (1988), com um título tão sugestivo quanto provocativo "Deconstructing Austin's pragmatics": 'An idle teatable amusement' (Russell) or an epistemological solution to the crisis of representation?", faz, de maneira diferente dos autores que vimos nesta parte, uma reflexão da teoria de Austin mostrando, por um lado, suas supostas relações teóricas com outros pensadores da linguagem, e, por outro, suas "indecisões teóricas". Ao resumir seu artigo, Finlay afirma:

Austin's speech act pragmatics did hover between the old analytic-referential space and the new triadic semiotics of relational theories of meaning and truth, which decentered the subject of discourse and Knowledge. (p. 29)

Meu interesse não é o de analisar as "teorias" de que a autora se serve para situar Austin, mas o de verificar como as reflexões de Austin estão sendo encaradas, seja comparando-as com as de outros pensadores, seja aproximando-as ou diferenciando-as de outras teorias.

Na aproximação entre Austin e Pierce, Finlay faz uma observação fundamental que me interessa e corrobora minha posição quando insisto no fato de que se deve analisar o pensamento austiniano como um todo. Pode-se dizer que a autora considera este "todo" das propostas austinianas ao comentar:

He [Austin] often recalled and revised previous distinctions, constantly requalifying his results. Like Pierce, Austin never published a book, except for his

translation of Frege; only essays in which he was ceaselessly criticizing and renewing his own observations, and redefining and reclassifying his own object of study. He constantly placed his own critical models in doubt: a form of infinite semiosis. (p. 28)

Esta aproximação descreve, de certo modo, a "personalidade acadêmica" dos dois pensadores; mas, com relação à "teoria da verdade", Pierce,

did go further than Austin in rejecting the analytico-referential (...) There are more analytico-referential remnants in Austin than in Pierce: an adherence to an extralinguistic referent, a belief in having isolated a fixed object of study, a moderate unawareness of the perturbational role of perspective from which he has viewing language and truth, an optimism about eventually prising the word off of the world. (p. 28)

Ora, as características dos procedimentos austinianos descritas pela autora, as quais estou denominando de "indecisões teóricas", chamam a atenção para detalhes preciosos e que podem ser revertidos positivamente em favor de Austin. Finlay anteriormente (p. 13) já tinha identificado uma possível "confusão" ou até uma possível "contradição" na maneira como Austin abordou a linguagem ordinária.

Like a 'true classical scientist' Austin begins by delimiting the object of study: the speech act. And in this respect Austin regresses to the classical trend of giving his science an object which is considered free from his own observation as 'objective' observer. As shall be seen, Austin incurs many problems and confusions when he neglects to consider the effects of his own point of view on the very choice of the 'real' to be scrutinized in advocating the value of common usage study of language.

Após abandonar todo critério formal para definir o performativo, Austin passa a utilizar, primeiro para os constativos, depois para todas as enunciações, o termo performativo. Deste procedimento de Austin, Finlay comenta:

This dilemma arises due to Austin's own confusion about which 'object' he is examining (...) Austin first distinguishes between a linguistic object and a discursive activity and then tries to employ similar criterio of observation in order to distinguish performatives from constatives. (p. 18)

Finlay não considera a questão do "dilema do performativo" e nem mesmo se posiciona frente a conflitantes "teorias dos atos de fala", dois fatores que estou privilegiando e analisando como sustentação e justificativa de uma visão performativa da linguagem. Entretanto, as colocações da autora são muito ricas porque exemplificam, de maneira peculiar, o papel histórico e incômodo das propostas de Austin; principalmente quando se faz necessário, como pretende a autora, dar nomes "adequados" às reflexões que estão sempre mudando como fez Austin na procura da melhor forma de pensar a linguagem ordinária. Como já coloquei anteriormente, uma das maiores contribuições de Austin foi justamente deixar transparecer as mudanças, as alterações na sua estratégia de argumentação, atitude com a qual ele próprio não se preocupava, já que, segundo ele, é bom lembrar mais uma vez que não há fronteira "lingüística" ou "filosófica" quando se trata de analisar a linguagem ordinária.

10. Stephen Levinson

Levinson (1985) inicia a introdução do capítulo "Speech Acts" afirmando que de todas as questões da teoria geral do uso da linguagem, a teoria dos atos de fala foi, provavelmente, a que despertou o maior interesse; passa em seguida, a enumerar algumas áreas de estudo e as maneiras como elas incorporaram esta teoria. Entretanto,

in linguistic pragmatics, speech acts remain, along with presupposition and implicature in particular, one of the central phenomena that any general pragmatic theory must account for. (p. 226)

O objetivo central do autor, neste capítulo, é discutir a teoria dos atos de fala no interior da Pragmática. Explicita, ainda no início da sua análise, a maneira pela qual encara a estreita relação entre o Wittgenstein das Investigações Filosóficas, quando enfatiza o uso da linguagem e os jogos de linguagem, e Austin, quando insiste na elucidação do fenômeno do ato de fala total na total situação de fala. No entanto (cf. p. 227): "Austin appears to have been largely unaware of, and probably quite uninfluenced by, Wittgenstein's later work, and we may treat Austin's theory as autonomous". Esta posição, de Levinson, "fiel" às propostas austinianas, demonstra uma atitude diferente, por exemplo, da de Finlay, não só na maneira pela qual faz o levantamento dos conceitos que julga fundamentais para a análise da teoria dos atos de fala no interior da Pragmática mas também por sua posição clara frente às modificações da argumentação de Austin.

But Austin is playing cunning: given this much, he has his wedge into the theory of language and he systematically taps it home. Readers of How To Do Things With Words should be warned that there is an evolution to the argument, so that what is proposed at the beginning is rejected by the end. (p. 231)

Após uma análise cuidadosa dos conceitos austinianos e de outros sugeridos a partir da discussão dos trabalho de Searle, inspirados na obra de Austin, Levinson coloca duas posições conflitantes, relacionadas ao impacto causado pela teoria dos atos de fala a partir principalmente dos performativos implícito e explícito analisados na "ciência linguística" e mais especificamente na Pragmática: a Tese e a Antítese.²²

A Tese tem duas características: a) todos os enunciados servem não só para expressar proposições mas "perform actions"; b) há várias maneiras, através de expressões linguísticas, do falante fazer alguma coisa mas há um nível que deve ser privilegiado, o ato ilocucionário, isto é, o ato de fala.

Para a Antítese, não há necessidade de uma teoria especial para a força ilocucionária porque este fenômeno pode ser assimilado pelas teorias da sintaxe e da semântica das condições de verdade. Esta posição vai gerar o que o autor chama de "collapse of Antithesis" criando problemas semânticos e sintáticos. Após uma análise destes problemas, ele conclui que a Antítese não pode ser considerada uma teoria adequada da força ilocucionária. Deste modo:

(22) Ver a discussão entre descritivistas e não-descritivistas, no capítulo II, que exemplifica em parte esta posição de Levinson.

The collapse of Antithesis would appear to leave Thesis unassailed, though not without its own problems (...) there are further reasons to doubt the adequacy of Thesis too (...) (p. 263)

Assim, Levinson propõe uma saída possível para a Pragmática na abordagem dos atos de fala: a "context-change theory". Esta teoria que pretende "formalizar" o ato de fala, partindo dos problemas já existentes na Tese e na Antítese, coloca também dificuldades. E conclui afirmando: "there are, however, a number of reasons, to which we now turn, why one might be sceptical that any such theory of speech acts will be viable in the long run" (p. 278).

O que procuro mostrar ao expor a posição de Levinson - um dos maiores teóricos da atualidade sobre a Pragmática, que sempre procurou assumir as questões levantadas por Austin - é como muitas destas questões de Levinson possibilitaram que a Pragmática se aproximasse mais da "ciência linguística". O ato de fala, enquanto proposta austiniana, serviu mais para o desenvolvimento da própria "teoria pragmática", do que esta teoria para o desenvolvimento do ato de fala. Após centenas e centenas de trabalhos sobre os atos de fala, a discussão para a Pragmática parece apenas ter começado.

Conclusão - Conflitos e divergências entre as teorias dos atos de fala.

Antes de tentar responder à questão que coloquei no final do capítulo II e no início deste - por que a "teoria dos atos de fala" produz tantos desentendimentos com relação à performatividade? - acho fundamental colocar uma outra questão: O que é uma "teoria do ato de fala?"

A resposta a esta última questão é praticamente "impossível" se levarmos em conta esta série de abordagens das propostas austinianas dos vários estudiosos da linguagem humana. Como pode uma reflexão sobre a linguagem ser tão abrangente? Como puderam as propostas austinianas ser utilizadas pela "lingüística gerativa" como querem Sadock, Lakoff e Ross e, do mesmo modo, ser tão próximas de uma teoria psicanalítica, como quer Felman? Ou ainda, como foram utilizadas pela filosofia, com Searle, possibilitando uma análise "lógica" da linguagem humana; e com Souza Filho, possibilitando uma abordagem "ideológica" da sociedade? Como pôde Ducrot legitimar sua noção de pressuposição partindo do ato ilocucionário? Qual é o "ato de fala" subjacente às discussões específicas sobre a enunciação feitas por Foucault e Sbisà? Como as reflexões de Austin geraram as posições "críticas" de Récanati, Finlay e Levinson?

Esta variedade de questões que levantei, entre muitas outras possíveis, a partir dos autores acima, já possibilita esboçar uma resposta, a saber: as propostas austinianas - centralizadas no ato de fala, performativo e ato ilocucionário - são mais abran-

gentes do que têm sido encaradas e monopolizadas pela ciência lingüística ou pela filosofia. No entanto, esta amplitude de questões por um lado pressupõe que, se for possível uma só resposta, esta deverá ser suficientemente ampla para abranger as questões levantadas acima; por outro lado, esta diversidade de abordagem das propostas austinianas, de certo modo, aproxima as várias áreas que estudam e analisam a linguagem humana. Portanto, deve haver "algo" subjacente às reflexões de Austin que dê conta desta amplitude. Parto do princípio de que esta amplitude se deve a três fatores interligados de modo muito específico. Inicialmente, há uma maneira específica de encarar o relacionamento dos conceitos de "ato de fala", "performativo" e "illocucionário", já que Austin não fez uma análise global e nem um desdobramento sistematizado destes três conceitos. Em seguida, a relação destes conceitos pode dar conta de uma "doutrina geral" de que fala Austin mas partindo de "uma visão performativa da linguagem humana"; e finalmente, pode-se dizer que esta "visão performativa" mantém certas relações com a "percepção humana"; isto é, há, subjacente à "doutrina ao mesmo tempo completa e geral da linguagem", para a qual Austin chamava a atenção, algumas aproximações com o fenômeno da percepção humana.

Estes três fatores mostram a abrangência e a complexidade das reflexões austinianas e podem servir para discutir e explicar as preocupações dos capítulos II e III deste trabalho: o dilema do performativo, e o fato de haver abordagens diferentes, conflitantes e contraditórios das propostas de Austin.

capítulo IV

A Visão Performativa da Linguagem Humana

Introdução

Para uma abordagem da argumentação de Austin como um todo, é necessário discutir os conceitos de "ato de fala", "performativo" e "illocucionário" e ver a relação que há entre eles. Assim uma análise em conjunto pode mostrar as dificuldades de uma formalização, de uma "teorização" que dê conta das várias interpretações destes conceitos, uma vez que acredito ser a articulação, a interdependência desses conceitos que possibilitam esclarecer uma pouco mais o que venho chamando "visão performativa".

O pensamento de Austin - lembrando mais uma vez - não é igual ao longo de seus escritos e, além disso, ele é o porta-voz de uma transição nos estudos "lingüístico - filosóficos" da linguagem humana. Por isso, fica difícil isolar ou privilegiar um destes conceitos já que eles convivem de uma maneira intrincada. A maneira das abordagens que vimos anteriormente privilegiam um destes conceitos, pode-se dizer, de maneira arbitrária se pensarmos na originalidade da proposta austiniana, uma vez que estes conceitos são utilizados e discutidos por muitos autores às vezes sem nenhum critério, ou melhor, sem nenhuma preocupação de explicitação. Estes conceitos foram apropriados por diferenciadas tendências como se fossem de domínio comum: por exemplo, se olharmos

para o conjunto de autores analisad podemos dizer que estes três conceitos podem ser identificados nestas várias abordagens com "teorias" e com atos. Ora, esta aparente flexibilidade dos conceitos, por um lado, mostra a riqueza que cada um deles carrega em si, o que dificultaria então analisá-los conjuntamente; por outro lado, corrobora a idéia de que há uma relação de interdependência muito específica entre eles. Com isso, podemos dizer que a argumentação de Austin constitui-se de uma série de questões surgidas simultaneamente, e tem um poder muito grande de criticar as posições e teorias já existentes sobre a linguagem e, ao mesmo tempo, de produzir novas reflexões. Qualquer discussão de Austin deve, deste modo, levar em conta este "todo", este seu "momento retórico", sem o que teremos sempre dificuldades para compreendê-lo e correremos o risco de ficar no meio do caminho de sua argumentação.

1. O ilocucionário e o rompimento com a visão positivista da linguagem humana

Para discutir a difícil vinculação destes três conceitos com uma teoria, nos moldes positivos e tradicionais, privilegiarei o ilocucionário já que é um dos "estágios" da argumentação de Austin que surge a partir do capítulo oitavo do HTD. Por outro lado, o conceito de ato de fala também sofre tentativas de formalização

dentro de uma teoria; este conceito será discutido, nesta parte, como uma espécie de contraponto, uma vez que Austin no seu texto de Royaumont ao falar do "ato de fala" em duas passagens (cf. p. 279 e 281) lembra sempre a necessidade de encará-lo como algo mais geral, como uma doutrina que dê conta de "ce que l'on fait en disant quelque chose". Também no início na última conferência do HTD (cf. p. 148), ele faz a seguinte afirmação: "The total speech act in the total speech situation is the only actual phenomenon which, in last resort, we are engaged in elucidating". Destaco este fato para lembrar que não é por acaso que Austin relaciona o "ato de fala" ao "ato de fala total numa situação total de fala" para o momento ainda a ser revelado. Deste modo, pode-se dizer que há uma ordem que não aparece por acaso. Há o "performativo" que é o fenômeno central, seguido de um desdobramento através do "ilocucionário" e, finalmente, o "ato de fala (total)" como algo a ser desvendado.

Segundo Rajagopalan (1989, cf. p. 84, desta tese), "o 'ato ilocucionário' emergiu das cinzas que sobraram da queima que Austin provocou (...) da distinção entre 'enunciado performativo' e 'enunciado constativo'". Esta afirmação mostra a importância que tem o "ato ilocucionário" no pensamento austiniano. Ainda, segundo Rajagopalan, este pensamento não é suscetível de uma formalização nos moldes conhecidos, já que este conceito deve ser encarado como um jogo tal qual Wittgenstein o concebe. Vejamos como o próprio Wittgenstein coloca a questão do jogo de linguagem:

§23. Quantas espécies de frases existem? Afirmação, pergunta e comando, talvez? - Há inúmeras de tais espé-

cies: inúmeras espécies diferentes de emprego daquilo que chamamos de "signo", "palavras", "frases". E essa pluralidade não é nada fixo, um dado para sempre; mas novos tipos de linguagem, novos jogos de linguagem, como poderíamos dizer, nascem e outros envelhecem e são esquecidos. (uma imagem aproximada disto pode nos dar as modificações da matemática)

O termo "jogo de linguagem" deve aqui salientar que falar da linguagem é uma parte de uma atividade ou de uma forma de vida. (pp. 18-19)

Em seguida Wittgenstein imagina uma série de jogos de linguagem entre muitos outros, como: relatar um acontecimento, traduzir de uma língua para outra, inventar uma história, resolver enigmas, expor uma hipótese e prová-la, pedir, agradecer, maldizer, saudar, etc. E continua:

é interessante comparar a multiplicidade das ferramentas da linguagem e seus modos de emprego, a multiplicidade das espécies de palavras e frases com aquilo que os lógicos disseram sobre a estrutura da linguagem. (E também o autor do Tractatus Logico-philosophicus).

Hintikka (1986, pp. 215-216) faz uma distinção entre o Wittgenstein do Tractatus, para o qual todas as regras da lógica devem ser puramente formais (sintaticamente) já que estas propriedades formais de nossas sentenças são todas expressas pela linguagem, e o Wittgenstein das Investigações Filosóficas, que

concentrates on the external 'grammar' of language-games because this is the only aspect of these games which can be expressed in language. All use of language presupposes certain language-games, and is a move in some language-game. These games are presupposed when any use is made of language. Hence, we cannot in our language theoretically discuss the language-games which this language presupposes, or say what would

happen if, e.g., their rules were varied. Semantics is ineffable in Wittgenstein's later philosophy quite as much as in his earlier philosophy.

Ora, nada mais garante uma fixidez e transparência da significação já que "A Semântica é inefável". Esta mesma argumentação está bastante próxima às reflexões de Austin quando ele afirma no OM que falar enquanto uma atividade humana como "fazer promessas", "competir", "perceber cores" faz parte irredutível de nossa experiência tanto quanto "acreditar em outra pessoa".

Moreno (cf. 1985, pp. 63-65) comenta que as conseqüências dos "jogos de linguagem" não são mais relevantes para a análise dos significados, para a determinação de unidades mínimas formais, sintáticas ou semânticas, e nem para a postulação de tais unidades como sendo fundamentos do significado.

Trata-se, agora, de buscar unidades de outra ordem, caracterizadas segundo outros critérios. Os novos critérios, todavia, serão de natureza distinta dos anteriores, uma vez que não mais será possível, através deles, detectar exatamente e definitivamente as unidades do significado. Os novos critérios serão fornecidos pelo uso que fazemos da linguagem nos mais diversos jogos, isto é, nas diferentes formas de vida. (p. 65)

Estas colocações podem explicar melhor, lembrando Rajagopalan, a complexidade do ato ilocucionário e conseqüentemente da visão performativa.

Assim, qualquer tentativa de formalização nos moldes positivos do ilocucionário é uma atitude, no mínimo, extremamente comprometedora. As propostas de Searle e Vanderveken por exemplo (cf. capítulo anterior) produzem não só uma fórmula para dar con-

ta agora do ato ilocucionário, como produzem uma "lógica" que pretende explicá-lo, através do "isolamento" do objeto de análise - neste caso, o ilocucionário - que se compromete, e se identifica com um "sentido" fixo; e conseqüentemente ele se distancia ainda mais das propostas de Austin.

O ilocucionário, segundo Rajagopalan, mostra perfeitamente a relação que mantém com a performatividade enquanto definição da própria linguagem. Austin emprega pela primeira vez este termo, relacionando-o com um outro, o de locucionário: "To perform a locutionary act is in general, we may say, also and eo ipso to perform an ilocutionary act, as I propose to call it. (p. 98)". Nesta oitava conferência, Austin introduz um outro tipo de ato, relacionado aos dois anteriores, o perlocucionário, que produz um efeito sobre o interlocutor, ao passo que o ato ilocucionário "performance of an act in saying something", e o ato locucionário "performance of an act of saying something".²³

Austin, ao iniciar a discussão do ilocucionário, produz uma mudança na sua argumentação, nas suas reflexões sobre a linguagem ordinária. Esta mudança possibilita que Austin amplie seu universo de reflexão possibilitando, por um lado, pensar uma visão performativa mas, por outro, proporcionando uma série de questionamentos que colocam em xeque suas propostas. Qualquer sistemati-

(23) Há trabalhos que discutem e analisam mais detalhadamente a distinção - ilocucionário e locucionário -, por exemplo: Brown (1963); Ferguson (1973); Hare (1971); Searle (1973); Strawson (1973); mas não seria o caso de discutí-los aqui. (cf. também nota 43, p. 35).

zação ou análise desta parte do seu livro deveria deixar de lado a taxonomia ou as classificações que começam a aparecer após a distinção destes atos, o que de certo modo é um procedimento que, relacionado ao pensamento austiniano, deve ser visto com uma certa cautela. Quem pode garantir que após as doze conferências - já que Austin é supostamente "vítima" de um impasse ou de uma "contradição" que ele próprio criou, dadas as características de sua argumentação -, Austin não teria revertido toda esta argumentação como fez, por exemplo, com a distinção entre Performativo/Constativo? Digo isto, não por acaso, mas sim porque, na última conferência, talvez a mais controvertida de sua obra, em que há uma classificação, uma listagem de cinco tipos de verbos, incompatíveis na maneira que, digamos assim, caracterizou o "illocucionário"; apareça uma das afirmações mais significativas e densas do seu pensamento:

Now we said that there was one further thing obviously requiring to be done, which is a matter of prolonged fieldwork. We said long ago that we needed a list of 'explicit performative verbs'; but in the light of the more general theory we now see that what we need is a list of illocutionary forces of an utterance. The old distinction, however, between primary and explicit will survive the sea-change from the performative/constative distinction to the theory of speech-acts quite successfully. For we have since seen reason to suppose that the sorts of test suggested for the explicit performative verbs ('to say ... is to ... &c.') will do, and in fact do better for sorting out those verbs which make explicit, as we shall now say, the illocutionary force of an utterance, or what illocutionary act it is that we are performing in issuing that utterance. What will not survive the transition, unless perhaps as a marginal limiting case,

and hardly surprisingly because it gave trouble from the start, is the notion of the purity of performatives: this was essentially based upon a belief in the dichotomy of performatives and constatives, which we see has to be abandoned in favour of more general families of related and overlapping speech acts, which are just what we have now to attempt to classify. (pp. 149-150)

Este parágrafo exemplifica a maneira intrincada pela qual se relacionam o ilocucionário, o performativo e o ato de fala. Ao introduzir, nas suas reflexões, o conceito de "família", Austin levanta uma dúvida. Vejamos como Rajagopalan (1989:528) comenta este parágrafo.

A observação acima é bastante curiosa, pois o que Austin está dizendo é que o conceito do conjunto dos atos ilocucionários não é definível intensionalmente porém pode ser captado em termos de noção de "família"

O conceito de "família", de "semelhança de família", já havia sido discutido por Wittgenstein nas Investigações Filosóficas. Portanto, se o ilocucionário for encarado de modo que se possa aproximá-lo de um jogo, como concebe Wittgenstein, e não, de uma "fórmula lógica", estaremos mais próximos do que chamo de "visão performativa da linguagem".

Do mesmo modo que tratamos os "jogos de linguagem", podemos agora mais uma vez fazer uma outra aproximação entre as colocações de Austin e de Wittgenstein tendo em comum o conceito de "família". Moreno (cf. pp. 70-72), ao analisar essa outra expressão metafórica, propõe a seguinte questão: "O que é, então, essa propriedade qualificada por Wittgenstein de 'semelhança de fami-

lia'?" Após analisar a relação entre as duas metáforas que tratam da linguagem, a do "jogo" e a de "família", Moreno afirma:

A propriedade que nos permite empregar a palavra "jogo", e compreender o seu significado em situações de comunicação não é uma propriedade transitiva, ou seja, que percorre todos os elementos aos quais a aplicamos; é uma "propriedade de semelhança de família", como aqueles traços fisionômicos que nos permitem identificar pessoas como pertencendo a uma mesma família: tais pessoas são semelhantes, sem serem idênticas. (p. 72)

Em Royauumont diz Austin, respondendo a M. Poirier que perguntava se seria possível ter uma "lógica formal dos enunciados performativos":

Peut-il y avoir une logique formelle des énoncés performatifs?

Je serais tenté de dire: oui. Mais avec cette réserve, toutefois, que je pense qu'il faudrait que nous soyons bien sûrs de savoir ce que nous entendons par énoncé performatif, ce qui suppose au préalable un inventaire beaucoup plus détaillé et minutieux que celui que je n'ai fait qu'indiquer brièvement dans mon exposé. Alors, et alors seulement, en possession d'un inventaire et d'une définition, on pourrait au besoin envisager de formaliser la logique des énoncés performatifs, au moins pour certains types, ou familles d'expressions de ce genre. Et là encore, avant d'arriver à quelque chose d'utilisable sur certains points. (p. 303), (grifo meu).

Esta resposta de Austin tem relação com a questão do ilocucionário, já que está próxima da citação da sua última conferência que vimos anteriormente.

A noção de família já estava presente em 1953 no "How to talk - some simple ways" quando, no final (cf. pp. 150-151), Aus-

tin, ao resumir a complexidade do ato de chamamento (calling) e de descrição (describing), diz que os nomes para designar os atos de fala são numerosos e mais específicos, mais ambíguos e mais significativos do que se pensa normalmente. E continua :

none of them can be safely used in philosophy in a general way (for example, 'statement' or 'description') without more investigation than they have, I think, yet received. Here of course we have been concerned with only a few speech-acts of a single family, but naturally there are other whole families besides. (...) A feature, for example, in which different speech-acts even of the same family may differ very much is that commonly discussed in an entirely general way under the name of 'truth': even, say, with speech-acts which are assertions, we often prefer for one a different term of approbation from that we prefer for another, and usually for good and understandable reasons. (grifo meu).

Inicialmente a noção de família serve para mostrar que há atos de fala que pertencem a uma só família, mas existem outras famílias. Mesmo se diversos atos de fala pertencem a uma mesma família eles podem se diferenciar. Em seguida, esta noção reaparece no HTD para substituir a crença na dicotomia Performativo/Constativo e finalmente para dar conta de uma possível lógica dos enunciados performativos. Dito de outro modo, esta noção de família surge para caracterizar a especificidade dos atos de fala e para dar conta da "queima que Austin provocou" da distinção Performativo/Constativo; e para discutir a possibilidade de uma lógica formal dos enunciados performativos. Aqui pode estar uma das possíveis explicações para o fato de Austin continuar, mesmo depois de desfazer a distinção Performativo/Constativo, a empregar o termo

"performativo" para definir toda a linguagem humana.

Austin emprega esta noção de "família" em três situações distintas, mas que estão ligadas de modo muito especial. No HTD ela aparece após a quebra da dicotomia Performativo/Constativo, para ser substituída pela idéia que há "famílias" mais gerais de atos de fala. No P-C, esta noção serve para "considerar a possibilidade de formalizar a lógica dos enunciados performativos, ou ao menos para certos tipos, ou famílias de expressão deste gênero". Austin no "How to Talk" afirma, para dar conta da complexidade dos atos de fala, que estes atos podem pertencer a uma só família, mas, mesmo pertencendo a esta mesma família, podem ser diferentes. Resumindo por enquanto, diria que Austin tem como meta, na sua abordagem performativa, dar conta de famílias mais gerais dos atos de fala eo ipso dos enunciados performativos levantando a hipótese de uma possível lógica destes enunciados somente após um longo e árduo trabalho.

Voltando ao que coloquei no início deste capítulo sobre a interdependência destes três conceitos, é necessário, mais uma vez lembrar que esta "ordem" tem o performativo como organizador, e centralizador. Por um lado, temos o ilocucionário que surge a partir de um desdobramento do fenômeno da performatividade, e se constitui num "estágio" desta argumentação, que foi amplamente discutida por vários comentaristas da obra de Austin. Por outro lado, temos o ato de fala, necessitando uma teoria, uma doutrina completa e geral, segundo Austin, do que se faz ao dizer alguma coisa, tomando o ato de fala na sua totalidade.

Assim, fica descartada uma abordagem mais específica em torno do conceito de "ato de fala", que o próprio Austin tratou com muita precaução, uma vez que no centro da sua argumentação, como tenho insistido, está o fenômeno da performatividade, auxiliado pela discussão do ilocucionário enquanto desdobramento deste fenômeno.

2. O Eu-Sujeito e a visão performativa da linguagem humana

Uma das características importantes da visão performativa da linguagem humana é a questão do Eu - Sujeito e a sua relação com o uptake a intencionalidade e uma nova concepção de referência.

Há, segundo Austin (cf. HTD pp. 116-118), três maneiras de distinguir o ato ilocucionário do perlocucionário: securing uptake, taking effect e inviting a response. Destes três, o primeiro, o securing uptake, é o mais importante, uma vez que com o uptake fica mais claro que a referência que vai estar diretamente ligada ao momento da enunciação não se dá mais ao nível constativo da linguagem, mas numa concepção performativa; ou seja, no momento em que há o reconhecimento entre os interlocutores de que "algo está assegurado", de que o objetivo (point ou porpose) ilocucionário foi realizado através de sua força²⁴. O uptake, enquanto

(24) Sobre a distinção e a oposição entre point ou porpose e força ilucucionária, cf. Searle 1979, pp.2-3.

uma relação entre interlocutores por meio da linguagem está próximo do jogo já que não há regras nem critérios formais definitivos que possam descrevê-lo. Para Austin (cf. HTD p. 117): "So the performance of an illocutionary act involves the securing of uptake". E mais à frente (cf. p. 144), "reference depends on knowledge at the time of utterance". Esta nova noção de referência tem que passar pelo "eu - assinatura" para se constituir como linguagem, para realizar uma ação. Esta nova concepção da referência, mais o uptake e as noções de família e de jogo estão proporcionando uma "visão performativa", e por isso são incompatíveis com uma abordagem "positivista" da linguagem humana.

O "eu" aparece no início das reflexões austinianas sobre a performatividade como uma "entidade extra-lingüística", isto é, um sujeito que pode empiricamente casar, batizar um navio, etc., realizando um ato de fala, mas somente se for o sujeito adequado para isto; o ato em si, de fala, não é ele sozinho suficiente para realizar esta ação. Em seguida, este "eu" passa a se fundir com a linguagem, a fazer parte integrante dela. O "eu", expresso através do pronome sujeito do presente do indicativo, ao falar, realiza uma ação por intermédio do ato de fala; este "eu" é agora qualquer sujeito no mundo. Para Austin, qualquer enunciado tem implicitamente um sujeito, um "eu" que produz a fala; o significado depende do sujeito e do momento da sua enunciação. Austin parte de um "eu" com a linguagem e chega a um "eu" na linguagem e da linguagem.

O Eu-sujeito não tem sozinho o domínio da significação: ele se constitui no momento de sua enunciação, na interlocução. Para

este "controle" do significado, Austin utiliza o conceito de "uptake". O "eu" não deve ser confundido com o sujeito falante empírico, uma vez que é só através do "uptake" que se constitui o Sujeito. Assim é possível fazer uma aproximação entre Austin e Wittgenstein, como o faz Rajagopalan (1990a, p. 573):

Ora, estamos, assim, diante de um momento crítico na evolução do pensamento austiniano, momento este cuja importância salta aos olhos com maior nitidez ainda se for analisado no contexto do famigerado argumento de Wittgenstein contra a possibilidade de uma "linguagem privada" - pois, Austin está dizendo efetivamente que não faz sentido falar num ato ilocucionário sobre o qual um único indivíduo (o locutor, no caso) tenha controle e conhecimento.

Uma das dificuldades de compreensão deste momento crítico da proposta de Austin está localizada na questão da intencionalidade e sua relação com a significação. Não é possível mais (cf. HTD cap. IX) falar de uma intenção do Sujeito (falante), já que esta intenção não é e não pode ser mais unilateral. Rajagopalan (cf. p. 577) afirma que "a medida que se consolida o conceito de uptake, este se encarrega de 'subverter' a teoria até então calcada no papel centralizador do sujeito falante". Essa teoria o próprio Austin procura questionar:

We have then to draw the line between an action we do (here an illocution) and its consequences. No in general, and if the action is not one of saying something but a non-conventional 'physical' action, this is an intricate matter. As we have seen, we can, or may like to think we can, class, by stages, more and more of what is initially and ordinarily included or possibly might be included under the name given to 'our

act' itself as really only consequences, however little remote and however naturally to be anticipated, of our actual in the supposed minimum physical sense, which will then transpire to be the making of some movement or movements with parts of our body (e.g. croking our finger, which produced a movement of the trigger, which produced ... which produced the death of the donkey). There is, of course, much to be said about this which need not concern us here. (HTD, pp. 111-112)

Pode-se concluir deste modo que em qualquer situação de fala não há um "controle" do Sujeito (falante) sobre sua intenção, já que ela se realiza, juntamente e através do uptake (com seu interlocutor). O uptake é então uma condição necessária do próprio ato (de fala), e é ele que produz o ato. Nunca deixaremos de atribuir uma intencionalidade num ato (físico), uma vez que este não poderá ser isolado de uma intenção, mas já que pode haver situações inesperadas, "não-tencionadas" pelo Sujeito falante (cf. Rajagopalan 1990a, p. 577), é através do uptake que há um descentramento do papel do sujeito falante.

Deste modo pode-se dizer que o uptake numa versão branda é o lugar onde se complementam o eu e o tu, onde se assegura a fala²⁵. Numa versão mais forte, o uptake é o lugar do "desmantelamento" da intenção, o caminho próprio da "desconstrução".

(25) Podemos fazer de certo modo uma aproximação, um paralelo entre a noção de uptake na versão mais branda relacionando ao fato de que, por exemplo, se assino um documento, este só terá validade na medida em que minha assinatura for identificada, reconhecida como sendo minha pelo outro. Portanto, minha assinatura tem que ser iterável para poder ser identificada pelo outro.

Esta abordagem da intenção do Sujeito falante difere da de Searle (1983), para quem, mesmo numa primeira formulação, a intencionalidade:

is that property of many mental states and events by which they are directed at or about or of objects and states of affairs in the world. (...) on my account only some, not all, mental states and events have Intentionality (...) Intentionality is not the same as consciousness (...) intending and intentions are just one form of Intentionality among others, they have no special status. (pp. 1-3)

Em seguida (cf. pp. 4-11), desenvolvendo sua argumentação, Searle levanta quatro pontos comuns entre "Intentional states" e "speech acts". Vejamos resumidamente cada um deles: 1) A distinção entre conteúdo proposicional e força ilocucionária se mantém (carries over) para os estados intencionais. Há, segundo ele, uma clara distinção entre o conteúdo proposicional e a força ilocucionária, numa primeira classe de casos. Numa segunda, há uma distinção entre o conteúdo representativo (ou conteúdo intencional) e o modo (mode) psicológico. Daí pode-se substituir a fórmula $F(p)$ para $S(r)$; onde "S" caracteriza o modo psicológico e o "r" o conteúdo representativo (ou intencional). 2) A distinção entre as diferentes direções de ajustamento (directions of fit), se manterá nos estados intencionais. 3) A realização de cada ato ilocucionário com um conteúdo proposicional expressa um certo estado intencional com este conteúdo proposicional, e este estado intencional é a condição de sinceridade deste tipo de ato de fala. 4) A noção de condição de satisfação aplica-se com suficiente generalidade

para ambos, o ato de fala e o estado intencional em casos onde há direções de ajustamento.

Este breve apanhado das idéias principais que Searle vai desenvolver sobre a intencionalidade evidencia, mais uma vez, a distância e a discordância, se forem comparadas com as colocações de Austin sobre o uptake. Searle, de certo modo, pretende ser "fiel" a Austin, ao aproximar os "Intentional states" e os "speech-acts", sem perceber o efeito corrosivo que a noção de uptake provocou nas reflexões austinianas sobre a intencionalidade.

Voltando à questão da "subversão" que se opera no pensamento austiniano a partir do conceito de uptake, torna-se pertinente aproximar esta questão do que Felman afirma, ou seja, de que não há uma simetria perfeita entre sentido e referência, e nem entre enunciado e enunciação em Austin, mas, ao contrário,

C'est de l'asymétrie que procède la pensée d'Austin, de l'excès de l'énonciation par rapport à l'énoncé, de la "force d'énonciation" comme un reste - référentiel - de l'énoncé et du sens. (p. 108)

O que, em última instância, significa que esta assimetria rompe com a intenção, isto é, não dá conta exata (simétrica) entre a intenção do Sujeito falante e a do seu interlocutor, contrariamente ao que pensa Searle. Esta não exata simetria é o lugar das situações inesperadas, "não-tencionadas" indispensáveis para que o Sujeito falante se constitua como "eu"-Sujeito. Não há uma "lógica", no sentido transcendental do termo, que possa identifi-

car o Sujeito, a não ser através da ação, da sua fala, da sua performatividade²⁶.

Finlay (cf. pp. 23-25) indiretamente discute a questão da intenção em Austin, ao afirmar que se Austin de fato quisesse evitar a clássica visão do discurso, ele deveria ter agrupado sentido (sense) e força como parte do significado (meaning), para distinguir estes aspectos da referência (denotação), ao invés de opor sentido e referência à força. Com esta reorganização de referência, sentido e força, a "teoria de Austin" tornou-se, segundo Finlay, triádica: denotation (object), sense (public) e representation (intention) subjective. É de se questionar se a argumentação de Austin pode ser constituída desta maneira. Mesmo assim, ela afirma em seguida que "Austin often specifies that 'the performance of an illocutionary act involves the 'securing of uptake', - reception - that is 'bringing about the understanding of the meaning and of the force of the locution'" (cf. HTD pp. 115-116). Portanto, segundo ela, "to bring about understanding,

(26) É bom lembrar aqui que Ducrot (1972a, pp. 33-34) faz de certo modo uma crítica da intencionalidade searleana através do que ele chama de efeito (de significação) da enunciação. Para ele, a descoberta dos performativos, depois sua generalização na doutrina dos atos ilocucionários *montrent que certains énoncés ne peuvent se décrire sémantiquement sans que l'on fasse intervenir quelques uns des effets de leur énonciation. Ces effets ne sont pas des conséquences secondaires qu'entraîne, dans certains contextes, et sous l'influence de certaines lois psychologiques ou sociologiques, la transmission de la signification. Tout au contraire, pour définir "la signification" de l'énoncé - ou ses significations, s'il en change selon les contextes - il devient nécessaire de prévoir les répercussions qu'il aura, en vertu des conventions de la langue, sur la situation de discours.*

the sense and reference of a representation, or of intention encoded into a sign, must be known". (p. 24)

Tanto Finlay como Derrida enquanto "desconstrutivistas" têm um procedimento crítico bastante semelhante com relação às propostas austinianas. Eles procuram discutir a argumentação de Austin no HTD sem levar em conta que o uptake numa versão mais forte está, como já foi dito, "desmantelando" esta "intention encoded into a sign"; ou seja, para produzir/efetuar (to bring about) a compreensão, o sentido e a referência da representação, não preciso estar numa relação simétrica que garanta o reconhecimento. Na proposta austiniana, a intenção não pertence somente ao Sujeito falante que a transmite mas é garantida, via uptake, pelo Sujeito ouvinte para "assegurar a fala".

A questão da intenção em Austin difere, assim, das conclusões a que chega Derrida. Para Derrida, a comunicação performativa, segundo Austin, é a "comunicação de um sentido intencional", onde há a "presença consciente e intencional", ou seja, onde "intenção permanece o centro organizador". Ora, esta conclusão a que chega Derrida pode ser questionada se levarmos em conta a discussão sobre o uptake (que estranhamente Derrida, 1972, não discute). A "reviravolta" significativa no pensamento austiniano, a partir do uptake, dificulta muito precisar em Austin do HTD uma argumentação conclusiva e fixa.

A relação enunciado/enunciação em Austin, como lembra Felman, de certo modo faz lembrar as colocações de Foucault (1969)

sobre o enunciado²⁷. As aproximações que podemos fazer entre Austin e Foucault no que toca à visão performativa são especulativas. Faz-se necessário dizer aqui que há diferenças de percurso entre ambos: Austin vem de uma tradição de uma filosofia clássica, enquanto que Foucault, da Archéologie, surge da revisão do estruturalismo lingüístico.

Vejamos, inicialmente, como Foucault distingue "Langue" de "Énoncé":

La langue n'existe qu'à titre de système de construction pour les énoncés possibles; mais d'un autre côté, elle n'existe qu'à titre de description (plus ou moins exhaustive) obtenue sur un ensemble d'énoncés réels. Langue et énoncé ne sont pas au même niveau d'existence; et on ne peut pas dire qu'il y a des énoncés, comme on dit qu'il y a des langues. (p. 113)

Em seguida, ele afirma (cf. p. 115) que o enunciado não é uma estrutura: é uma função de existência que pertence exclusivamente aos signos, e a partir da qual pode-se decidir pela análise ou intuição, se eles "fazem sentido" ou não; segundo qual regra eles se sucedem ou se justapõem, de que são signos, e que espécie de ato se encontra efetuado pela sua formulação oral ou escrita. E continua:

Il ne faut donc pas s'étonner si on n'a pas pu trouver pour l'énoncé des critères structuraux d'unité; c'est qu'il n'est point en lui-même une unité, mais une fonction qui croise un domaine de structures et

(27) O fato de Foucault não citar Austin quando trata dos "speech acts", me deixa mais à vontade para fazer uma aproximação entre os dois.

d'unités possibles et qui les fait apparaître, avec des contenus concrets, dans le temps et l'espace. (p. 115)
(grifo meu)

Estas passagens de Foucault estão muito próximas da abordagem que Austin faz da linguagem humana, embora o ponto de referência de Foucault seja o enunciado, a língua e o de Austin, a enunciação.

Uma outra aproximação possível pode ser feita quando Foucault trata da "função enunciativa".

Il ne faut pas en effet réduire le sujet de l'énoncé à ces éléments grammaticaux en première personne qui sont présents à l'intérieur de cette phrase. D'abord parce que le sujet de l'énoncé n'est pas intérieur au syntagme linguistique; ensuite parce qu'un énoncé qui ne comporte pas de première personne a tout de même un sujet; enfin et surtout, tous les énoncés qui ont une forme grammaticale fixée (que ce soit en première ou seconde personne) n'ont pas un seul et même type de rapport avec le sujet de l'énoncé. (p. 121).

Estas colocações de Foucault não estão aqui por acaso, mas para mostrar que as propostas de Austin como tenho colocado podem ser discutidas além do universo da linguagem ordinária, uma vez que suas análises produziram uma visão original da linguagem, próxima da de Foucault.

3. A linguagem humana e a percepção

Faço nesta parte algumas considerações sobre o S&S procurando mostrar como há relações entre a linguagem e a percepção humana da maneira que Austin as analisa, e como elas contribuem para a visão performativa.

Em Fann (1969 ed)²⁸, que é um denso estudo sobre a obra de Austin, há uma parte dedicada exclusivamente ao S&S na qual se discute amplamente sua argumentação.

A grande maioria dos comentaristas deste livro criticam a posição tomada por Austin com relação à percepção humana. Bennett (cf. p. 267) chega a dizer que "o fato de Austin não ter publicado S&S sugere que ele não estava satisfeito com seu conteúdo". É bom lembrar que o curso "Sense and Sensibilia" foi ministrado em Oxford pela última vez por Austin no segundo trimestre de 1959, simultaneamente ao desenvolvimento de suas reflexões sobre "Words and Deeds". Entretanto não se encontra um trabalho que analise a relação entre HTD e S&S. Se, por um lado, o HTD é considerado um livro definitivo sobre determinadas discussões da linguagem humana, por outro, o S&S é visto de maneira contrária. Vejamos esta afirmação de Harrod:

(28) Cf. Ayer a.b.; Bennett; Firth; Forguson b; Hirst, todo de 1969. Há também outros comentaristas que escreveram sobre o S&S logo após sua publicação em 1962; como: Brown (1962); Hardie (1963); Harrod (1963); Lazerowitz (1963); Phillips (1964) e Vander Verr (1964) o que mostra o quão controvertida foi a obra, desde a sua publicação.

One thing that is surprising about this book is its philosophical vagueness. Austin does not explain what his own views about perception are, and he also often fails to make clear what he objects to in those whom he criticises, such as Ayer and Price. (...) Philosophy has been traditionally concerned with the more general characteristics of things (...) But Austin's book seems to be all detail and to eschew generality. (pp. 240-241)

Austin trabalha detalhadamente no S&S com a questão da percepção humana fazendo uma crítica às abordagens fenomenológicas como comenta Lazerowitz (cf. p. 246): "Austin was obviously bent on a complete and detailed refutation of phenomenalist (and some related) theories, in various of their ins and outs". Este procedimento de precisar seu objeto de análise, mostra a preocupação que Austin tem em ser sempre cauteloso nas suas reflexões.

A argumentação minuciosa e detalhada deste livro mostra mais uma vez a originalidade e a maneira pela qual Austin rompe com a filosofia de sua época. Como no HTD, o mesmo acontece com o S&S: não se pode isolar um conceito de sua argumentação já que se produz a dificuldade de analisar sua argumentação como um todo, conforme venho insistindo ao longo desta tese. Uma vez que meu objetivo não é uma análise minuciosa deste livro, pretendo explicitar e justificar somente certos momentos da argumentação de Austin sobre a relação entre a linguagem e a percepção por acreditar que esta relação vai de encontro com suas reflexões sobre a performatividade.

O S&S é basicamente um comentário crítico, um ataque às idéias que estão desenvolvidas no livro The Foundations of Empi-

rical Knowledge de A. J. Ayer. Austin faz também referências aos livros Perception de H. H. Prices e Bekerley de G. J. Warnock. Austin discute a relação entre a linguagem humana e os fatos da percepção; esta relação serve para ele mostrar a liberdade com que os filósofos se utilizam da linguagem ordinária nas suas reflexões filosóficas. Austin critica então a noção de sense-datum comparando-a com a de sensação. O sense-datum é o conteúdo da sensação, que tem para os empiristas ingleses um estatuto lógico e epistemológico em oposição à própria sensação que não tem este estatuto. Critica também a noção de sense-data e a de coisas materiais. Vejamos como Gochet²⁹ comenta esta parte do livro:

le partisan de l'introduction des sense-data soutient qu'il y a bien identité entre la grandeur des deux objets perçus, la lune et la pièce de monnaie, mais que les objets perçus ici ne sont pas les objets matériels eux-mêmes, mais les sense-data qui leur correspondent. Austin répond que le besoin d'introduire ces entités intermédiaires ne se serait pas fait sentir si l'on avait pris la précaution d'analyser convenablement la phrase "la lune... a l'air d'une pièce de six pence". Cette phrase, en effet, est incomplète et tronquée. Ce que veut dire celui qui la prononce, c'est que "la lune vue à autant de milliers de kilomètres de la terre a la grandeur d'une pièce de six pence tenue à bout de bras". (p. 13)

(29) Paul Gochet é o tradutor para o francês do Sense and Sensibilia (Le Langage de la Perception, 1971); sua posição no "Avant-Propos" do livro difere da maioria dos comentaristas que vimos acima, por tentar recuperar as propostas de Austin.

O surpreendente desta observação é como Austin utiliza uma frase da "linguagem ordinária" para estabelecer a relação entre a percepção e a linguagem, uma vez que o estudo desta é um dos caminhos para se analisar a percepção. Austin estuda também as diferentes significações dos termos look, appear e seems, como a assimetria entre a voz passiva e ativa quando empregamos o verbo perceber. Discute ainda a relação entre o real e o irreal argumentando que o adjetivo "real" como o adjetivo "bom" é tributário do substantivo ao qual se associa. Gochet comenta este momento do livro fazendo uma outra citação:

Comme le remarque Vendler, "il apparaît à n'importe quel auteur bien informé que dans la discussion des termes réel et bon, Austin antecipe certains résultats de la grammaire transformationnelle. Il doit s'être rendu compte que le lien grammatical qui unit réel au bon au nom doit différer de celui qui lie rose et cond au nom". (p. 15)

O fundamental desta observação não é só a possível relação que Austin possa ter com a gramática transformacional, que estava se constituindo, naquela época, e que se transformaria num dos maiores empreendimentos lingüísticos, mas também a exibição da importância da linguagem ordinária e a originalidade com que considera esta linguagem nas discussões filosóficas.

Estes são alguns pontos gerais que considero fundamentais na argumentação austiniana sobre o S&S. Farei em seguida algumas observações específicas desta argumentação para aproximá-las ao fenômeno da performatividade enquanto um campo de análise que associa de modo original e definitivo o Sujeito e o Objeto, não sepa-

rando a linguagem do corpo, da percepção.

Quando Austin desfaz a distinção Performativo/Constativo, ele instaura um rompimento: a fala produz ato que tem uma força e produz um efeito. A visão performativa surge na ruptura: o ato é percebido e por isso produz ação, ação do eu, do corpo. O corpo é compartilhado, o ato é compartilhado. Nas reflexões de Austin não existe linguagem sem corpo (cf. Felman 1980a, pp. 126-132 e também 1980b, p. 9).³⁰

Austin chama a atenção para um exemplo de Wittgenstein no qual uma imagem ou um diagrama pode ser concebido de maneira especial de modo que pode ser visto de várias maneiras: como um pato ou um coelho, como uma figura convexa ou como uma figura

(30) Vejamos como Felman (1980b, p. 9) exemplifica de maneira muito precisa a relação do físico e do lingüístico e da psicanálise e do ato de fala:

Le rapport indissociable du physique et du linguistique, du corps au langage et de l'acte au discours, se trouve, là encore, être précisément au centre du mythe cardinal dans lequel la psychanalyse a pris son essor théorique: la tragédie d'Œdipe. Lorsque Œdipe prononce sa malédiction contre le meurtrier de Laïos, et que le chœur est d'avis qu'à cette malédiction personne n'échappera, car personne - y compris le criminel - ne pourra ne pas en avoir peur, Œdipe interroge, n'étant pas si sûr:

"Aura-t-il peur des mots, lui qui n'a pas eu peur de l'acte?"

Cette question me semble cruciale pour la compréhension de ce qui se joue - de ce qui est en jeu - dans la tragédie d'Œdipe. Car, il se trouve que la "peur" se rattache justement ici non à l'acte, mais aux conséquences linguistiques de l'acte - à la jointure de "l'acte" et des "mots". La source du tragique consiste non dans l'acte, mais dans la rencontre (d'abord manquée, puis graduellement réalisée) entre l'acte et le langage. Le meurtrier de Laïos, en effets, "n'a pas eu peur de l'acte", mais aura peur de l'acte de langage: la malédiction d'Œdipe.

côncava³¹ ou ainda de qualquer outro modo; e afirma que:

different ways of saying what is seen will quite often be due, not just to differences in knowledge, in fineness of discrimination, in readiness to stick the neck out, or in interest in this aspect or that of the total situation; they may be due to the fact that what is seen differently, seen in a different way, seen as this rather than that. And there will sometimes be no on right way of saying what is seen, for the additional reason that there may be no one right way of seeing it. (p. 101)

Austin está dizendo que na descrição do que se vê está presente uma das várias maneiras do que foi visto, e não pode ser a correta já que há várias maneiras de ver e conseqüentemente de descrevê-las; isto nos remete aos conceitos de família, jogos de linguagem e de uptake.

Em outras duas passagens, Austin coloca a questão da referência, de modo semelhante ao que desenvolve no HTD. Ele comenta que, se tomarmos uma boa parte de frases impecavelmente bem formadas numa ou outra língua, não vem ao caso classificá-las como frases verdadeiras ou frases falsas.

For (...) the question of truth and falsehood does not turn only on what a sentence is, nor yet on what it means, but on, speaking very broadly, the circumstances in which it is uttered. Sentences are not as such either true or false. (p. 111)

(31) Os trabalhos gráficos de Maurits Cornelis Escher (1898-1972) exemplificam em parte esta posição onde uma figura está tão intrinsecamente associada à outra, que uma parece sugerir a outra e nunca se sabe qual o limite entre estas figuras.

Mais abaixo afirma que,

(...) if I actually see one man shoot another, I may give evidence, as an eye-witness, to those less favourably placed; but I don't have evidence for my own statement that the shooting took place. I actually saw it. Once again, then, we find that you have to take into account, not just the words used, but the situation in which they have used. (p. 115-116)

Verificamos aqui a relação entre a referência e a percepção, o que reforça a "visão performativa" de Austin, uma vez que a maneira de se ver mantém relações com as circunstâncias que envolvem a enunciação. Lembrando aqui o que foi dito anteriormente sobre o a relação entre o ato de fala e o ato físico, pode-se dizer que o Sujeito vai se constituir não somente através das palavras mas também das circunstâncias nas quais elas são empregadas. Dito de outro modo, numa versão mais forte da visão performativa o que vai importar não é o que o enunciado ou as palavras significam, mas as circunstâncias de sua enunciação, a força que ela tem e o efeito que ela provoca. Segundo Austin, é o que ocorre nas

descriptions of dreams, for example, plainly can't be taken to have exactly the same force and implications as the same words would have, if used in the description of ordinary waking experiences. In fact, it is just because we all know that dreams are throughout unlike waking experiences that we can safely use ordinary expressions in the narration of them; the peculiarity of the dream-context is sufficiently well known for nobody to be misled by the fact that we speak in ordinary terms. (p. 42).

O S&S tem mais de três décadas e desde então os muitos questionamentos que envolvem essa obra fazem com que ela continue atual. Volto a dizer que as reflexões de Austin, agora acrescidas do S&S, estão mais distantes de favorecer uma abordagem positivista, no universo empiricista da "ciência linguística" e da "filosofia tradicional". Para um entendimento da visão performativa temos que ultrapassar as barreiras destas duas disciplinas e utilizar outras áreas de estudo que nos permitam ter, produzir, segundo Austin, uma "doutrina", uma "teoria geral" e completa que dê conta do que "se faz ao dizer alguma coisa", isto é, do que ele chamou de "ato da fala". Com isto ele não estaria querendo dizer que a relação entre ver (perceber o mundo) e dizer (sobre o mundo) é um fator decisivo para esta "doutrina geral", "doutrina" esta que rompe com as distinções entre linguagem e corpo e Sujeito e Objeto. Austin soube, como ninguém, discutir ao mesmo tempo a linguagem humana e o humano, como ninguém mostrou que a linguagem não se distancia do humano, do corpo, e, de maneira exemplar, mostrou como o corpo e a linguagem se fundem.

4. A Visão Performativa e a Pós-modernidade

As reflexões de Austin estabelecem já desde do seu início, como vimos ao longo desta tese, um rompimento com as dicotomias Performativo/Constativo, verdadeiro/falso; e conseqüentemente

propõem a impossibilidade de se distinguir Sujeito e Objeto no estudo da linguagem humana. A "visão performativa" passa então a dar conta da linguagem humana e refletir o momento de ruptura destas dicotomias pondo em xeque as condições de verdade. Temos assim o encontro entre o Sujeito e o Objeto, entre o corpo e a linguagem; e conseqüentemente, a grande dificuldade de se estabelecer parâmetros "positivos" para identificação e para análise do fenômeno da performatividade. A sua intuição e o seu desejo de "romper" com a postura tradicional frente à linguagem humana falou mais alto que sua postura "científica" (ou até "lógica"), atitude que ele tinha como escolha. Por isso, discordo da afirmação de Vendler (1970:73) que:

Je crois qu'on ne manquera pas d'équité envers Austin si l'on ajoute que sa contribution n'atteint qu'à peine au rang de théorie linguistique dans la conception technique de ces termes. En dépit de ses efforts acharnés, Austin, n'a pas réussi à trouver un jeu de critères effectifs capables de définir la classe des verbes "performatifs" ou "illocutionnaires". Quant à la subdivision de cette classe en sous-classes telle qu'il l'a tentée, elle demeure entièrement intuitive et non formelle. (grifo meu)

Esta afirmação, que exemplifica um momento específico das reflexões de Austin, não precisa de comentário maior se pensarmos no desenrolar da argumentação que venho defendendo ao longo desta tese. Assim é questionável esta tendência em fazer uma aproximação empírica e "positivista" que, em muitos casos, é imposta às reflexões austinianas, uma vez que ele procurou fazer justamente

o contrário, apesar das insistências de vários de seus comentaristas.³²

Vejamos o que afirma Rajagopalan (1990c) ao comentar que "Austin de fato compartilha com Frege a tese central deste grande gênio, de que é o sentido que determina a referência e não o contrário". E continua:

Trocando em miúdos, é possível sustentar que o trabalho de Austin, ao mesmo tempo que evidencia sinais de franco descompasso com a linha logicista traçada por Frege, constitui-se em uma continuação do projeto fregeano muito além, é claro, do vislumbrado pelo ilustre antecessor alemão (cuja obra-prima, lembre-se, foi o próprio Austin quem traduziu para o idioma inglês). (...).

Ora, tudo isso nos dá uma nova perspectiva para encarar a leitura desconstrutiva que Derrida faz da própria obra de Austin: perseguição implacável da meta austiniana além do ponto efetivamente alcançado pelo próprio Austin. Ou seja, se Austin faz uma leitura fregeana de Frege, Derrida mostra como é relativamente fácil fazer uma leitura austiniana de Austin, mostrando ao texto de Austin, o seu "ponto cego", o momento crítico, onde o autor demonstra sinais de não querer cumprir sua promessa e opta por não "ver" as consequências mais "lógicas" do seu próprio projeto. O mérito de Derrida consiste justamente em mostrar a fragilidade do empreendimento estruturalista (com o qual a filosofia analítica tem, a despeito das aparências ao contrário, ligações estreitas - cf. Norris, 1984). Quem tematiza

(32) A título de exemplo é bom dizer que além dos textos até agora citados, temos: Black (1969); Fingarette (1967); Forgunson (1969c); Sensonske (1965) e Warnock (1973b), entre muitos outros que discutem o Performativo de maneiras muito distintas, mas sempre preocupados em tentar identificar e, às vezes, justificar em Austin um certo "descompasso", e até uma certa "irreverência" entre sua postura como investigador e suas intuições. Este descompasso é justamente o que considero hoje uma das características fundamentais de suas reflexões.

tal fragilidade é Richard Rorty (1982), para quem o pragmatismo está caminhando sem retorno exatamente em direção a um desmoronamento até chegar a tal ponto em que, segundo este autor, a atividade filosófica deve se desembaraçar de vez de toda a sua aspiração emancipatória para começar a cultivar uma espécie de, quem sabe, "niilismo ativo" no dizer de Lyotard. (pp. 246-247)

Este comentário sugere uma série de questões muito importantes, na medida em que coloca em xeque grande parte do empreendimento austiniano enquanto uma postura inovadora e única na história da filosofia e da lingüística contemporânea.

Que se possa fazer uma "leitura desconstrutivista" de não importa qual seja o texto de Austin e se chegar a uma posição "crítica" que justifique essa leitura é engrandecedor para o entendimento das reflexões de Austin; mas, por outro lado, se essas discussões sobre o pensamento austiniano - que estão centralizadas a partir do HTD, como faz Derrida que encontra aí o "ponto cego" de Austin - não fossem centralizadas no OM, ou no P-C, ou ainda no S&S provavelmente este "momento crítico" seria outro. Considerando que o pensamento de Austin não é uniforme, há uma técnica que se repete em alguns textos, mas não é uma característica que pode ser tomada em termos absolutos, o que não invalida de maneira nenhuma a crítica de Derrida sobre o HTD.

Rajagopalan afirma que Austin opta por não "ver" as consequências mais "lógicas" do seu próprio projeto. Na verdade, essa opção se baseia no fato de sua obra se caracterizar por pontos críticos dos quais ele tinha consciência dado o seu "rompimento", o seu momento de transição nos estudos da linguagem humana. Por isso, não considero fácil fazer uma leitura austiniana de Austin;

uma vez que, para realizá-la, seria preciso partir de um "projeto", de uma escolha, e pressupor que há um só Austin.

A leitura de Derrida foi a da "desconstrução" do HTD. Que Austin Derrida escolheu? O lingüista que discute uma teoria lingüística?; ou o filósofo que tem, apesar de tudo, uma visão positivista? Ou os dois juntos? Ou ainda aquele que desvenda e introduz de maneira definitiva a performatividade como algo inovador nas áreas de estudo da linguagem?

Aceito a proposta desconstrutivista mas para um momento específico, um "estágio" do pensamento austiniano. Daí, generalizar este "momento crítico" partindo de um só Austin, o do HTD, parece uma postura um tanto apressada, como faz Norris (ver citação acima) ao identificar a filosofia analítica com o estruturalismo.

Por um lado, as aproximações de Felman, por exemplo, entre Austin e Lacan, ou ainda entre a "teoria do performativo" e uma versão lacaniana do estruturalismo (como vimos no capítulo III) não são suficientes para identificar as propostas de Austin com o estruturalismo. Ao contrário, a maneira engenhosa, a flexibilidade de como Austin trata a linguagem através da "visão performativa" é que proporciona esta aproximação; mas, jamais dentro de uma abordagem estruturalista francesa, da qual Austin estava bem longe.

Por outro lado, fazer uma aproximação da filosofia analítica inglesa com o positivismo acredito ser uma postura inadequada. Vejamos o que afirma Urmson:

(...) nous ne nous sentons pas obligés d'examiner en détail aujourd'hui les thèses du positivisme, sinon

pour dire que ceux qui nomment "positivisme" la philosophie anglaise actuelle, se trompent lourdement; car elle se distingue de l'école de Vienne à la fois par une méthode d'analyse très différente de la première, et par les intentions philosophiques qui la caractérisent. (1962, p. 14)

Em seguida, ao diferenciar Wittgenstein dos filósofos de Oxford, Urmson (cf. p. 21) diz que, para o primeiro, a análise é o único método filosófico válido; e para os segundos, a análise é um estudo válido entre vários outros, não se pretendendo que seja suficiente para resolver todos os problemas filosóficos. Assim, diria que Austin, enquanto um filósofo analítico inglês tem um projeto sobre a linguagem humana que vai além do projeto wittgensteiniano, já que as reflexões de Austin atingem várias áreas de estudo da linguagem, enquanto que Wittgenstein, de certo modo, fica restrito a um "mundo filosófico" na tentativa de dar conta deste mundo. Dito de outro de modo, é inegável que há algumas semelhanças entre Wittgenstein e Austin, como vimos anteriormente. Entretanto podemos fazer, inspirados em Urmson, uma distinção que está próxima à distinção que Ruby (1990) faz entre os pós-modernos e os neo-modernos. Entre os primeiros, no qual incluo Austin, há um rompimento com uma cultura anterior (a moderna): eles não se apóiam numa cultura conservadora, já que "la post-modernité s'enferme dans une pensée et une activité qui ne consistent en rien d'autre qu'en un renversement de la modernité (p. 17)". Os segundos, por sua vez, os neo-modernos, dentro os quais se localiza Wittgenstein, procuram recuperar uma "modernidade inacabada", identificando-se com a universalidade e a razão moderna.

(cf. pp. 151-154).

Se admitirmos relações entre Foucault e Austin sobre a linguagem humana, como coloquei acima, teremos mais dificuldades para assumir a tese defendida pelos "desconstrutivistas", já que Austin também questionou e de certo modo mostrou o ponto crítico da filosofia tradicional através de suas técnicas de análise da linguagem ordinária fazendo um questionamento da atuação de uma ciência lingüística empírica e de uma "filosofia tradicional" através das discussões sobre a performatividade.

Austin, ao romper com uma visão positivista da linguagem humana, teve que partir de certas "influências e pressupostos" para poder "dialogar", para "falar" com seus opositores (o seu oposto). E é justamente neste ponto, neste lugar que Derrida se aproxima de Austin e constrói sua crítica.

Concluindo, a "visão performativa" é uma postura pós-moderna frente à linguagem humana e que pode ser tomada de duas maneiras: numa primeira, pode-se dizer que as reflexões de Austin estão presentes num momento histórico do surgimento da pós-modernidade; numa segunda, o que vai caracterizar a pós-modernidade de Austin é a ruptura, a reviravolta (inevitável) que seu pensamento proporcionou.

Exemplificando esta observação vejamos como Lyotard (cf. pp. 88-89) critica a "filosofia" positivista da eficiência:

L'expansion de la science ne se fait pas grâce au positivisme de l'efficience. C'est le contraire: travailler à la preuve, c'est rechercher et "inventer" le contre-exemple, c'est-à-dire l'inintelligible; travailler à l'argumentation, c'est rechercher le

"paradoxe" et le légitimer par de nouvelles règles du jeu de raisonnement. (...) le trait frappant du savoir scientifique post-moderne est l'immanence à lui-même, mais explicite, du discours sur les règles qui le valident.

Esta aproximação se dá através da instabilidade que a argumentação austiniana provoca, por um lado, na "ciência linguística; - não devemos nos esquecer da ruptura que propõe Benveniste e no modo pelo qual a "visão performativa" pode desorganizar esta "ciência" - ; por outro lado, na filosofia: a necessidade de se repensar a eficiência positiva, à maneira de Searle/Vanderveken com suas "lógicas ilocucionárias" que se distanciam da proposta performativa de Austin.

Austin não surge por acaso: ele é o porta-voz de todo um processo planejado pela história para se tornar a figura mais importante desse processo. Austin deixou um espaço conflitante no seu raciocínio, que é inerente ao inovador, e que o destino, não por acaso, proporcionou.

Conclusão

O principal objetivo desta tese foi apresentar as reflexões de Austin centralizadas no fenômeno da performatividade e discutir a nova "visão da linguagem humana" que elas proporcionaram a partir de sua análise da linguagem ordinária. Esta "visão" é resultado das propostas da filosofia analítica inglesa, da qual Austin foi um dos maiores representantes. Ele pôs em discussão as fronteiras entre a ciência lingüística e a filosofia tradicional e também a separação entre o Sujeito e o Objeto nas análises da linguagem humana. É deste modo que esta visão performativa se opõe a uma abordagem positivista e estritamente formal (descritiva) da linguagem humana.

Vejamos algumas das principais conclusões desta tese:

- a) As discussões em torno do fenômeno da performatividade põem em xeque as fronteiras entre a lingüística e a filosofia e propõem a necessidade de se repensar estas fronteiras, ou seja, o questionamento da barreira entre as duas disciplinas já nos revela, por si, que a visão performativa está na base das re-

flexões de Austin.

- b) O trabalho empírico em torno da performatividade tem se mostrado insuficiente e até dificultador de uma análise mais ampla deste fenômeno. Por isso, um dos objetivos deste trabalho foi dar subsídios para se poder realizar uma análise mais profunda deste fenômeno, possibilitando concebê-lo como uma área de estudo da linguagem humana.
- c) Na sua grande maioria os trabalhos desenvolvidos sobre os "atos de fala" pela "lingüística oficial", através de Searle - considerado um dos herdeiros diretos de Austin, - fogem às propostas originais deste e as modificam substancialmente.
- d) Austin foi um pensador que produziu um trabalho de extrema originalidade ao analisar a linguagem humana. Suas idéias conseguiram provocar uma "sea-change" nos estudos da linguagem humana, transição radical que surte efeitos até hoje ao eliminar a distinção entre os enunciados performativos e os constativos.
- e) A "virada lingüística" provocada por Austin influenciou várias áreas e sub-áreas que estudam a linguagem humana, as quais apropriam-se das "idéias" austinianas, cada uma a sua maneira.
- f) A "apropriação" das idéias austinianas, que pode ser verificada através da utilização abusiva das noções de "ato de fala",

"illocucionário" e "performativo", deveria ser feita mais cautelosamente pelas várias correntes diferentes e divergentes, uma vez que estas noções são momentos, no interior do pensamento austiniano; as idéias de Austin deveriam ser melhor definidas quando utilizadas por uma área de estudo da linguagem humana com interesses específicos, de maneira a levar em conta a visão performativa que não privilegia somente os aspectos empíricos dessas noções, mas as relações e as implicações que mantém com toda uma concepção da linguagem humana.

- g) As críticas desconstrutivistas feitas à obra de Austin têm seu fundamento e sua importância enquanto um procedimento de abordagem e de reflexão sobre a linguagem. Entretanto, pode-se dizer que Austin, ao analisar o fenômeno da performatividade, foi também, até certo ponto, um "desconstrutor" de uma filosofia e de uma lingüística tradicional de maneira até certo ponto próxima àquela desenvolvida hoje por esta corrente de pensamento.
- h) O fenômeno da performatividade começa a ser desenvolvido por Austin num momento muito preciso da história do pensamento contemporâneo, ou seja, no pós-guerra. Deste modo, a visão performativa da linguagem, por um lado, pode ser identificada cronologicamente com a pós-modernidade e por outro, enquanto visão pós-moderna, desorganiza a ciência lingüística estabelecida, provocando e propondo uma nova maneira de encarar o "saber" contemporâneo sobre a linguagem humana.

- i) Austin introduz, através da visão performativa, uma relação insolúvel entre Sujeito/Objeto. O Sujeito e o Objeto, para Austin, o eu e o não eu, se fundem, passando ambos a fazer parte da significação.
- j) Esse trabalho não é uma exegese dos textos de Austin. Trabalhei somente com os textos que considerei fundamentais para discutir e propor a visão performativa da linguagem humana. Esta visão, apesar de fundamentada somente em alguns textos, poderá agora proporcionar uma leitura da obra austiniana como um todo.
- k) Na visão performativa, o Sujeito falante (empírico) se constitui como Sujeito através do uptake que sendo o lugar do deslocamento da intencionalidade do Sujeito falante, subverte o papel centralizador deste Sujeito.

As conclusões gerais deste trabalho, que acabamos de enumerar, nos evidenciam o caráter inovador do pensamento austiniano. Sua inovação nas reflexões sobre a linguagem humana abre um espaço conflitante que este meu trabalho procurou percorrer.

Referências Bibliográficas

- AUSTIN, J. L. (1946) "Other Minds". In Philosophical Papers. pp. 76-116. (traduzido por Marcelo Guimarães da Silva Lima. In Os Pensadores, 4ª ed. São Paulo: Nova Cultural-1989).
- AUSTIN, J. L. (1950) "Truth". In Philosophical Papers. pp. 117-133.
- AUSTIN, J. L. (1953) "How to Talk - some simple ways". In Philosophical Papers, pp. 134-153.
- AUSTIN, J. L. (1956) "A Plea for Excuses". In Philosophical Papers, pp. 175-204.
- AUSTIN, J. L. (1956) "Performative Utterances". In Philosophical Papers, pp. 233-252.
- AUSTIN, J. L. (1958) "Performatif-Constatif". In La Philosophie Analytique - Cahiers de Royaumont, pp. 271-281.
- AUSTIN, J. L. (1958) "Three Ways of Spilling Ink". In Philosophical Papers, pp. 272-287.
- AUSTIN, J. L. (1961) Philosophical Papers. Oxford University Press.
- AUSTIN, J. L. (1962) How to do Things with Words. Harvard University Press.
- AUSTIN, J. L. (1962) Sense and Sensibilia. Oxford at the Clarendon Press.
- AYER, A. J. (1969a) "Has Austin Refused Sense-data?". In K. T. FANN (ed.) pp. 284-308.
- AYER, A. J. (1969b) "Rejoinder to Professor Ferguson", In K. T. FANN (ed.) pp. 342-348.

- BENVENISTE, E. (1958a) "De la Subjectivité dans le langage". In Problèmes de Linguistique Générale I. Paris: Editions Gallimard.
- BENVENISTE, E. (1958b) "Les Verbes Délocutives". In Problèmes de Linguistique Générale I. Paris: Editions Gallimard.
- BENVENISTE, E. (1963) "La Philosophie Analytique et le Langage". In Problèmes de Linguistique Générale. 1. Paris: Editions Gallimard.
- BENVENISTE, E. (1967) "La Forme et le Sens dans le Langage". In Problèmes de Linguistique Générale. 2. Paris: Editions Gallimard.
- BENVENISTE, E. (1969). "Sémiologie de la langue". In Problèmes de Linguistique Générale II. Paris: Editions Gallimard.
- BENNETT, J. (1969) "'Real'", In K. T. FANN (ed.) pp. 267-283.
- BERLIN, I. (1973 ed.) Essays on J. L. Austin. Oxford University Press.
- BERLIN, I. (1973) "Austin and Early Beginnings of Oxford Philosophy". In BERLIN (ed.) pp. 1-16.
- BLACK, M. (1969) "Austin on Performatives". In K. T. FANN (ed.) pp. 401-411.
- BROWN, R. (1962) "J. L. Austin Philosophical Papers and Sense and Sensibilia". In Australasian Journal of Philosophy 40, pp. 347-365.
- BROWN, R. (1963) "Review of How to Do Things with Words and Fulberg's Locutionary and Illocutionary Acts". In Australasian

Journal of Philosophy 41, pp. 417-424.

CAUSSAT, P. (1985) "La Subjectivité en Question". In Langage 77, pp. 43-54.

CAVELL, S. (1969) "Austin at Criticism", In K. T. FANN (ed.) pp. 59-75.

CERF, W. (1969) "Critical Review of How to do Things With Words". In K. T. FANN (ed.) pp. 351-379.

CHISHOLM, R. M. (1969) "Austin's Philosophical Papers". In K. T. FANN (ed.) pp. 101-126.

COHEN, L. J. (1969) "Do Illocutionary Forces Exist?" In K. T. FANN (ed.) pp. 101-126.

CULLER, J. (1982) "Meaning and Interability". In On Deconstructions. Londres: Routledge & Kegan Paul.

DELEUZE, G. (1969) "Un Nouvel Archiviste". In Foucault. Paris: Les Editions de Minuit.

DERRIDA, J. (1972) "Signature Evènement Contexte", In Marges de la Philosophie. Paris: Les Editions de Minuit.

DERRIDA, J. (1977) "Limited Inc. a b a ...". In Glyph. Johns Hopkins Textual Studies 2, pp. 162-254.

DUCROT, O. (1972a) "De Saussure à la philosophie du langage" In Les Actes de Langage, SEARLE, J. R. , Paris: Hermann. Introdução pp. 7-34.

DUCROT, O. (1972b) "La notion de presupposition: l'acte de presupposer". In Dire et ne pas dire. Paris: Hermann, pp. 69-101.

- DUCROT, O. (1984) "Langage, Métalangage et Performatifs". In Le Dire et le Dit. Paris: Les Editions de Minuit, pp. 117-148.
- EDMONDSON, J. W. (1979) "Harris on Performatives". In Journal of Linguistics 15, pp. 331-334.
- EDMONDSON, J. W. (1983) "The descriptivist and performatives (again)". In Journal of Linguistics 19, pp. 183-185.
- FANN, K. T. (1969 ed.) Symposium on J. L. AUSTIN. London: Routledge & Kegan Paul.
- FELMAN, S. (1980a) Le Scandale du Corps Parlant. Paris: Editions du Seuil.
- FELMAN, S. (1980b) "La fatalité analytique, ou la machine en acte". In Confrontation 3, pp. 5-10.
- FINGARETTE, H. (1967) "Performatives". In American Philosophical Quarterly vol. 4 n° 1, pp. 39-48.
- FINLAY, M. (1988) "Deconstructing Austin's pragmatics: 'An idle teatable amusement' (Russell) or an epistemological solution to the crisis of representation?", In Semiotica 68, pp. 7-31.
- FIRTH, R. "Austin's Argument From Illusion", In K. T. FANN (ed.) 254-266.
- FISH, S. E. (1980) "How to do Things with Austin and Searle: Speech-Act Theory and Literary Criticism". In Is There a Text in This Class? Harvard University Press.
- FISH, S. E. (1982) "With the Compliments of the Author: Reflections on Austin and Derrida". In Critical Inquiry 8, pp. 693-721.

- FORGUSON, L. W. (1969a) "Austin's Philosophy of Action". In K. T. FANN (ed.) pp. 127-147.
- FORGUSON, L. W. (1969b) "Has Ayer Vindicated the Sense-Data Theory?". In K. T. FANN (ed.) pp. 309-341.
- FORGUSON, L. W. (1969c) "In pursuit of Performatives". In K. T. FANN (ed.) pp. 412-419.
- FORGUSON, L. W. (1973) "Locutionary and Illocutionary Acts". In I. BERLIN (ed.) pp. 160-185.
- FOUCAULT, M. (1969) L'Archéologie du Savoir. Paris: Editions Gallimard.
- FURBERG, M. (1969) "Meaning and Illocutionary Force". In K. T. FANN (ed.) pp. 445-468.
- GOCHET, P. (1971) "Avant-Propos". In Le Langage de la Perception J-L. Austin. Paris: Librairie Armand Colin, pp. 5-16.
- HAMPSHIRE, S. (1969a) "J. L. Austin, 1911-1960". In K. T. FANN (ed.) pp. 33-48.
- HAMPSHIRE, S. (1969b) "A Symposium on Austin's Method" (3^e parte) In K. T. FANN (ed.), pp. 90-97.
- HARDIE, W.F.R. (1963) "Austin on Perception". In Philosophy 38, pp. 253-263.
- HARE, R. M. (1971) "Austin's Distinction between Locutionary and Illocutionary Acts". In Practical Inferences. University of California Press.
- HARRIS, R. (1978) "The descriptive interpretation of performative utterances". In Journal of Linguistics 14, pp. 309-310.

- HARROD, Sir Roy (1963) "Sense and Sensibilia". In Philosophy 38, pp. 227-241.
- HINTIKKA, M. B. E HINTIKKA, J. (1986) "Language-games in Wittgenstein's Later Thought". In Investigating Wittgenstein. Oxford: Basil Blackwell, pp. 212-240.
- HIRST, R. J. (1969) "A Critical Study of Sense and Sensibilia", In K. T. FANN (ed.) pp. 242-253.
- JOHNSON, B. (1985) "Poetry and Performative Language: Mallarmé and Austin" In The Critical Difference. Baltimore: The Johns Hopkins University Press.
- LAKOFF, G. (1972) "Linguistics and Natural Logic". In Semantics of Natural Language. Dordrecht: Reidel Publishing Company.
- LANE, G. (1970) "Introduction". In Quand dire, c'est faire, J-L Austin, Paris: Editions du Seuil, pp. 7-32.
- LAZEROWITZ, M. (1963) "Austin's 'Sense and Sensibilia'". In Philosophy 38, pp. 242-252.
- LEVINSON, S. C. (1985) "Speech Acts". In Pragmatics. Cambridge University Press, pp. 226-283.
- LYOTARD, J-F (1979) La Condition Postmoderne. Paris: Les Editions de Minuit.
- MORENO, A. R. (1985) Wittgenstein - ensaio introdutório. Rio de Janeiro: Livraria Taurus Editora.
- NEW, C. G. (1969) "A Plea for Linguistics". In K. T. FANN (ed.) pp. 148-165.

- NORRIS, C. (1984) "Desconstruction, Naming and Necessity: Some Logical Options", In Journal of Literary Semantics 13, PP. 159-180.
- NOWALL SMITH, P. H. (1969) "Ifs and Cans". In K. T. FANN (ed.) pp. 166-181.
- OTTONI, P. (1988) "Performativo: Austin e Benveniste". In Estudos Lingüísticos, XVI, PP. 221-228.
- OTTONI, P. (1990) "John Langshaw Austin e a Epidemia Científica", In Estudos Lingüísticos, XIX, pp. 543-549.
- PEARS, D. (1969) "An Original Philosopher", In K. T. FANN (ed.) pp. 49-58.
- PEARS, D. F. (1973) "Ifs ans Cans". In I. BERLIN (ed.) pp. 90-140.
- PHILLIPS, R. L. (1964) "Austin and Berkeley on Perception". In Philosophy 39, pp. 161-163.
- LA PHILOSOPHIE ANALYTIQUE - Cahiers de Royaumont (1962). Paris: Les Editions de Minuit.
- PITCHER, G. (1973) "Austin: a personal memoir". In I. BERLIN (ed.) pp. 17-30.
- QUINE, W. V. O. (1969) "A Symposium on Austin's Method" (2ª parte) In K. T. FANN (ed.) pp. 86-90.
- RAJAGOPALAN, K. (1984) "The Harris-Edmondson dispute: identifying the strawmen". In Journal of Linguistics 20, pp. 251-256.
- RAJAGOPALAN, K. (1989) "Atos Ilocucionários como Jogos da Linguagem". In Estudos Lingüísticos, XVIII, pp. 523-530.

- RAJAGOPALAN, K. (1990a) "UPTAKE". In Estudos Lingüísticos, XIX, pp. 573-579.
- RAJAGOPALAN, K. (1990b) "A Genealogia do 'Ato Rético'". (manuscrito inédito).
- RAJAGOPALAN, K. (1990c) "Dos Dizeres Diversos em Torno do Fazer". In Delta, vol. 6, nº 2, pp. 223-254.
- RAJAGOPALAN, K. (1990d) "Ilocução, Locução e a Forma Lingüística". (manuscrito inédito).
- RECANATI, F. (1979) La Transparence et l'énonciation. Paris: Editions de Minuit.
- RECANATI, F. (1981) Les Enoncés Performatifs. Paris: Editions de Minuit.
- RORTY, R. "Metaphilosophical Difficulties of Linguistic Philosophy". In The Linguistic Turn. The University of Chicago Press.
- ROSS, J. R. (1970) "On Declarative Sentences". In Reading in English Transformational Grammar. Massachusetts: Waltham.
- RUBY, C. (1990) Le Champ de Bataille - post-moderne/neop-moderne. Paris: Éditions l'Harmattan.
- SADOCK, J. M. (1974) Toward a Linguistic Theory os Speech Acts. New York: Academic Press.
- SBISA, M. (1983) "Actes de Langage et (Acte d')Enontiation". In Langages 70, pp. 99-106. Paris: Larousse.

- SEARLE, J. R. (1965) "What is a Speech Act?" In The Philosophy of Language. 1970. Oxford University Press.
- SEARLE, J. R. (1969) "Assertions and Aberrations". In K. T. FANN (ed.) pp. 205-218.
- SEARLE, J. R. (1970) Speech Acts - an Essay in the Philosophy of Language. Cambridge University Press.
- SEARLE, J. R. (1973) "Austin on Locutionary and Illocutionary Acts". In I. BERLIN (ed.) pp. 141-159.
- SEARLE, J. R. (1976) "Toward a linguistic theory of speech act". In Language vol. 52 n° 4, pp. 966-971.
- SEARLE, J. R. (1977) "Reiterating the Differences: A Reply to Derrida". In Glyph, Johns Hopkins Textual Studies 2, pp. 198-208.
- SEARLE, J. R. (1979) "A taxonomy of illocutionary acts". In Expression and Meaning - Studies in the Theory of Speech Acts. Cambridge University Press.
- SEARLE, J. R. (1981) "Speech Acts and Recent Linguistics" In Expression and Meaning. Cambridge University Press.
- SEARLE, J. R. (1983) Intentionality - An essay in the philosophy of mind. Cambridge University Press.
- SEARLE, J. R. (1989) "How Performatives Work". In Linguistics and Philosophy vol. 12 n° 5, pp. 535-558.
- SEARLE, J. R. e VANDERVEKEN, D. (1985) Foundations of Illocutionary Logic. Cambridge University Press.

- SESONSKE, A. (1965) "Performatives". In The Journal of Philosophy vol LXII, nº 12, pp. 459-468.
- SOUZA FILHO, D. M. de (1984a) Filosofia, Linguagem e Comunicação. São Paulo: Cortez Editora.
- SOUZA FILHO, D. M. de (1984b) Language and Action. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.
- SOUZA FILHO, D. M. de (1990) "A Filosofia da Linguagem de J. L. Austin". In Quando Dizer é Fazer - palavras e ação, J. L. Austin. Porto Alegre: Artes Médicas, pp. 7-17.
- SPIELMANN, R. W. (1980) "Performative utterances as indexical expressions - comment on Harris". In Journal of Linguistics 16, pp. 89-93.
- STRAWSON, P. F. (1969) "Intention and Convention in Speech Acts". In K. T. FANN (ed.) pp. 380-400.
- STRAWSON, P. F. (1973) "Austin and 'Locutionary Meaning'". In I. BERLIN (ed.) pp. 46-68.
- TAYLOR, T. J. e WOLF, G. (1981) "Performatives and the descriptivist's dilemmas". In Journal of Linguistics 17, pp. 329-332.
- THALBERG, I. (1969) "Austin on Abilities". In K. T. FANN (ed.) pp. 182-204.
- URMSOON, J. O. (1962) "L'Histoire de l'analyse". In La Philosophie Analytique - Cahiers de Royaumont. Paris: Les Editions de Minuit, pp. 11-39.
- URMSOON, J. O. (1969a) "Austin's Philosophy". In K. T. FANN (ed.) pp. 22-32.

- URMSON, J. O. (1969b) "A Symposium on Austin's Method" (1st parte). In K. T. FANN (ed.) pp. 76-86.
- VANDER VERR, G. L. (1964) "Austin on Perception". In Review of Metaphysics 17, pp. 557-567.
- VENDLER, Z. (1970) "Les performatifs en perspective". In Langages 17, pp. 73-90.
- WACHTEL, T. (1980) "Going through the motions". In Journal of Linguistics 16, pp. 85-88.
- WARNOCK, G. J. (1969) "John Langshaw Austin, A Biographical Sketch". In K. T. FANN (ed.) pp. 3-21.
- WARNOCK, G. J. (1973a) "Saturday Mornings". In I. BERLIN (ed.) pp. 31-45.
- WARNOCK, G. J. (1973b) "Some Types of Performative Utterance". In I. BERLIN (ed.) pp. 69-89.
- WHEATLEY, J. (1969) "Austin on Truth". In K. T. FANN (ed.) pp. 226-239.
- WHITE, A. R. (1969) "Mentioning the Unmentionable". In K. T. FANN (ed.) pp. 219-225.
- WITTGENSTEIN, L. (1979) Investigações Filosóficas. São Paulo: Abril Cultural. (Tradução de José Carlos Bruni).